

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

LUIZA GIANNOTTI TROCCOLI

PATIOS MILITANTES:
A JUVENTUDE DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO NOS DISCURSOS
DE CRISTINA KIRCHNER

Versão corrigida

São Paulo

2023

LUIZA GIANNOTTI TROCCOLI

Versão corrigida

PATIOS MILITANTES:
A JUVENTUDE DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO NOS DISCURSOS
DE CRISTINA KIRCHNER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Maria Teresa
Celada

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T843p Troccoli, Luiza Giannotti
 Pátios Militantes: a juventude do passado, do
 presente e do futuro nos discursos de Cristina
 Kirchner / Luiza Giannotti Troccoli; orientadora
 Maria Teresa Celada - São Paulo, 2023.
 116 f.

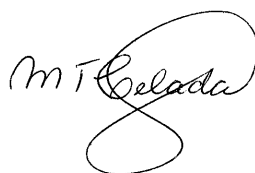
Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas
Espanhola e Hispano-Americana.

1. Argentina. 2. Cristina Kirchner. 3. Discurso
político. 4. Análise do discurso. 5. Semântica da
enunciação. I. Celada, Maria Teresa, orient. II.
Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Luiza Giannotti Troccoli****Data da defesa: 02/08/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): María Teresa Celada**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/09/2023



María Teresa Celada

*Soy, soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano
El sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta con frijoles
Soy Maradona contra Inglaterra anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy América Latina
Un pueblo sin piernas, pero que camina*

Calle 13

*En la lucha de clases
todas las armas son buenas
piedras
noches
poemas*

Paulo Leminski

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à toda minha família, em especial aos meus pais, Elaine e Francisco, e meu irmão, Tiago, que sempre me apoiaram em todas as minhas empreitadas, e sempre respeitaram minhas opções e a trajetória que eu quis trilhar, seja nos estudos, na profissão, no projeto de vida. Agradeço às minhas duas avós, Dina e Cleonice, mulheres valentes que sempre serão grandes exemplos. E agradeço ao Zeca, meu companheiro de vida e de luta, presente em todos os momentos.

Também serei sempre grata aos meus companheiros e companheiras de militância, de quem aprendi e aprendo todos os dias e com quem compartilho um mesmo sonho. Obrigada ao Movimento Brasil Popular, que com novo vigor tem me mostrado novos caminhos de esperança. Obrigada à Escola Nacional Paulo Freire, onde me encontrei como educadora popular e conectei as duas pontas da vida, minha profissão e minha militância. Obrigada à Consulta Popular e ao Levante Popular da Juventude, onde me forjei como militante e aprendi a ser quem sou. Obrigada ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais sem Terra, farol de todos nós.

Obrigada aos professores Paula Salerno e Adrian Fanjul, que tiveram participação na minha banca e contribuíram de diversas maneiras ao longo da realização do meu trabalho, obrigada à minha orientadora Maite, que sempre me incentivou a dar o meu melhor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

TROCCOLI, Luiza Giannotti. *Patios Militantes: a juventude do passado, do presente e do futuro nos discursos de Cristina Kirchner*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A partir do ano de 2013, na Argentina, começam a ter lugar os chamados *Patios Militantes*, momentos em que a então presidenta Cristina Fernández de Kirchner recebia as juventudes de organizações de sua base de apoio nos pátios da Casa Rosada, proferindo discursos que sucediam suas cadeias nacionais. Esses *Patios Militantes* se tornaram recorrentes, sendo momentos de interlocução direta com a militância política jovem ao longo de seu segundo mandato. Com o passar do tempo, se converteram em um espaço privilegiado para a construção de um coletivo de identificação: a juventude militante política. Essa interlocução de CFK com os jovens será usada como forma de interpelar a juventude de modo a construir um espaço de legitimação de seus governos. Nosso trabalho parte da perspectiva da semântica da enunciação em diálogo com a análise do discurso de linha materialista e se debruça sobre discursos proferidos durante os *Patios Militantes*. Observaremos em especial três operações discursivas: o recurso ao gênero testemunhal, a delimitação de um Outro negativo, e a construção de uma “genealogia da juventude militante”, na qual se conectam a juventude da geração de 1970 (da qual a mandatária faz parte), a juventude militante da atualidade, e uma projeção de juventude do futuro, em uma representação da temporalidade que funde o acúmulo da juventude do passado, do presente e a projeção de futuro.

Palavras-chave: *Patios Militantes*; Juventude; Discurso político; Cristina Kirchner; Argentina

Resumen

TROCCOLI, Luiza Giannotti. Patios Militantes: la juventud del pasado, del presente y del futuro en los discursos de Cristina Kirchner. Tesis (Maestría). Facultad de Filosofía, Letras e Ciencias Humanas. Universidad de São Paulo, São Paulo, 2023.

A partir del año 2013, en Argentina, comenzaron a darse los llamados Patios Militantes, momentos en los que la entonces presidenta Cristina Fernández de Kirchner recibía las juventudes de organizaciones de su base de apoyo en los patios de la Casa Rosada, pronunciando discursos que seguían sus cadenas nacionales. Esos Patios Militantes se volvieron recurrentes, siendo momentos de interlocución directa con la militancia política joven a lo largo de su segundo mandato. Con el tiempo, se convirtieron en un espacio privilegiado para la construcción de un colectivo de identificación: la juventud militante política. Esa interlocución de CFK con los jóvenes será utilizada como forma de interpelar la juventud de modo a construir un espacio de legitimación de sus gobiernos. Nuestro trabajo parte de la perspectiva de la semántica de la enunciación en diálogo con el análisis del discurso de línea materialista y se centra en los discursos pronunciados durante los Patios Militantes. Observaremos en particular tres operaciones discursivas: el recurso al género testimonial, la delimitación del Otro negativo y la construcción de una “genealogía de la juventud”, en la cual se conectan la juventud de la generación del 1970 (de la cual la mandataria forma parte), la juventud actual y una proyección de juventud del futuro, en una representación de la temporalidad que fusiona la acumulación de jóvenes del pasado, del presente y la proyección del futuro.

Palabras clave: Patios Militantes; Juventud; Discurso político; Cristina Kirchner; Argentina

Abstract

TROCCOLI, Luiza Giannotti. *Patios Militantes: the youth of past, present and future in Cristina Kirchner's speeches*. Dissertation (Master). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Since 2013, in Argentina, the so-called “Patios Militantes” began to take place, moments in which the president Cristina Fernández de Kirchner received young people from organizations of her support base in the courtyards of the *Casa Rosada*, delivering speeches that followed her national chains. These “Patios Militantes” became recurrent, being moments of direct interlocution with young political militancy throughout her second term. Over time, they became a privileged space for the construction of an identification collective: the militant political youth. This interlocution between CFK and young people will be used as a way of interpellation of the youth in order to build a space for legitimizing her governments. Our paper is under the perspective of the semantics of the enunciation in dialogue with the analysis of discourse of the materialist line and focuses on speeches given during the *Patios Militantes*. We will observe three discursive operations in particular: the use of the testimonial genre, the delimitation of a negative Other, and the construction of a “genealogy of militant youth”, in which the youth of the 1970s generation (of which the ex-president is a part of) the militant youth of today, and a projection of youth of the future are connected, in a representation of temporality that fuses the accumulation of youth from the past, the present and the future projection.

Keywords: Patios Militantes; Youth; Political discourse; Cristina Kirchner; Argentina

Sumário

Introdução	10
Prefácio: a juventude e a gestão dos <i>Patios Militantes</i>	14
Capítulo 1: a cena de <i>Patios Militantes</i>	29
1. Os primeiros <i>patios militantes</i>	29
2. Nosso olhar sobre os <i>patios militantes</i> : conceitualização	33
2.1 A cena enunciativa.....	33
2.2 O balcón.....	39
2.3 A porta-voz	44
2.4 A cenografia.....	47
Capítulo 2: A configuração de si e do outro	53
1. O discurso político	54
2. O testemunho	61
3. O Outro negativo.....	68
Capítulo 3: A genealogia da juventude	90
1. Uma história comum: o coletivo de identificação	90
2. Um compromisso comum: a genealogia da juventude	94
Considerações Finais	109
Referências Bibliográficas	112
Bibliografia Consultada	116

Introdução

O momento de escrita da introdução de um trabalho é sempre um momento de final de um ciclo. Após um longo processo de pesquisa, leituras, sistematização de ideias, e gestação de uma dissertação, meu leitor começará pelo meu ponto de chegada, minha própria reconstituição, rememoração e ressignificação do que foi o processo de execução de um mestrado e uma apresentação do que está por vir nas próximas páginas. Essa será a minha introdução.

O início deste trabalho tem parte no que posso chamar de uma reconciliação com o espaço acadêmico. Em minha trajetória, foi a partir da vivência enquanto militante no contexto dos movimentos populares que abri meus olhos pela primeira vez para observar, interpretar e tentar compreender a realidade que nos cerca. Meu processo de tomada de consciência das disputas de poder e as diversas interpretações do mundo, portanto, se deu a partir da experiência nas lutas e práticas de organização popular.

Apesar do estudo de base marxista que absorvi na formação política ao longo dos anos de militância, foi na medida em que entrei em contato com a Análise do Discurso que comecei a compreender com mais profundidade o que, de fato, significa a necessária conjunção entre teoria e prática. Foi nesse processo que me dei conta de que poderia, através das lentes da universidade, olhar para o mundo que eu vivenciava e tentava transformar, e assim, ter minha atuação política potencializada. Percebi que o tipo de conhecimento que é produzido nesse espaço deve ser disputado, em nome de uma universidade que possa cumprir seu papel social de fato, a construção de uma ciência popular.

O marco inicial deste trabalho foi uma inquietação pela questão da memória e pela construção de identidades. Para melhor compreender essas questões, busquei na Análise do Discurso um dispositivo teórico que me permitiu ampliar a visão que tinha a respeito do funcionamento social da linguagem, da memória, da ideologia, da “realidade”, e da luta para transformá-la. Inicialmente, o tema pretendido para a pesquisa era compreender como, da perspectiva dos movimentos populares, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), se construíam representações sobre a América Latina e como, a partir da narrativa do movimento, se deslocavam e produziam identidades atravessadas pela experiência colonial.

No percurso seguido para observar esses aspectos, me senti interpelada a compreender o funcionamento do discurso político, com suas regularidades e sua potência muito

particulares. Assim, na América Latina, sobre a qual já estava o meu olhar, vi transbordar uma série de possibilidades de estudo nesse campo: a disputa, o convencimento, a construção de maiorias, a palavra que se converte em ação política de muitos. Por isso, quando submeti meu projeto a aprovação para este programa de pós-graduação, escolhi deter meu olhar sobre a Argentina, país de intensa tradição de manifestações de rua e participação popular, que teve sua história atravessada por ícones do discurso político latino-americano como Juan Domingo Perón e Eva Perón.

Meu objetivo inicial era analisar como se representa no discurso político da ex-presidenta argentina Cristina Fernández de Kirchner (daqui em diante CFK) uma América Latina cindida, marcada pela intervenção externa, e na qual conviviam projetos políticos contraditórios. Meu ano de ingresso no programa, porém, foi marcado por uma transformação fundamental na política brasileira e por consequência no cenário político latino-americano. Foi o primeiro ano de mandato presidencial de Jair Bolsonaro, eleito em um contexto de grande fragilização de nossas estruturas democráticas: o impeachment sem crime de responsabilidade de Dilma Rousseff, o mandato golpista de Michel Temer e a prisão por motivos políticos de Lula da Silva, fatos que mostraram no Brasil e na América Latina os resquícios de um passado ditatorial que acreditávamos superado.

Esses acontecimentos trouxeram à tona as lacunas de um processo de redemocratização limitado e lembraram aos setores progressistas brasileiros que a luta política é dinâmica e permanente, avança e retrocede, que a democracia não é um pressuposto em nossa sociedade e que as estruturas de poder em nosso país são mais profundas do que se pode fazer parecer. No ano seguinte, em 2020, o povo brasileiro, e de todo o mundo, foi atravessado por outro acontecimento fundamental, a instalação de uma pandemia de covid-19, que em nosso país não espalhou apenas o vírus, mas também a miséria, a fome e a desesperança.

Em um cenário tão catastrófico, no qual a luta pela sobrevivência se coloca para a maior parte da população como um objetivo diário, como pensar a política? Como pensar em democracia em um país dividido entre aqueles que comem três refeições diárias e aqueles que simplesmente não? E como pensar, nesse contexto, a reverberação de um discurso político? Nos tornamos um país de mais alocutários que locutores. O país da escuta, e não da interlocução.

O caminhar dos acontecimentos políticos no Brasil, portanto, foi guia para minhas inquietações, e o percurso deste trabalho foi sendo redesenhado, e assim, decidi alterar o recorte de análise dentro do discurso político de CFK, e um aspecto que se sobressaiu foi o diálogo direto, estabelecido por essa mandatária, com o interlocutor jovem.

A opção por me debruçar sobre a juventude em específico vem de uma necessidade de colocar em evidência esse setor social que, em tantos momentos, foi protagonista nos processos políticos em diversos países ao redor do mundo. Nos discursos de CFK que abordarei nesta dissertação, a juventude é representada como depositária do acúmulo de distintas gerações que convergem na construção de um projeto de país que se estende no tempo. Tal projeto é representado como um processo histórico com momentos de vitórias e derrotas na conquista de melhores condições de vida para os argentinos. Nessa projeção, essa juventude sintetiza o fazer político na medida em que representa uma esperança de futuro com base no que já foi realizado no passado. Observar o fazer político em sua dimensão intergeracional significa evidenciar que os processos sociais que vivenciamos no presente não se iniciaram e nem se encerram no agora, e a juventude se insere nessa linha do tempo representando a possibilidade da continuidade e/ou de ruptura. Representa o presente, mas também é o futuro, a memória do passado, o acúmulo histórico dos povos que, desde sua fundação, lutam por sua liberdade.

Para abordar esse diálogo encontrei um cenário profícuo: o dos Pátios Militantes (daqui em diante PsMs), que consistiram em momentos nos quais, a partir do ano de 2013, a então presidenta realizava discursos direcionados à juventude militante.

Se em um primeiro momento o que mais me instigava no tema era observar a potência da participação da juventude argentina dentro do espaço de diálogo com a presidenta - experiência diferente da vivenciada no Brasil, mesmo no período de governos progressistas - a análise da materialidade linguística de PsMs me fez ver as contradições e nuances entre o diálogo e o não-diálogo, as potencialidades e limites de uma interlocução na qual está tão marcado o papel da porta-voz, aquele que fala em nome dos jovens. Pensar o fazer democrático a partir da construção de um espaço de escuta, mas que também pode ser tido como espaço de alinhamento político; reflexão essa, na minha opinião, indispensável nesse momento que nos leva a questionar o que de fato é a democracia e a participação popular.

Dessa forma, o objeto deste trabalho é a maneira como os discursos em PsMs interpelam a juventude de modo a aprofundar a relação do governo com esse setor social e aglutinar uma base de apoio para o kirchnerismo. Para tal, meu corpus de pesquisa se constituirá centralmente pelos discursos pronunciados por CFK no contexto dos PsMs, durante seu segundo mandato enquanto presidenta. Trata-se de 17 discursos proferidos entre os anos de 2013 e 2015. Para ter acesso a este corpus, utilizarei vídeos desses discursos encontrados tanto no site oficial da presidência quanto no particular de Cristina Kirchner¹. Também

¹ <<https://www.cfkargentina.com/>> Acesso em 29/04/23

encontrarei apoio na compilação realizada no livro *Patios Militantes: Diálogos de Cristina con los jóvenes, la construcción de una nueva mayoría*, do jornalista Gustavo Cirelli (2016), com as transcrições de tais discursos. Ao longo desta dissertação o leitor verá, nas sequências discursivas trazidas, as referências ao minuto correspondente desses vídeos, quando possível², bem como à página do livro de Cirelli onde a transcrição está localizada.

Esse corpus central operará em nosso trabalho numa necessária articulação com outro menor, integrado por uma série de discursos pronunciados em diferentes momentos, entre 2006 e 2011, por NK e CFK³. Tal corpus, de caráter complementar, funcionará como interdiscurso e nos permitirá conhecer aspectos das condições de produção do processo responsável pela construção de um coletivo de identificação que atingirá maior estabilidade e coesão a partir de 2013, quando CFK dá início aos PsMs.

Os PsMs podem ser considerados espaços privilegiados para o canal de interlocução com a juventude e me permitirão abordar procedimentos discursivos relevantes na configuração desse coletivo de identificação, que será importante como base de apoio do governo Kirchner. O recorte teórico para o trabalho será a semântica da enunciação, de Eduardo Guimarães, em diálogo com a Análise do Discurso de linha materialista. Além disso, também será estabelecida uma interlocução desse arcabouço com os estudos sobre o Discurso Político.

Dessa maneira, o leitor observará que a dissertação está composta, para além desta introdução, por um prefácio e 3 capítulos, seguidos das considerações finais.

No prefácio, abordarei aspectos do processo histórico que desembocou na consolidação dos PsMs, que contribuirá para a contextualização das condições de produção. Essa reconstituição histórica será feita mediante a mobilização de uma série de fragmentos dos discursos de NK e CFK presentes no corpus complementar. No primeiro capítulo, me deterei na configuração discursiva e espacial dos PsMs, apoiando-me centralmente nos conceitos de *cena enunciativa*, de Eduardo Guimarães (2002) e *cenografia*, de Dominique Maingueneau (2008). No segundo capítulo, abordarei como esses discursos delimitam um “eu” e um “outro”, passando pela configuração de um coletivo de identificação através de duas operações discursivas fundamentais: o recurso ao testemunho e a delimitação do Outro negativo. Por fim, no terceiro capítulo, também em relação à configuração de um coletivo de identificação, abordarei uma terceira operação discursiva: a construção da genealogia da juventude, operação para a qual convergem as duas primeiras.

² Para alguns dos discursos trabalhados, não foi possível localizar o vídeo em nossas fontes, e, portanto, nos baseamos apenas nas transcrições.

³ Esses discursos foram selecionados a partir das leituras de Di Marco (2012) e Dagatti (2019)

Prefácio: a juventude e a gestação dos *Patios Militantes*

Tendo o objetivo de abordar como os *Patios Militantes* (PsMs) interpelam a juventude e compõem o processo de construção de uma relação entre o kirchnerismo e esse setor social, nos parece pertinente delimitar com maior clareza esse sujeito, indagando sobre os sentidos da designação “juventude”, bem como o processo social e político argentino que antecede a criação dos PsMs.

Para nossa análise, partimos do pressuposto, assim como nos coloca Luciani (2017, p. 12), de que o conceito de juventude e os sentidos atribuídos a esse setor social são historicamente construídos:

concebimos a la juventud como un constructo histórico-social, es decir, como el modo en que una sociedad - generalmente adultocéntrica - percibe a los jóvenes, impone un rol específico, otorga valores, costumbres que condensan la supuesta esencia de “ser joven”, y cómo eso se traduce en las relaciones intergeneracionales. Así, cada sociedad crea a sus jóvenes

Sarlo (1997, p. 37) amplia essa reflexão, expondo que a própria ideia de juventude enquanto um período intermediário entre a infância e a vida adulta nem sempre existiu da forma como conhecemos, e passar por essa fase transitória entre a infância e o mundo do trabalho era considerado um problema:

Em 1900, a mulher imigrante que já tinha dois filhos não se considerava *tão* jovem aos dezessete anos; seu marido, dez anos mais velho, era um homem maduro. Antes, os pobres só eram jovens excepcionalmente; em seu mundo, passava-se diretamente da infância à cultura do trabalho, e os que não seguissem por esse itinerário entravam na qualificação de excepcionalidade perigosa: delinquentes juvenis, cujas fotos mostram pequenos velhos, como fotografias de meninos raquíticos. Nesse caso, a juventude, mais que um valor, podia chegar a ser considerada um sinal de perigo (esse hábito deu origem à criminologia, mas a polícia o pratica até hoje).

A autora traça um percurso de como a ideia de juventude enquanto um período da vida do indivíduo, mas também um setor social com demandas próprias, vai se forjando historicamente e, por consequência, impulsionando uma identidade coletiva que levava esse setor a atuar como sujeito político. Nesse sentido, acrescenta (ibidem):

se reconheciam como jovens os dirigentes da Revolução Cubana e os que marcharam pelas ruas de Paris em maio de 68. Tendo a mesma idade, os líderes da Revolução Russa de 1917 não eram jovens. A juventude revolucionária do começo do século supunha ter mais deveres a cumprir que direitos a reclamar; seu messianismo, como o das guerrilhas latino-americanas, valorizava o tom moral ou o imperativo político que obrigava os jovens a atuar como protagonistas mais audazes e livres de qualquer vínculo tradicional.

Devemos considerar, portanto, que a ideia de juventude que temos hoje, na qual, em partes, nos baseamos para a análise dos discursos de CFK em PsMs se consolidou social e historicamente. Nesse sentido, podemos dizer que um marco fundamental nesse processo foi a chamada contracultura, na segunda metade da década de 50 e primeira metade da década de 60. Nesse período, não só se consolidava uma identidade e uma cultura próprias da juventude (impulsionadas pelos movimentos artísticos bem como pela indústria cultural) como também internacionalmente se vivenciou uma série de acontecimentos políticos que tinham a juventude como protagonista, por exemplo a Revolução Cubana e os eventos de maio de 1968 na Europa, como já mencionado no excerto anterior de Sarlo.

Sérgio Pujol (2007, p. 308) também aborda essa questão ressaltando:

Es sabido que, a partir de los '60, la juventud se convirtió en un segmento relativamente autónomo – podría agregarse que orgullosamente autónomo – dentro de la sociedad occidental. Estuvo, por un lado, el despertar político, con la presencia modélica de la Revolución Cubana, la figura carismática del Che Guevara. También se manifestó en el estilo de la contracultura, eso que Theodore Roszak denominó “la rebelión de los centauros”⁴.

Ainda no texto referido, Pujol também descreve como a partir de 1966 a nova categoria identificada como “os jovens” passa a caracterizar-se como sendo os principais inimigos do regime, e cada vez mais o campo da revolução em termos de valores, costumes e liberdade sexual se entrelaçam ao campo da atuação política. Nas palavras de Pujol (ibid., p. 315) “la juventud pasó a ser una configuración sociocultural sospechosa” e, nesse sentido, observa (ibidem):

La política y el sexo eran las temáticas que más irritaban al poder, si bien no las únicas. Se le temía la supuesta “infiltración marxista” - si bien no aún con los ribetes paranoicos posteriores al '76 - y toda

⁴ “The invasion of Centaurs”: termo utilizado por Theodore Roszak em sua obra *The making of a counterculture*

exibición corporal que no aceptara los límites de la moral burguesa era considerada obscena, cuando no pornográfica.

Laura Luciani (2017, p. 15), sobre os sentidos que foram sendo consolidados no período da ditadura na Argentina, coloca que com a entrada em cena da juventude na política na década anterior ao golpe de 1976, o regime militar havia identificado que esse novo sujeito precisava ser “desativado” através da construção de novos valores e condutas que o interpelassem. Nesse sentido, segundo a autora (ibid., p. 35), a construção desse discurso

estaba estrechamente ligada a dos cuestiones: la necesidad de generar consenso en amplios sectores sociales, de los que los jóvenes no estaban excluidos, y producir una juventud nueva con capacidad para ser la destinataria de la reformulación institucional propuesta. En este punto debemos considerar que la apelación a ellos no carecía de sentido, si los jóvenes habían tenido en los años previos una visibilidad cada vez mayor, si habían sido la punta de lanza del discurso político de los años previos y habían gestado formas de acción autónomas, desarticular ese vínculo entre política y juventud era una tarea que el nuevo régimen debía abordar.

Aproximando-nos agora do objeto de nosso trabalho, temos como objetivo compreender aspectos do modo como a juventude é interpretada e interpelada na cena enunciativa⁵ de PsMs.

Flax (2015), estudiosa da área dos estudos da linguagem, considera que um aspecto que se pode destacar nos governos de CFK entre 2007 e 2015 é o reposicionamento da juventude como ator político, resgatando seu protagonismo na cena pública nacional. Se as décadas de 60 e 70, como vimos, foram fundamentais para o reconhecimento da juventude enquanto uma identidade coletiva e seu posicionamento como ator político protagonista, o período do regime ditatorial na Argentina contribuiu para “desativar” esse setor. Com base em Di Marco (2012), jornalista argentina, é possível apontar que a década de 90 e a consolidação do neoliberalismo como sistema político e econômico também significaram um período de apatia e pouca movimentação da juventude, o que nos leva a observar o início dos anos 2000 como um momento de relativo apagamento desse setor no tabuleiro de forças políticas da sociedade argentina.

⁵ Para nossa análise, utilizaremos o conceito de *cena enunciativa* de Eduardo Guimarães (2002), que se refere ao modo de assunção da palavra na enunciação, e que abordaremos com maior detalhamento ao longo dos próximos capítulos.

Ainda a partir da leitura de Di Marco (ibid.), podemos observar que, na década de 2000, a relação entre o kirchnerismo e a juventude se foi gestando gradualmente, possibilitando, após longo percurso, a consolidação do espaço dos PsMs, objeto de nosso estudo. Para compreender como isso foi se construindo, nos parece necessário revisar o contexto da Argentina no período, tendo como marco fundamental o ano de 2001, momento no qual se faz evidente, com grandes mobilizações, a grave crise econômica, social e política que, como veremos, já estava instalada como fruto de um processo anterior. Cabe antecipar, também, que a eleição de Néstor Kirchner, em 2003, será um acontecimento relevante para compreender como se chegaria aos PsMs.

Segundo reflexões do cientista político argentino Escudé (2006, p. 20) bem como dos economistas Santarcangelo e Pinazo (2008, p. 4), a ditadura militar que toma o poder na Argentina em março de 1976 instaura um novo padrão econômico no país, com maior abertura ao investimento internacional e com a valorização do mercado financeiro em detrimento da produção industrial. A historiadora brasileira Lidiane Elizabete Friderichs (2017, p. 444) aponta que o regime militar opera um processo de desindustrialização do país e uma “política de desmonte da estrutura econômico social constituída ao longo de décadas” (ibidem). Segundo a autora, é posta em prática uma redefinição do papel do Estado no sentido de aumentar sua submissão à economia externa, alimentando uma grave crise econômica a qual ela considera um dos elementos chave para a queda do regime.

A volta à democracia em 1983, portanto, como concordam em afirmar as autoras já citadas, acontece em meio a uma grave crise econômica, com altas taxas de inflação e endividamento externo e, ainda, como ressalta Friderichs, com “insatisfação generalizada” (ibid., p.445). No período seguinte, apontam Santarcangelo e Pinazo (ibidem), os governos de Raúl Alfonsín (Unión Cívica Radical, 1983-1989) e de Carlos Menem (Partido Justicialista, 1989-1999), através de políticas econômicas que seguiam padrões semelhantes aos do período militar, aprofundaram ainda mais a fragilidade econômica do país. Nesse contexto, o próximo presidente será Fernando de la Rúa (dez/1999-dez/2001), também da União Cívica Radical, quem enfrentará uma forte crise de ordem política e econômica, que vinha se acumulando ao longo dos quase 30 anos prévios, gerando altas taxas de desemprego e depreciação dos salários.

As historiadoras Carrera e Cotarelo (2006, p. 52) apontam que em 2001, como uma resposta à crise econômica que se aprofundava, de la Rúa, com a aprovação do Congresso, implementa a chamada *Ley de déficit cero*, que se baseava na diminuição drástica de gastos estatais, incluindo um corte de 13% nos salários de servidores públicos e aposentados. Além disso, Escudé (2006, p. 67) enfatiza a reforma trabalhista que havia sido aprovada um ano antes e que, na percepção de todos os setores envolvidos, prejudicava imensamente os trabalhadores

de diversas categorias. Em outras palavras, as medidas do governo de la Rúa no tratamento da crise representaram um ajuste fiscal que visava conter o déficit estatal com a aplicação de medidas extremamente antipopulares, resultando na redução repentina de direitos e qualidade de vida para a população.

Carrera e Cotarelo (2003) observam a tendência crescente de mobilizações sociais nesse período, protagonizadas sobretudo pelos movimentos de desempregados e Braga (2016) também aponta a *Ley de déficit cero* como o estopim para a chegada de uma maré de contestação social generalizada. Vejamos o que, nesse sentido, detalham as duas primeiras autoras (2003, p.1):

El 19 y 20 de diciembre se produjo en Argentina un hecho que alcanzó su más alta expresión en la Capital Federal, pero que recorrió la casi totalidad del territorio nacional argentino. Comenzó con varias movilizaciones (el 12 de diciembre) y una huelga general nacional, convocada por las tres centrales sindicales⁶ para el día 13, y manifestaciones de protesta (“cacerolazos”) convocadas por organizaciones de pequeños empresarios. Se desarrolló del 13 al 20 más de 800 saqueos masivos a supermercados y otros comercios, manifestaciones, ataques a edificios públicos, choques callejeros con la policía, cortes de rutas y accesos a ciudades. La noche del 19, después que el gobierno declaró el estado de sitio, comenzaron las multitudinarias manifestaciones hacia la Plaza de Mayo en Buenos Aires y el centro político de las principales ciudades del país, pidiendo “que se vayan” el gobierno y “los políticos”; hubo ataques contra los bancos y empresas privatizadas, edificios gubernamentales y viviendas de funcionarios y políticos que, en numerosos casos, derivaron en choques callejeros con la policía.⁷

Esse contexto de convulsão social desencadeou a indignação popular que se expressou nas diversas formas de mobilização trazidas pelas autoras, e ainda, se fez evidente uma crise

⁶ Aproveitamos a nota produzida com relação à composição dessas centrais pelas próprias autoras. Dizem elas que essas faziam referência naquele momento a: “Confederación General de Trabajo (C.G.T.), dividida en dos centrales que mantienen el mismo nombre y se distinguen por el de su secretario general (C.G.T. Daer y C.G.T. Moyano) y la Central de Trabajadores Argentinos (C.T.A.). Existe una cuarta organización, político-sindical, que agrupa principalmente a desocupados, la Corriente Clasista y Combativa (C.C.C.)”.

⁷ Nos dias 19 e 20 de dezembro ocorreu na Argentina um evento que atingiu sua maior expressão na Capital Federal, mas que abrangeu quase todo o território nacional argentino. Começou com várias mobilizações (no dia 12 de dezembro) e uma greve geral nacional, convocada pelas três centrais sindicais para o dia 13, e manifestações de protesto (“panelaços”) convocadas por organizações de pequenos empresários. De 13 a 20, ocorreram mais de 800 saques em massa de supermercados e outros comércios, manifestações, ataques a prédios públicos, confrontos de rua com a polícia, bloqueios de estradas e acesso a cidades. Na noite do dia 19, depois que o governo declarou estado de sítio, iniciaram-se manifestações massivas em direção à *Plaza de Mayo* de Buenos Aires e ao centro político das principais cidades do país, pedindo “que se vayan” o governo e “os políticos”; houve ataques contra bancos e empresas privadas, prédios do governo e residências de funcionários e políticos que, em muitos casos, levaram a confrontos de rua com a polícia.

de representação dos partidos quando, em outubro de 2001, nas eleições legislativas, 42% dos cidadãos votaram em branco ou anularam o seu voto (Carrera e Cotarelo, 2006, p. 52). Toda essa indignação se materializa, como elas mesmas observam (ibidem), na palavra de ordem “¡Que se vayan todos!”, que ressoou fortemente em dezembro desse mesmo ano – nela o “todos” se referia aos “políticos” e à institucionalidade do Estado, identificando-os como os culpados pela crise. Vale destacar, ainda, de acordo com registros das mesmas autoras (ibid., p. 86), a importante participação de setores da juventude em tais mobilizações:

Los que participan directamente en el enfrentamiento son quienes se encuentran, por necesidad o decisión, menos insertos en el sistema institucional político y jurídico: militantes y principalmente (aunque no exclusivamente) los jóvenes proletarizados [...]

Esses setores, observam Carrera e Cotarelo (ibidem), embora tivessem trabalho, constituíam, em boa medida, a “população sobrança” nas condições do capitalismo argentino daquele momento.

Com relação às condições de produção apresentadas, portanto, consideramos necessário destacar um aspecto: a desintegração da legitimidade dos governantes perante a população e ainda a potencialidade política identificada na juventude serão eixos centrais para a consolidação das representações ao redor do governo de Néstor Kirchner (doravante NK) e para a posterior formação dos *Patios Militantes*, nos quais discursará quem o sucederá no cargo: Cristina Fernández de Kirchner.

Retomando nosso relato histórico, ao final do dia 20 de dezembro de 2001, de la Rúa anunciou sua renúncia, fato que abriu um período de extrema instabilidade política no país que, até 2003, passará pela gestão de dois presidentes diferentes, ambos membros do Partido Justicialista: Adolfo Rodríguez Saá e Eduardo Duhalde. Dois anos depois, em 25 de maio de 2003, após novo chamamento às eleições, NK (desse mesmo partido) será eleito como presidente com a desistência de seu opositor, Carlos Menem, antes da realização do segundo turno.

Como explicita Di Marco (2012), o contexto em que NK foi eleito o colocava em uma posição frágil enquanto governante, aspecto que o obrigou a pensar em estratégias para construir a legitimação de seu governo e ampliar o diálogo com os mais diversos setores da sociedade. Considerando esses fatores, o novo mandatário identifica uma potencialidade na juventude e, junto a seu filho, Máximo Kirchner, começa a articular as bases que desaguarão no movimento político de jovens kirchneristas, o *La Cámpora*, tal como veremos mais adiante.

Nesse sentido, Di Marco (ibid., p.203) aponta:

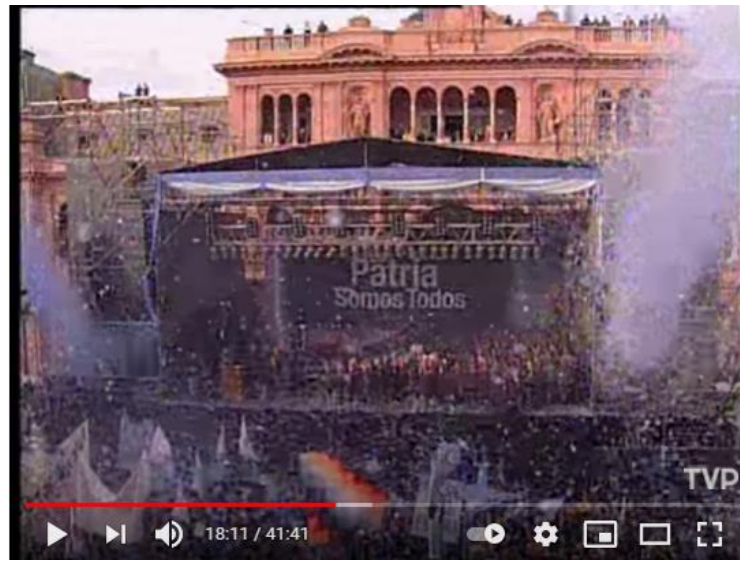
Cuando asumió, en 2003, Kirchner le había pedido a su hijo que sumara jóvenes. Luego de haber accedido al poder con apenas 22 por ciento de los votos, necesitaba abreviar en todos los frentes posibles. Asumió como un presidente débil. Necesitaba fortalecerse.

Esse cenário, portanto, foi um momento propício para o aprofundamento da relação entre o kirchnerismo e a juventude. Ao mesmo tempo em que NK assume imerso em um clima de forte deslegitimação institucional e pessoal, potencializado pelas manifestações de 2001, a experiência política dada por essas mesmas mobilizações contribuiu para fortalecer os ânimos para a participação e ação política na sociedade, fato que também se espelhou na juventude. Vale registrar, como já mencionado, com base nas observações de Di Marco (ibid. p.405), o processo de extrema desmobilização desse setor na política ao longo dos anos 90, com jovens que encontravam outros mecanismos de organização e participação, dentre eles o rock e o futebol. Podemos concluir, portanto, que esses setores jovens chegaram a 2003 com intensa gana de representação e de participação política – algo que havia sido represado nos anos anteriores – porém, sem espaços consolidados para dar vazão a essa demanda.

Com base em considerações de Di Marco (2012) e de Braga (2016), portanto, podemos afirmar que tal conjuntura colocava em evidência, por um lado, um setor juvenil que havia incorporado a retórica contestatária da reivindicação “¡Que se vayan todos!” – embora carente de instrumentos organizativos e espaços de participação política – e por outro lado, um governo que necessitava legitimar-se com amplos setores da sociedade e se havia construído discursivamente com base em uma retórica de contestação com relação às antigas estruturas neoliberais que haviam causado a crise de 2001 e que, portanto, se colocava como “o novo”. O discurso kirchnerista, dessa forma, interpelava em especial a juventude, oferecendo-lhe um discurso que negava a velha política que havia resultado na crise de 2001 e ainda uma ferramenta organizativa de ação política: o movimento *La Cámpora*, que começava a se organizar nesse momento.

Considerando o cenário da assunção de NK como presidente aqui apresentado, nos parece especialmente significativo o discurso pronunciado pelo mandatário em 25 de maio de 2006, feriado do “Dia da Pátria”, em seu último ano de mandato, em ato público na Praça de Maio – onde se localiza a casa de governo, na capital argentina Buenos Aires. Com base na

análise do vídeo gravado do evento, disponível na plataforma youtube⁸, podemos dizer que ali se instala uma cena que recupera a série de logros de seu governo, tanto do ponto de vista das políticas sociais e econômicas levadas a cabo durante esses anos – as quais ele enumera em seu discurso – como também uma demonstração de reunificação nacional pós crise de 2001, materializada na presença de distintos setores que ocupam a Praça de Maio no momento do discurso.



Imagens 1, 2 e 3: Prints do vídeo gravado em 25 de maio de 2006

Nesse evento, se constrói uma cena de legitimação de sua figura, e seu governo é

⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=exnyQ4qJheQ>>. Acesso em 28/05/2023.

colocado enquanto ponto de convergência de diversos setores sociais: a multidão que recobre a praça sustenta cartazes e faixas que indicam a presença de distintos movimentos e setores da sociedade – mulheres, jovens, indígenas, movimento sindical etc. – e caravanas de distintas regiões do país que foram em seu apoio. Essa mesma praça, outrora ocupada por uma multidão que gritava “Que se vayan todos”, em 2001, agora recebe novamente essa multidão, mas dessa vez em apoio a um presidente, gritando “Argentina, Argentina” e entoando o canto “el pueblo unido jamás será vencido”⁹. Também vemos subir ao palco e cumprimentá-lo importantes figuras da sociedade argentina, tais como representantes do movimento das Mães e Avós da Praça de Maio, incluindo Hebe de Bonafini e Estela de Carlotto¹⁰, e artistas como os cantores e músicos Mercedes Sosa, Víctor Heredia e Teresa Parodi, que abrem o ato político entoando o hino nacional argentino - mais um símbolo da “reunificação nacional” a que estamos nos referindo.

Vejam agora uma sequência discursiva complementar (SCD) ao nosso corpus central do discurso pronunciado pelo então presidente. Trata-se do início desse discurso:

SDC 1 [22:28 min] Queridos hermanos, hermanas, compañeros y compañeras, argentinos, argentinas: **y al final un día volvimos** a la gloriosa Plaza de Mayo a hacer presente al pueblo argentino en toda su diversidad.

Hace 33 años yo estaba allí abajo, el 25 de mayo de 1973, como hoy, creyendo y **jugándome por mis convicciones** de que un nuevo país comenzaba, y en **estos miles de rostros veo los rostros de los 30 mil compañeros desaparecidos**, pero igual veo la Plaza de Mayo de la mano de todos nosotros.

Venimos a esta plaza que es de **los trabajadores, que es de Eva Perón y que es de las Madres y Abuelas de Plaza de Mayo a juntarnos los argentinos a celebrar el día patrio**. (Transcrição retirada do site oficial da presidência, grifos nossos)¹¹

A partir da interpretação do vídeo como um todo e da SDC 1, podemos observar como nesse evento se representa, também a partir do resgate da memória, uma unificação nacional que teria sido conquistada pelo governo de NK. Se em 2001 o ponto de unidade entre as multidões que se manifestavam era a negação da política e de todo e qualquer político, no

⁹ Ver a partir do minuto 18:15.

¹⁰ No canal oficial da presidência no youtube, onde o vídeo está disponível, é descrita uma anedota sobre o dia desse ato político, a qual reproduzimos aqui: o então presidente havia escolhido Elsa Oesterheld, Avó da Praça de Maio, e viúva do autor de “El Eternauta” - HQ argentina da década de 70 -, Héctor Oesterheld, desaparecido pela ditadura militar, para que se posicionasse no palco atrás dele no momento do discurso. Isso fez com que se começasse a associar a figura de NK com El Eternauta.

¹¹ Disponível em <<https://www.casarsoda.gob.ar/informacion/archivo/24917>>. Acesso em 28/05/2023

último ano de mandato de NK, vemos uma unidade construída a partir da afirmação de uma identidade comum, de povo argentino.

Logo no início da SDC 1 temos a icônica frase “y al final un día volvimos/e ao final um dia voltamos”, que traz um sentido de recuperação da praça por esses setores. Nesse 25 de maio de 2006, NK celebra os 3 anos de seu governo falando dessa volta à praça dos militantes e dos jovens setentistas que haviam lutado pela volta de Perón em 1972 e votado em Cámpora em 1973, exatamente em um 25 de maio, trinta e três anos antes.

Na interlocução aí estabelecida, a diversidade de sujeitos representada na multidão que se encontra na praça naquele momento se funde à multidão que recobriu a mesma praça nas manifestações pelo fim da ditadura, e também aos 30 mil mortos e desaparecidos pelo regime militar. Esta fusão de temporalidades e sujeitos é retomada e aparece de forma mais clara no último trecho destacado por nós, quando NK enumera a quem pertence a praça: primeiro aos trabalhadores – uma delimitação atemporal que inclui seus interlocutores ali presentes não só como “donos” da praça, mas também como pertencentes à um coletivo de identificação mais amplo, o dos “trabalhadores argentinos” –, depois a Eva Perón – representando o primeiro peronismo entre o final da década de 40 e início da década de 50 –, e por fim, às Mães e Avós da Praça de Maio – retomando a resistência à ditadura militar do final da década de 70 e início da década de 80, momento no qual o próprio NK atuava politicamente nos movimentos de resistência, como aparece em seus discursos e nos de CFK. Esse último aspecto fica reforçado quando o sujeito desse discurso diz se reconhecer nessa multidão como o jovem que, por suas convicções, se arriscara (“jugándome por mis convicciones”) nessa mesma praça em 1973 e, também, diz reconhecer, nessa massa, os rostos dos trinta mil desaparecidos.

Dessa forma, pensamos que o início desse discurso de 25 de maio de 2006 cumpre uma função no funcionamento da memória: a recuperação de certos sentidos que contribuem para a construção da identidade “argentinos” enquanto um coletivo que compartilha uma mesma história e mesmos valores representados pelas figuras mencionadas e reunidos com um objetivo também comum: “celebrar o dia pátrio”.

No seguinte trecho do discurso, em uma espécie de balanço do governo (que se encontrava em seu último ano de mandato), é reforçada a ideia da união nacional como uma conquista de NK após o período de 2001, que havia significado uma fratura no tecido social:

SDC 2 [24:58 min] Nos tocó hace tres años asumir la responsabilidad de la conducción de la Argentina siendo el presidente menos votado de la historia, porque al que tenía que haber ido en segunda vuelta lo único que le importaba era su destino y no dar la batalla democrática o cuidar

el país, y nos dejó, nos dejó con el país en llamas en nuestras manos¹². Teníamos 60 por ciento de pobreza, 26 por ciento de desocupación, casi 30 por ciento de indigencia, nuestros hermanos estaban con los brazos caídos, parecía que la Argentina se derrumbaba, pero con la fuerza del pueblo, con la fuerza de la gente honesta y decente de esta Patria, con la gente que nunca se resignó a que este país se derrumbe, empezamos la reconstrucción. (Transcrição retirada do site oficial da presidência)

Retomando o processo que levou à consolidação de uma relação do kirchnerismo com a juventude, enquadrados como parte importante dessa movimentação o surgimento da *La Cámpora*¹³, correspondendo ao momento de reativação do protagonismo da juventude ao qual nos referimos. Segundo Di Marco (2012), mesmo antes da eleição de NK, no contexto de 2001, começou a se juntar uma “proto-cámpora” que se dava nos marcos de um diálogo entre a juventude (conduzida principalmente por Máximo Kirchner e outros representantes de seu círculo político) e a militância revolucionária da geração de 70, às quais também se agregaram outros setores como o sindical e os universitários.

Podemos dizer, ainda conforme nos explicita Di Marco (2012), que o processo de consolidação dessa agrupação caminhou em paralelo com essa movimentação que o governo desenvolveu em prol da recomposição de uma base social, tendo inicialmente a figura de NK como uma importante referência para essa juventude. Sobre *La Cámpora*, observa Di Marco (ibid., p.203):

Se fue forjando al calor de las grandes confrontaciones alimentadas por el gobierno, en las que los jóvenes se fueron fogueando y transformando en defensores acérrimos del proyecto K. Se formaron como soldados, escudos, grupos de choque, y finalmente lograron institucionalizarse como una enorme masa de militancia rentada dentro del Estado K.

Curiosamente, um marco fundamental na construção desse movimento foi a morte de NK, em 2010. A juventude começava a ganhar mais importância na cena pública e teve uma irrupção massiva relevante em seu velório, quando se sobressaiu de maneira mais acentuada justamente a identidade da agrupação *La Cámpora*, que passava a ocupar um papel de referência para a juventude argentina que queria “pelear por el país que Néstor les había

¹² referência a Carlos Menem

¹³ Com base no trabalho de Di Marco (2012), sabemos que o nome da agrupação presta homenagem a Héctor Cámpora, presidente da Argentina entre os meses de maio e julho de 1973. Ao ser eleito, ele assinou a anistia aos presos políticos, permitindo assim o retorno de Perón ao país e sua assunção da presidência. A estratégia política, combinada com Perón, que estava com os direitos políticos cassados, o fez ser reconhecido entre a juventude por sua lealdade ao general e à democracia argentina.

prometido” (Flax, 2015, p. 59; Di Marco, 2012, p. 787). Segundo Svampa (2011, p. 29):

se amplió el arco de alianzas, a partir de la incorporación explícita de la juventud –que tuvo notoria presencia en las exequias de Kirchner–. Agrupaciones pequeñas como *La Cámpora* (fundada por Máximo Kirchner, hijo del matrimonio presidencial) tuvieron un enorme crecimiento, y otras similares comenzaron a multiplicarse por todo el país, al compás de una doble militancia: tanto desde altos puestos del aparato del Estado como desde las bases...

Nesse mesmo ano de 2010, CFK chegava ao final de seu primeiro mandato como presidenta. Tendo sido o caminho da relação entre kirchnerismo e juventude pavimentado anteriormente por NK, dar continuidade e profundidade a essa relação passou a constituir um objetivo de seu governo. Podemos observar, em seu pronunciamento oficial logo após o velório de NK¹⁴, em cadeia televisiva em 1 de novembro de 2010, como a então presidenta se dirigia em especial à juventude:

SDC 3 [3:15 min] Permítanme agradecer de forma especial a las decenas de miles de jóvenes que cantaron y marcharon con dolor y con alegría cantando **por él y por la Patria**. Quiero decir a todos estos jóvenes que en cada una de estas caras yo vi **la cara de él** cuando lo conocí. Ahí estaba **el rostro de él exacto**. Y decirles a estos jóvenes que tienen mucha más suerte que **cuando él era joven**, porque están en un país mucho, pero mucho mejor. En un país que no los abandonó, en un país que no los condenó, ni los persiguió. Al contrario, en un país que los convocó, en un país que los ama, que los necesita, en un país que vamos seguir haciendo distinto entre todos (transcrição e grifos nossos).

Neste fragmento de discurso, pronunciado anteriormente ao início de PsMs - que começariam a ser realizados apenas em 2013 - já é possível observar uma representação de identificação entre o kirchnerismo, aí simbolizado na figura de NK (“él”), com a juventude.

Após o falecimento de NK, a mandatária se concentra na articulação com esses setores e, no ano de 2011, com as eleições presidenciais para as quais se candidatou à reeleição, vemos manifesta uma relação de simbiose entre o seu governo e a juventude: se NK havia semeado as primeiras iniciativas para a organização de uma juventude kirchnerista, é nas eleições de 2011 que CFK incorpora o que havia se constituído como *La Cámpora* para dentro de seu governo, nomeando diversos jovens para cargos de confiança ou mesmo impulsionando suas

¹⁴Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=s5WHx8WJqMI>>. Acesso em 28/05/2023.

candidaturas a cargos eletivos (Di Marco, 2012, p. 35). Tudo isso mostra que o processo iniciado por NK deu as bases para a construção de uma organização política da juventude que no período cristinista seria fundamental para a estruturação de seu governo e, inclusive, para a sua reeleição.

Observamos, portanto, que o papel de interlocução com a juventude vai gradualmente sendo transferido de NK para CFK, e esta vai sendo posicionada como a porta voz do kirchnerismo, a figura principal de referência para a juventude dentro do projeto K. Em um fragmento de discurso pronunciado ainda em 2010¹⁵, NK dizia:

SDC 4 [0:37 min] me siento orgulloso de la compañera que tengo y de la presidenta que tienen los argentinos: la compañera coraje. Sí, se me caen lágrimas, no sólo porque la amo, sino porque la admiro y porque está mostrando que la mujer argentina está decidida a construir una Patria diferente para terminar el acuerdo oscurantista de la política, que tanto daño nos ha hecho a todos. Ella, cuando tomó y juró como presidenta de los argentinos, con claridad dijo que no venía a hacer más de lo mismo, ni siquiera más de lo mismo de lo que había hecho este ex presidente, sino que venía a profundizar el modelo porque lo hecho realizado estaba y ahora lo que había que hacer era terminar con las inequidades, profundizar la justicia, mejorar la calidad institucional (transcrição retirada do site de CFK)

Nessa ocasião, NK discursou no Estádio de Ferro (estádio de futebol argentino localizado na cidade de Buenos Aires) em comemoração ao 25 de maio, data do triunfo eleitoral de Héctor Cámpora, em 1973. Vale destacar que neste ano CFK já estava em seu primeiro mandato como presidenta, iniciado em 2007. NK, na época deputado federal e presidente do Partido Justicialista (PJ), fala sobre o governo de sua então esposa e o situa em uma relação de continuidade em relação a sua própria gestão.

Com relação a essa transição, nos parece também relevante trazer fragmentos do discurso pronunciado por CFK em 11 de março de 2011¹⁶, novamente em ato de homenagem à vitória eleitoral de Héctor Cámpora, um ano após o discurso anteriormente citado e já após a morte de NK. No ato, organizado por um amplo arco de organizações políticas e sociais, CFK homenageia NK, cita seu compromisso com a luta iniciada por ele próprio pela construção “da Argentina que ele tanto sonhou e pela qual trabalhou”, e posiciona a si mesma nessa linha sucessória.

¹⁵ Disponível em <<https://www.cfkargentina.com/nelstor-kirchner-en-ferro-en-2010/>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=WvQstYx0F14>>. Acesso em 28/05/2023.

¹⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VmU0tE45tmk>>. Acesso em 28/05/2023

Podemos dizer que se no discurso antes citado de CFK em cadeia nacional após o velório de NK (SDC 3) é construída uma identificação deste com a juventude, neste discurso que agora abordamos, de 2011, CFK assume esta posição, como podemos interpretar no seguinte fragmento: “quiero decirles a todos y a todas, que esta tarde aquí en Huracán, no está la Presidenta de la República, está la compañera de todos ustedes”. E ainda, é também construída uma identificação entre NK e CFK, sobretudo quando a então presidenta se coloca como porta voz de seu falecido esposo:

SDC 5 [2:55 min] hace exactamente apenas 1 año, y parece una eternidad, él les hablo a todos ustedes desde Ferro.

Yo quiero venir a recordarlo como se recuerda a los militantes con el compromiso de que **la lucha que él inició un 25 de mayo del año 2003¹⁷, es la lucha mía** por construir la Argentina que tanto soñó y por la que tanto trabajó. Sin descanso, sin desmayo, entregando lo mejor de sí.

Quiero también decirles **que estaría contento y orgulloso de ver a miles y miles de jóvenes que como él y como yo... aquel 11 de marzo tenía yo apenas 20 años.** (transcrição e grifos nossos)

Nessa passagem, podemos interpretar que continua funcionando essa forte identificação entre a figura de CFK e de NK que vimos que estava presente no discurso deste último (SDC 4): “me siento orgulloso de la compañera que tengo y de la Presidenta que tienen los argentinos: la compañera coraje”. Ela parece operar a favor dessa relação de continuidade de tais sujeitos como figuras. A então presidenta, realizando o discurso comemorativo que NK havia feito um ano antes, corporifica o falecido marido ao ocupar o espaço que ele já não mais ocupa. Sua ação política enquanto presidenta de “lutar por construir a Argentina que ele tanto sonhou” também a posiciona em uma linha de continuidade do que foi NK, e ainda, ao final, se coloca como sua porta voz, como aquela que sabe o que ele estaria sentindo naquele momento se ali estivesse: “estaría contento y orgulloso”.

Podemos afirmar, portanto, que ao mesmo tempo que se identificam e sobrepõem as figuras de NK e CFK, também ambos se identificam à figura da juventude, construindo uma representação de identidade entre essas três instâncias: NK, CFK e a juventude. No painel luminoso atrás do palco onde CFK se posiciona, estão os dizeres: “todos con Cristina para seguir cambiando Argentina/todos con Cristina para seguir mudando a Argentina”, reforçando a ideia de continuidade entre NK e CFK.

¹⁷ ano de assunção de NK após a crise de 2001 e dos governos provisórios desse período.



Imagens 4 e 5: Prints do vídeo gravado em 11 de março de 2011

Dessa forma, em 2013, quando CFK faz seu primeiro discurso nos pátios internos da *Casa Rosada* (Casa do Governo), a potencialidade representada pelo setor da juventude e organizada através de *La Cámpora*, grupo que já ocupava posi o de destaque dentro da aten o do governo, ganhou também um canal direto de diálogo com a presidenta: surgiram assim os *Patios Militantes* (PsMs). Nesses encontros, modalidade que se tornou recorrente como momento de interlocu o direta com a militância jovem durante o seu segundo mandato, a presidenta proferia discursos que sucediam as chamadas *cadena nacionales*¹⁸. Com o passar do tempo, este se converteu em um espaço privilegiado para a manuten o e consolida o da identidade política da juventude kirchnerista, estabilizando, tal como antecipamos, um formato específico de interlocu o da presidenta com uma base de apoio ao governo composta por jovens.

¹⁸ Declara es oficiais da presidência em cadeia televisiva.

Capítulo 1: A cena de *Patios Militantes*

Tal como já antecipamos em nosso prefácio, os chamados *Patios Militantes* (PsMs) consistiram em momentos nos quais a então presidenta argentina Cristina Fernández de Kirchner (CFK) realizava discursos direcionados à juventude militante. Neste primeiro capítulo, abordaremos a configuração dos PsMs no espaço dos pátios internos da *Casa Rosada*. Para tal, será fundamental o conceito de *cena enunciativa*, de Eduardo Guimarães (2002). A partir da conceitualização da Semântica da enunciação, que esse autor vem desenvolvendo, em articulação com a análise materialista do discurso, nos debruçaremos sobre os PsMs enquanto acontecimento enunciativo e veremos a conformação de figuras da enunciação. A conformação dessas figuras passará centralmente pela configuração espacial da líder e das massas propiciada pelo *balcón* (sacada) e consolidando a posição da *porta-voz*. Para melhor compreender os distintos níveis de interlocução propostos pelo formato de PsMs, bem como seus enunciadores e coenunciadores, nos apoiaremos no conceito de *cenografia*, de Dominique Maingueneau (2008).

1. Os primeiros *Patios Militantes*

Como observa Triben (2018, p. 2) em trabalho sobre o tema dos PsMs, a primeira vez que CFK dirigiu um discurso à militância jovem kirchnerista nos pátios internos da Casa Rosada data de novembro de 2013. De fato, nesse dia tal militância foi convocada a ocupar esse espaço e participar desse momento com discursos dirigidos especialmente a eles. Nessa cena, a figura presidencial ocupava os chamados *balcones* (termo que poderíamos traduzir ao português como “sacadas”) dos pátios internos do prédio, espaço significativo na memória política argentina sobre o qual nos deteremos mais adiante.

Segundo o jornalista argentino Gustavo Cirelli (2015, p. 19), a arquitetura da Casa Rosada permitiu que milhares de jovens pudessem acompanhar as atividades oficiais da Presidenta. A materialidade dessa arquitetura propiciou uma configuração espacial para a cena dos PsMs que de alguma maneira expressava a composição e as relações políticas que ali se desdobravam, como veremos adiante em nossa análise a partir dos conceitos de *cena enunciativa* (Guimarães, 2002) e *cenografia* (Maingueneau, 2008).

No prólogo do livro de Gustavo Cirelli, *Patios Militantes, diálogos de Cristina con los jóvenes* (2016, p. 13), no relato trazido pela própria presidenta, aparece uma referência às origens desses encontros:

Si no recuerdo mal, la primera vez que dialogué con los jóvenes que se concentraban en los Patios internos de la Casa de Gobierno fue en noviembre de 2013, después de tomar juramento a nuevos miembros del Gabinete. Ese día retomaba mis actividades después de algunos problemas de salud.

Fue conmovedor verlos allí. Centenares de militantes de organizaciones estudiantiles, políticas, sociales y sindicales que colmaron los Patios de la Casa Rosada. Con sus banderas, sus pancartas, sus consignas. Llenos de esperanza. Fue un reencuentro que luego se repitió una y otra vez a lo largo del tiempo en el que se generó un verdadero diálogo.

Após esse primeiro encontro, como explicita CFK, essa prática se tornou recorrente, assumindo um formato específico¹⁹ que, com o tempo, passou a ser chamado pelos próprios jovens de “Patios Militantes”. No discurso de 14 de maio de 2014, pronunciado na Galeria dos Patriotas Latino-americanos, no interior da Casa Rosada, CFK, pela primeira vez, nomeia essa modalidade de encontros, ao retomar, como veremos no destaque, a designação que os próprios jovens vinham mobilizando (“como dizem vocês”):

El otro día, en el último Patio Militante –**como le dicen ustedes**– el de las Palmeras, alguien... ¿Se acuerdan? (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p. 88, grifos nossos)

Ainda conforme Triben (2018, p. 2), tais discursos nasceram com o objetivo de conformar um “espaço de contato e de comunicação” entre CFK, posicionada nesse momento como a condutora do movimento kirchnerista e presidenta da Nação, com a militância jovem que, como já trabalhado no prefácio desta dissertação, havia crescido consideravelmente e ganhado importância política ao longo dos anos anteriores, no contexto pós crise de 2001 e por conta das movimentações do governo desde a eleição de Néstor Kirchner. Esses discursos eram pronunciados após os atos institucionais ou em cadeia nacional, e contavam com transmissão oficial em canais de televisão, pelo YouTube e pelas redes sociais da Presidenta. Posteriormente, a gravação dessas sessões era disponibilizada no site oficial da Casa Rosada.

Em seu trabalho, Triben (ibid., p. 23) também observa que havia uma espécie de divisão espacial entre as distintas agrupações políticas que participavam desses PsMs. A Galeria dos

¹⁹ Alguns aspectos desse formato se fazem especialmente presentes no seguinte trecho do fragmento citado, do qual fazemos aqui uma tradução auxiliar: “Foi emocionante vê-los ali. Centenas de militantes de organizações estudantis, políticas, sociais e sindicais que lotaram os Pátios da Casa Rosada. Com suas bandeiras, seus estandartes, suas palavras de ordem. Cheios de esperança. Foi um reencontro que mais tarde foi repetido outras vezes ao longo do tempo em que se gerou um verdadeiro diálogo.”

Patriotas Latino-americanos era ocupada, sobretudo, pela agrupação *La Cámpora*; O Pátio Malvinas pelo *Movimiento Evita*; e o Pátio das Palmeiras, por fim, acomodava as agrupações *Kolina*, *Nuevo Encuentro* e *Peronismo Militante*, entre outras²⁰.



Imagem 6: Galeria dos Patriotas Latino-americanos²¹



Imagem 7: Pátio das Palmeiras²²

²⁰ Apesar da mencionada diversidade de agrupações políticas de juventude que compunham os PsMs, neste trabalho nos deteremos em especial no movimento *La Cámpora*, por sua relevância política no cenário argentino bem como sua relação de proximidade (ou mesmo continuidade) com o *Partido Justicialista*.

²¹ Disponível em <https://www.flickr.com/photos/nico_/4720885199> Acesso em 14/6/2023.

²² Disponível em <<https://pt.dreamstime.com/palmeira-p%C3%A1tio-de-las-palmeras-no-pal%C3%A1cio-presidencial-rosada-da-casa-buenos-aires-argentina-image119336618>> Acesso em 14/6/2023.



Imagem 8: Pátio Malvinas Argentinas²³

Para além do contexto histórico tratado em nosso prefácio e no início deste capítulo, algumas datas e acontecimentos fundamentais para a constituição dos PsMs merecem ser citadas. Para uma melhor visualização, os distribuímos no seguinte quadro:

Janeiro de 2012	Após um período de licença médica devido a uma cirurgia de tireoide, a presidenta CFK volta à ativa com participação em um ato no Salão da Mulheres Argentinas do Bicentenário e, na sequência, os militantes, ao invés de se dispersar, permaneceram nos pátios da Casa Rosada, o que fez CFK sair ao <i>balcón</i> (sacada) do primeiro andar a agradecer e fazer uma saudação.
20 de novembro de 2013	Após um período de afastamento de suas funções devido a um traumatismo craniano, CFK faz o seu primeiro discurso público. Essa situação se dá também no contexto de reformulação de sua equipe ministerial e da realização de um ato público para assunção dos novos ministros. Ao final do ato ministerial, milhares de jovens estavam nos pátios internos da casa de governo, no Pátio das Palmeiras e na Galeria dos Patriotas Latino-americanos. CFK vai ao encontro desses jovens, mas por uma orientação médica, ao invés de sair ao pátio, ela novamente faz uma saudação <i>balcón</i> do primeiro andar.
14 de maio de 2014	CFK, em discurso para a juventude, usa o nome PsMs pela primeira vez

Marcos do surgimento dos *Pátios Militantes* (Elaboração própria com base em Cirelli, 2016 e Triben, 2018)

²³ Disponível em

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Patio_Malvinas_Argentinas,_Casa_Rosada_02.jpg> Acesso em 6/6/2022

Com base nesses fatos e na série de acontecimentos que fomos entrelaçando no prefácio, podemos afirmar que a modalidade PsMs foi se constituindo ao longo do tempo, tendo o dia 20 de novembro de 2013 como o início desse formato, que continuou se repetindo periodicamente até 29 de outubro de 2015, quando se realiza sua última ocorrência antes do final do mandato presidencial e saída de CFK do cargo, contemplando cerca de 17 encontros dos PsMs.

2. Nosso olhar sobre os Patios Militantes: conceitualização

2.1 A Cena enunciativa

Cena enunciativa é um conceito de Eduardo Guimarães (1987), elaborado nos marcos da teoria a qual nomeia “semântica da enunciação”. Em seu livro *Semântica do acontecimento* (2017, p. 9), cuja primeira edição é de 2002, o autor a caracteriza como uma semântica que “considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”, levando em conta que o próprio acontecimento da enunciação produz os seus sentidos. Dessa maneira, o autor se distancia de linhas mais tradicionais da semântica, no caso, de uma “semântica linguística” (ibid., p. 9) que tem por foco de sua análise apenas o *enunciado*, e não seu contexto mais amplo de *enunciação*. Guimarães, por sua vez, trabalha a ideia de uma semântica para a qual “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (ibidem). Para ele, portanto,

considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto. (ibidem)

O lugar de destaque na formação dos sentidos que Guimarães atribui à enunciação – em diálogo com a análise materialista do discurso, de Michel Pêcheux, e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e todas as estudiosas que deram sequência a seu trabalho – será fundamental para nosso recorte de análise na medida em que considera o contexto sócio-histórico na centralidade do processo de significação. Esse diálogo leva o pesquisador a afirmar que “o tratamento da enunciação deve se dar num espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido, de modo que a semântica se formule, claramente, como uma

disciplina do campo das ciências humanas” (ibid., p. 10). Vemos que Guimarães, portanto, se filia a uma tradição nos estudos da linguagem que Orlandi (2009, p. 17), grosso modo, define como aquela que explora a relação entre linguagem e sociedade, buscando a relação da língua com a sua exterioridade, incluindo suas determinações sócio-históricas.

Outro aspecto importante levantado pelo autor é a questão do *sujeito* que enuncia, aliada a temporalidade da enunciação. Apesar de expressar claramente a filiação de sua teoria aos estudos sobre enunciação benvenisteanos²⁴, ele também coloca em questão a perspectiva de Benveniste quando explora sua concepção de temporalidade, fortemente vinculada à questão do sujeito da linguagem. Guimarães considera que o tempo da enunciação é fundado ao enunciar, pelo locutor. Para ele (ibid., p. 16), o presente do acontecimento não é, como coloca Benveniste, o tempo no qual o locutor enuncia e a partir do qual se organizam um passado (anterior) e um futuro (posterior). Em sua perspectiva, “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito, assim, não é a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (ibidem).

Essa concepção desloca *o sujeito* (na concepção de Guimarães, o locutor) do centro para aí posicionar *o acontecimento da enunciação* em seu conjunto. O acontecimento é uma diferença na própria ordem do enunciado. Nesse sentido, cada vez que se produz uma nova diferença na ordem se produz um acontecimento e, portanto, uma nova temporalidade (Guimarães, ibid., p. 19). Isso se dá, segundo o autor (ibidem), porque o ato de enunciar localiza esse enunciado na história, o temporaliza ao retomar um “memorável” constituído por enunciações passadas, instaurar um presente e projetar uma latência de futuro. Retomar um memorável, então, é ressignificá-lo, adicionar sentido a ele com uma enunciação presente que abre para interpretações futuras; por isso, essa nova instauração de uma temporalidade faz esse enunciado significar pelo que traz de memória e o que projeta de expectativa. Aquele que enuncia, portanto, nunca o faz sozinho, traz na sua própria voz as vozes daqueles que vieram antes e projeta possíveis interpretações futuras. Essa série de considerações permitem que o autor conclua que tomar a palavra é necessariamente se colocar na história, construir significação, logo, para ele, a noção cronológica do tempo é abandonada, pois todos esses tempos coexistem na enunciação e significam em seu conjunto.

Desse ponto de vista, o dito se filia à uma *história das enunciações*, retoma ditos anteriores mesmo que de maneira inconsciente por aquele que fala (ibid., p. 19). Guimarães,

²⁴ Benveniste, E. A Linguagem e a Experiência Humana. In: *Problemas de linguística geral II*, Campinas: Pontes, 1989.

em diálogo com a análise do discurso, também adota o conceito de *esquecimento* (Orlandi, 2015), fazendo menção à ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, estamos sempre retomando sentidos preexistentes. Segundo Orlandi (ibid., p. 33):

embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade.

Esses sentidos preexistentes, ou história de enunciações, não podem ser acessados, segundo Guimarães (2017, p. 19), somente através dos enunciados, mas sim do acontecimento de enunciação, ou seja, do contexto.

Essa compreensão do modo de significação da linguagem afetada por determinações sócio-históricas a posiciona em uma esfera inseparável do *político*, segundo Guimarães (2017, p. 20 e 21). O *político*, segundo a sua concepção, é “próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”, é “fundamento das relações sociais, no que tem importância central a linguagem” (ibidem). A divisão de que trata o autor, e que fundamenta as relações sociais, é estabelecida por uma normatividade que é contraditória e desigual, e independente da vontade dos falantes. Estes são tomados por esse atravessamento do político, caracterizado pelo autor (ibid., p. 22) como:

um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada.

Guimarães caracteriza o político como o conflito, a contradição dessa normatividade que divide desigualmente o real – e, por que não, um conflito de classes, que segundo a concepção materialista, é fundante das relações sociais e motor da história de todas as sociedades²⁵ –, e que atravessa necessariamente também a dimensão da linguagem.

Estamos falando, portanto, de uma desigualdade no acesso a palavra, sócio historicamente determinada, e que atravessa cada acontecimento de linguagem, mas que se apresenta de forma encoberta, como algo dado, pois essas posições desiguais, apesar de expressas na enunciação, estão sob o efeito do esquecimento. É por esse motivo que Guimarães

²⁵ Marx, K. Engels, F. Manifesto do Partido Comunista. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008

(2017, p. 25) dirá que os sujeitos se constituem na enunciação, pois ao enunciarem, ao recortarem memoráveis e projetarem expectativas, são construídos significados sobre estes sujeitos. Para o nosso caso de análise, podemos dizer que CFK, enquanto locutora que enuncia, não corresponde à mulher com um determinado tipo físico, com uma determinada altura e características específicas (a mulher empírica). O acontecimento de enunciação instaura esse sujeito, que ocupa um papel determinado sócio historicamente, e este lugar do dizer também produz sentidos.

Dessa forma, para representar o modo como a linguagem é atravessada pela história, pela contradição, pelo esquecimento, pelo político (ibid., p.20), Guimarães formula o conceito de *espaço de enunciação* (ibid., p. 24), que é um espaço de relação entre línguas, e essa relação entre línguas é dividida e constituída de maneira desigual, divisão essa que gera diferenciações nos lugares do dizer e na legitimação de cada um deles.

O espaço de enunciação, portanto, é “um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político”. Nele, os sujeitos, divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer (ibid., p.25) não são os falantes como figuras empíricas, mas “uma figura política constituída pelos espaços de enunciação. E nesta medida ela deve ser incluída entre as figuras da enunciação” (ibidem). Ou seja, como já adiantamos, é na própria enunciação que são significados e que se conformam esses papéis dos sujeitos, e não anteriormente a ela.

Acompanhando esses princípios teóricos que pressupõem sujeitos atravessados pelo esquecimento e pela divisão, o autor concebe as figuras do *Locutor*, responsável pela enunciação, e do *locutor-x*, local social predicado ao locutor, que envolve um memorável do seu lugar de enunciação (ibid., p. 32 e 33). Além disso, também trabalha com o *enunciador* (ibid., p. 34), figura do enunciado que, por se filiar a uma história de enunciações e aos esquecimentos que tal filiação implica, representa o apagamento da figura do *locutor-x*. O *enunciador* é a figura que enuncia retirando-se da história, como se ele próprio fosse a origem do dito. Segundo Guimarães (2017, p. 40):

Esse funcionamento do Locutor dividido pelo próprio jogo de se representar como idêntico a si, quando lhe é díspar, é o processo pelo qual a enunciação apaga seu caráter social e histórico. Poderíamos perguntar: por que o Locutor é representado no acontecimento como independente ou fora da história? Por que este colocar-se à margem da história se produz por este modo de representação dos lugares do dizer (enunciador) como apagamento do lugar social do locutor (locutores-x)? O que explica estas divisões do Locutor que funcionam produzindo o apagamento social e da história?

Como colocamos antes, para nosso ponto de vista, falar e fazer-se sujeito é estar numa região do interdiscurso²⁶, de uma memória de sentidos (ORLANDI, 1999²⁷). Assim, ser sujeito é estar afetado por esse esquecimento que se significa nesta posição. Deste modo a representação do *Locutor* se constitui neste esquecimento e é isso que divide o Locutor e apaga o locutor-x

Considerando essas questões, o autor (ibid., p. 31) coloca que, para além dessa definição mais ampla de *espaço de enunciação*, a enunciação se configura por um determinado *agenciamento enunciativo* da língua, isto é, por elementos de divisão e diferenciação que se articulam no espaço de enunciação. A maneira específica como esse agenciamento enunciativo se dá podemos extrair a partir da análise da *cena enunciativa*, ou seja, a maneira que se constituem os lugares do dizer.

Guimarães (2017, p.31) formula o conceito de *cena enunciativa* pois, segundo o autor, essa se caracteriza pelo modo em que se dá a assunção da palavra considerando as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas mobilizadas; nesse sentido, a cena enunciativa é “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação” (ibidem). Para Guimarães (2017, p. 31):

Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não por pessoas donas de seu dizer. Assim, estudá-las é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua.

À luz dos estudos de Eduardo Guimarães, portanto, abordaremos os PsMs como cenas enunciativas que apresentam uma determinada configuração espacial que funciona como base material de uma cenografia, como veremos mais adiante, e também representa uma determinada distribuição de papéis, com CFK posicionada nos *balcones* internos da Casa Rosada em interlocução com a multidão de jovens que acompanham seus discursos dos pátios da casa de governo.

²⁶ O conceito de interdiscurso utilizado pelo autor foi formulado no bojo da teoria da Análise do Discurso. Orlandi (2015, p. 29) define o interdiscurso como “aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.”

²⁷ ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999

Diremos que essa configuração enunciativa compõe de forma central a interlocução que ali se estabelece, constituída especialmente pelos pronunciamentos de CFK mas também pelas palavras de ordem, cantos, palmas, movimentos com os braços, cartazes escritos, dentre outros elementos produzidos pelos jovens. De fato, as manifestações dos jovens, em alguns momentos, redirecionam o fio do discurso de CFK; em outros, apenas confirmam sentidos nele presentes. Essa cena também nos permite observar a divisão dos papéis enunciativos que ali se estabelece e como esse acontecimento contribui na consolidação de identidades políticas através da construção de coletivos de identificação que cumprem, no caso, o papel de aglutinar a juventude militante em torno do governo de Cristina Kirchner, como veremos mais detalhadamente em nossos próximos capítulos.

Abaixo colocamos imagens de PsMs que ajudam a melhor compreender esse funcionamento:



Imagens 9, 10 e 11: Cenas de PsMs²⁸

²⁸ Disponíveis em <<https://www.cfkargentina.com/palabras-de-cristina-kirchner-en-el-patio-militante/>> Acesso em 20/06/2022.

2.2 O *balcón*

Como já registramos, o primeiro PM foi realizado no dia 20 de novembro de 2013, logo após a cerimônia de assunção do novo corpo de ministros²⁹. Ao final do ato ministerial, CFK vai discursar aos milhares de jovens que tomavam os pátios internos da Casa Rosada, mas, por uma orientação médica, ao invés de sair ao pátio ao encontro dos jovens, ela faz uma saudação do *balcón* do primeiro andar.

Em vídeo retirado do canal oficial da Casa Rosada na plataforma youtube³⁰, é registrada a chegada de CFK ao *balcón*, saudando os militantes dos pátios com movimentos de braços. Os militantes, por sua vez, a recebem também agitando os braços, com bandeiras e cartazes, e cantando consignas em seu apoio.

Neste momento inaugural do que viria a ser o formato dos PsMs – eventos que, na ocasião, ainda não recebiam esse nome –, mesmo antes do início do discurso que CFK iria pronunciar, a cena conformada já nos traz uma série de elementos de análise. A configuração espacial de CFK em um *balcón*, elevado em relação à plateia, contribui para a materialização de sua posição como a líder, ou porta-voz do movimento representado pela multidão que se aglomera em todos os pátios da Casa Rosada.

Esse posicionamento da líder política no espaço do *balcón*, não é – como antecipamos – inédito na história argentina, ocupando um espaço na memória coletiva que o preenche de um sentido histórico importante. Também o espaço da Praça de Maio, em Buenos Aires, palco de distintos episódios fundamentais na história Argentina, agrega sentidos do passado ao presente da enunciação de PsMs. Zoppi-Fontana (1997, p. 71), contribuindo no resgate histórico desses sentidos, coloca:

A Plaza de Mayo está situada entre a Casa Rosada, sede atual do governo nacional, e o Cabildo, sede do governo colonial e prédio histórico no qual se instaurou o primeiro governo pátrio. Ela funciona como centro histórico e político do país, sendo o lugar tradicional para a realização das mobilizações populares. A partir da aparição de Juan D. Perón na cena política argentina, a sacada da Casa Rosada foi palco privilegiado a partir do qual o presidente-líder estabelecia contato com a multidão reunida na praça. (itálicas da autora)

Como retoma Zoppi-Fontana (ibid., p. 67 e 68), a Praça de Maio – e por isso assim nomeada – foi onde se deu a fundação simbólica da Nação Argentina a partir do primeiro

²⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uAktmNIIC58>> Acesso em 14/06/2023.

³⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9_Q6uqGAYG4> Acesso em 14/06/2023.

acontecimento (de 25 de maio de 1810) que desencadearia a independência da Coroa Espanhola em 1816, quando se constitui o primeiro governo pátrio. Nesta situação, “na sacada do Cabildo³¹, aparece o primeiro governo pátrio para informar ao povo aí reunido que foi feita a sua vontade” (ibidem). Segundo Zoppi-Fontana, foi o grito primeiro que “fundou discursivamente o funcionamento da delegação da voz: inaugurou enunciativamente os mecanismos de representação imaginária pelos quais povo e governo se definem na sua relação ‘dialógica’”.

A partir das considerações da autora, podemos afirmar a Praça de Maio como um espaço de memória fundamental para a construção da identidade do povo argentino, bem como um espaço que materialmente configura a distribuição das massas na praça e líder no *balcón* como uma cena regular da política no país. Um espaço por excelência da relação estabelecida entre líder político e as massas, seja esta uma relação de apoio ou contestação. Essa configuração espacial por si retoma um memorável atribuindo sentidos, fundando papéis enunciativos na cena em questão (líder e massas). Décadas depois da cena fundadora da independência argentina, recortando esse memorável do *balcón* do Cabildo, Perón, ao discursar do *balcón* externo da Casa Rosada desloca a cena, ressignificando este lugar de memória.

Rinesi (1994, p. 99) já havia se debruçado sobre os sentidos da Praça de Maio e em especial o trabalho simbólico sobre esse espaço no período peronista, comparando a cena enunciativa de Perón à da fundação do primeiro governo pátrio:

la misma configuración simétrica de tres calles convergentes –una avenida central, dos caminos diagonales–; la misma localización de la plaza pública de cara al Palacio, al lugar del Poder, al sitio donde se representa, como en un escenario, el drama de la historia; la misma ubicación privilegiada del Príncipe (el balcón, “la figura arquitectónica que, en Argentina, ha funcionado y sigue funcionando como el más eminente símbolo material, como la representación físico-espacial privilegiada del lugar del poder”, como escribe Emilio de Ipola³²); la misma relación tramposamente especular, asimétricamente dialógica, entre el Gran Enunciador y la indiferenciada escucha.

³¹ A designação “Cabildo” se refere a um prédio hoje situado em diagonal à Casa Rosada e que, portanto, faz parte do entorno da Praça de Maio (ver imagem 6).

³² De Ipola, E. Desde estos mismos balcones. In: *Ideología y discurso populista*. Buenos Aires: Folios, 1983



Imagem 12: A Praça de Maio³³

Com base nos estudos de Zoppi-Fontana (1997, p. 67) e de Rinesi (1994, p. 99), vemos como no período peronista, ao mesmo tempo que se desloca o *balcón*, e por consequência o “espaço do poder” do Cabildo à Casa Rosada, também são recortados sentidos componentes deste memorável do espaço da Praça de Maio que ressoam nas enunciações de Perón. Rinesi (ibidem), apoiado em de Ipola (1983), caracteriza a relação estabelecida entre Perón e as massas como “assimetricamente dialógica”, por se configurarem, de um lado o papel do “gran enunciador”, o líder, e de outro a “indiferenciada escuta”, os espectadores. É interessante apontar que ambos os autores consideram que essas duas figuras enunciativas, a do líder e a das massas, projetadas dessa forma na cena, se constituem a partir da diferenciação e assimetria nos papéis, mas também em uma relação de codependência, uma vez que, apesar de estar em uma posição superior ao povo da praça (no *balcón*), essa posição de Perón era atribuída e sustentada por essas massas da praça, que ali estavam em seu apoio.

A análise dessa configuração espacial propiciada pelo *balcón* e pela praça, que ressoa em distintos momentos da história argentina, pode ser feita com base no conceito de *cena prototípica*, elaborado por Suzy Lagazzi (2015). A autora observa a remissão ao interdiscurso de composições visuais, situando estas em sua relação com a memória do dizer (2015, p. 1), e, com base em Pêcheux (1999) e Orlandi (1988)³⁴, retoma o papel do “procedimento parafrástico” para o trabalho sobre o sentido de enunciados, na medida em que, através do levantamento de “parafrases possíveis” para determinado enunciado, nos aproximamos do processo de deriva e deslocamento dos sentidos, é no “jogo entre o mesmo e o diferente que a

³³ Disponível em <<https://aguiarbuenosaires.com/plaza-de-mayo-em-buenos-aires/>>, acesso em 14/06/2023. Na imagem podemos observar no canto inferior esquerdo uma torre branca, do Cabildo, e do outro lado da praça, no canto superior direito da imagem, a Casa Rosada.

³⁴ ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez & Unicamp, 1988.

paráfrase pode ser construída” (Lagazzi, 2015, p. 2). Considerando as paráfrases construídas ao longo da história argentina da cena em questão, podemos trazer tais reflexões para o nosso caso de análise: a cena da liderança política no *balcón*, discursando para as massas na praça. A cada releitura desta imagem, observamos sentidos que ressoam do passado, mas também novos sentidos que são deslocados, no “jogo entre o mesmo e o diferente” do qual fala Lagazzi.

Considerando esses fundamentos da análise do discurso acima colocados, Lagazzi (ibidem), trabalhando a análise de enunciados no formato de imagens, traz a noção de “cena prototípica”. Para a autora, esta noção está colocada quando “os trajetos de memória na imagem se marcam por uma cena que se impõe em uma formulação visual que atualiza um já-dito legitimado e imobilizado em nossa sociedade” (ibid., p. 7). Em PsMs, a imagem de CFK discursando de cima do *balcón* da Casa Rosada reafirma uma divisão espacial regular na sociedade argentina entre o líder e as massas durante um discurso político.

A disposição espacial de PsMs, portanto, ao passo que reafirma esta cena prototípica, antecipa sentidos recortados deste memorável, e reafirma “posições de sujeito” (Lagazzi, 2015, p. 2) tanto da líder quanto da massa, em nosso caso específico, de jovens. Também é reafirmada, neste contexto, a filiação ideológica da cena, que retoma sentidos do peronismo: CFK como uma sucessora, que ocupa o lugar antes ocupado por Perón, e os próprios jovens ali presentes também como sucessores de um movimento anterior, como explicita a canção citada na SD1, entoada pelos jovens militantes no PM inaugural, de 20 de novembro de 2013³⁵, no qual os versos que dizem “venho bancando este projeto, projeto nacional e popular” fazem referência ao projeto peronista, do qual se reivindica o kirchnerismo uma continuidade.

SD1 [0:20 min] Vengo bancando este proyecto
Proyecto nacional y popular
Te juro que en los malos momentos
Los pibes siempre vamos a estar
Porque Néstor no se fue
lo llevo en el corazón
con la jefa los soldados de Perón (transcrição nossa)

Ao mesmo tempo que a cena reafirma lugares do dizer do passado, nesse movimento parafrástico também se produzem deslocamentos, como podemos observar no que se refere ao espaço destinado aos jovens militantes, que é transferido da Praça de Maio, exterior à casa de

³⁵ Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?time_continue=14&v=MIT8naNklsc&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fwww.cfkargentina.com%2F&source_ve_path=Mjg2NjY&feature=emb_logo>. Acesso em 28/05/2023

governo, para os pátios internos dessa casa. Nesse movimento, a Casa Rosada deixa de ser o espaço da líder, apenas, para abrigar também “as massas”, que agora encontram lugar no espaço de poder. Em movimento metonímico, o coletivo de interlocutores de CFK é expandido, e os jovens militantes kirchneristas assumem o papel das massas que historicamente ocuparam a praça, porém, produzindo o efeito de sentido das massas ocupando a Casa Rosada, o povo ocupando o espaço de poder.

Em um primeiro momento antes do início do discurso de CFK em questão³⁶, todos esses sentidos vêm à tona: apesar de estar parada apenas acenando e sorrindo, seu papel de líder já está estabelecido. Do *balcón*, ela recebe o canto que a multidão lhe direciona, o que a faz, de alguma maneira, absorver a força política de todo esse grande movimento em sua própria figura. Ali, ela é representada como a confluência dos cantos de todas essas pessoas, a responsável por todo esse potencial político. CFK não é apenas CFK. Como a própria canção entoada diz, ela é posicionada como “a chefe dos soldados de Perón”, e quem terá a apoio incondicional desses soldados, que “juram que mesmo nos maus momentos, sempre vão estar”. Esse canto a significa.

Além da música cantada em coro, também observamos o público fazendo um movimento sincronizado com os braços para frente e para trás – movimento característico em marchas políticas e também em estádios de futebol argentinos –, como se destinassem seu canto à então presidenta. Esse funcionamento das reações da plateia em sincronia – tanto nos cantos como nos movimentos – faz com que sejam tomados enquanto bloco, suas vozes e gestos se fundem em uma só demonstração de força, projetando outra capacidade de ressonância do discurso, uma grande massa de apoio à CFK. Quantos estão ali presentes? Não importa, importa apenas que são muitos, como se fossem a voz do povo ovacionando CFK.

Podemos dizer, então, que a canção entoada parte de uma espécie de “enunciador-coletivo” que, a partir das formulações de Guimarães sobre os distintos tipos de enunciadores, podemos caracterizar como sendo “este lugar de dizer que se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz” (ibid., p.41). Isso se dá não só por ser um enunciado frequentemente repetido, já que é uma canção conhecida, que dentro da militância assume um funcionamento de consigna, mas também por concretamente se tratar de um conjunto de indivíduos que assumem a palavra cantando em coro e, apesar de se tratar de “jovens militantes kirchneristas”, assumem um lugar como se se tratasse da totalidade da juventude: “los pibes siempre vamos a estar/os meninos sempre vamos estar”.

³⁶ 20 de novembro de 2013

Com relação à nomeação desse coletivo, colocamos entre aspas o sintagma que se refere aos jovens militantes que participavam desses encontros (“jovens militantes kirchneristas”) porque, segundo observamos a partir de uma pré-análise dos discursos proferidos por CFK, aí opera uma equívocidade que se expressa na referenciação de tal coletivo. Apesar de termos optado pelo uso de “jovens militantes kirchneristas”, de forma a explicitar um movimento de especificação por nossa parte, observamos que no modo de fazer essa referência nos discursos de PsMs aparecem regularmente formas de designação mais genéricas, como *la juventud*, *la juventud argentina*, *los jóvenes*. Esse funcionamento indica uma operação discursiva de ampliação do coletivo de interlocutores aos quais CFK se dirige. Se em especial o movimento *La Cámpora*, dentre outras agremiações políticas de juventude, designa apenas uma parte da juventude militante identificada politicamente com o kirchnerismo e o Partido Justicialista, a referência a esse mesmo coletivo como *la juventud* ou *la juventud argentina*, amplia o espectro do que é a agrupação, alçando-a a posição de representante de todos os jovens argentinos, e produzindo uma equivalência entre um grupo e um universo mais amplo.

Através dos modos de CFK de designar seus interlocutores em seus discursos, o apoio ao governo é deslocado de uma categorização por filiação ideológica (aqueles jovens que se identificam com o projeto kirchnerista) para uma categorização social (a que se refere à totalidade da juventude argentina). Consideramos “juventude militante kirchnerista” uma categorização por filiação ideológica na medida em que, para fazer parte dessa agrupação, para ser kirchnerista, é necessário um “eu” que enuncia “eu sou”. Diferentemente da categoria “juventude” que não pressupõe um posicionamento político individual e auto enunciado, é uma condição social. A cena, portanto, se nutre da mobilização de todos esses sentidos do passado – a configuração do *balcón*, a memória do peronismo e a Casa Rosada como o espaço do poder político – para posicionar os interlocutores de CFK não apenas como jovens de sua base de apoio, mas como uma metonímia de um coletivo mais amplo, toda a juventude da nação argentina.

2.3 A *porta-voz*

Essa relação de CFK com a massa que a ovaciona em coro, e que podemos tratar enquanto bloco (locutor-coletivo), também se materializa no fato de que ela assume, nesse contexto, o papel de *porta-voz*. Lara Pimentel (2020, p. 235), ao analisar a figura enunciativa da *porta-voz*, amplia a percepção desta apenas como uma representante legítima:

A aparição dessa função enunciativa é, a priori, destinada a dar voz ao grupo ou movimento que o porta-voz representaria. No entanto, de fato, o cumprimento de tal função fez com que a pluralidade de vozes constitutivas de um mesmo grupo/movimento permanecesse – sufocada e silenciada no e pelo discurso de consenso proferido pelo porta-voz – como o seu *irrealizado*.

Zoppi-Fontana (1997, p. 60) trabalhando também esta contradição, coloca a figura da porta-voz como um lugar enunciativo próprio da enunciação política e que é instituída por um *Povo* que delega o poder político a ela, porém, para isso:

é preciso apagar todo indício de divisão interna desse povo que delega o poder, unificar as vozes dissonantes numa só voz que possa ser delegada: uma voz única como metonímia de uma vontade única; um corpo imaginário uno como metáfora de um sujeito coletivo que digere os indivíduos no risco que eles representam de conflito social.

Segundo essa perspectiva, portanto, há, na figura da porta-voz, uma contradição constitutiva, na medida em que ela surge para falar em nome do povo, na condição de sua representante, ou seja, ela dá voz e representatividade, faz ouvir ao coletivo. Ao mesmo tempo, a condição para que essa função de porta-voz se dê, porém, é a fusão de diversas vozes em uma, a produção de uma “homogeneidade lógica que silencia a heterogeneidade interna de vozes populares” (ibid., p. 236). É uma representação legitimamente autorizada para a fabricação de consenso (ibidem). Em nosso caso, podemos dizer que CFK, na cena enunciativa analisada, é posicionada na condição de porta-voz e, portanto, como coloca Triben (2018, p. 35), detém o poder de reformular, negar e/ou afirmar o que dizem os militantes.

Dando sequência à nossa abordagem do primeiro PM³⁷, após uma sessão de cantos da militância, CFK começa a falar:

SD 2 [1:30 min] Quiero agradecer, en esta tarde y en este día tan especial, del 20 de noviembre, Día de la Soberanía Nacional, la presencia de jóvenes, de trabajadores, de sindicatos, de movimientos sociales, de movimientos juveniles, de todo lo que conforma este espacio político plural, diverso que viene trabajando, desde hace mucho tiempo, en la República Argentina. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.31)

37

Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?time_continue=14&v=MIT8naNklsc&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fwww.cfkargentina.com%2F&source_ve_path=Mjg2NjY&feature=emb_logo> Acesso 28/05/2023

Se anteriormente já havíamos afirmado que a cena se monta antes mesmo do início do discurso de CFK, é na enunciação da líder, no papel de porta-voz, que se delimita a composição da “massa”. A porta-voz define: são “jovens”, “trabalhadores”, “sindicatos”, “movimentos sociais”, “movimentos juvenis”, que conformam um espaço político plural e diverso “que viene trabajando, desde hace mucho tiempo en la República Argentina”. Interessante observar o sujeito gramatical um tanto indefinido que é construído: quem “vem trabalhando desde muito tempo na República Argentina” é, justamente, esse “espaço diverso”, em uma representação quase de fusão entre o coletivo do movimento ali presente e a própria CFK e seu governo, bem como o governo de NK. Sua enunciação, portanto, atribui sentido para definir quem são os que estão ali e a que vieram.

Na sequência da fala introduzida na SD 2, CFK ainda afirma: “yo también los amo a todos y mucho”, trazendo para a enunciação, através do sintagma “também”, uma provável manifestação de amor do público à qual não temos acesso a partir do vídeo, e que é respondida por ela. É dizer, também é facultado à CFK o poder de recortar, dentre diversas intervenções e manifestações do público, aquelas mais relevantes de serem enunciadas de sua posição.

Também Pimentel (ibid., p. 236) destaca a emersão, nesse contexto, do *constructo nós*, já que a porta-voz,

Ao falar *em nome de*, pelo *constructo nós*, a um adversário externo, expõe uma oposição entre dois lados em disputa exterior e instaura uma homogeneidade lógica no interior do grupo/movimento que (diz) representa(r), pelo próprio apagamento/silenciamento da heterogeneidade e das resistências dela (sic) constitutivas.

Vemos aí, a partir do papel de porta-voz, um duplo movimento: se por um lado CFK fala *em nome* do coletivo ali presente, por outro ela também fala *ao* coletivo ali presente, nos permitindo caracterizar o que, por hora, nos limitaremos a chamar de “dois níveis de interlocução”. Se em um primeiro nível a interlocução se dá entre CFK e a juventude militante kirchnerista ali presente – a porta-voz fala *aos* militantes –, como fica evidente nos fragmentos de discurso dos quais já esboçamos uma análise, há também um segundo nível de interlocução – o da porta-voz falando *em nome* dos militantes – que se estabelece entre os PsMs como um todo (*constructo nós*) e uma exterioridade, que pode ser identificada como os demais setores da sociedade argentina, a base de apoio ao governo que não está ali presente ou mesmo os setores de oposição ao governo, que emergem virtualmente na enunciação a partir do momento

em que se consolida o constructo nós, que portanto pressupõe um constructo “eles” ou “o outro”.

Se entendemos, nesse segundo nível da interlocução, a porta-voz como uma voz que incorpora outras, para esse interlocutor externo ao coletivo de identificação, a voz de CFK é legitimada e reforçada não só por sua posição de L-presidenta (segundo a categorização de Guimarães), mas também porque essa enunciação, nesse contexto, incorpora as demais vozes configurando um “L-PsMs”. De acordo com Zoppi-Fontana (1997, p. 62), “configura-se um lugar de enunciação coletivo, como o lugar de um fazer político partilhado onde ‘povo’ e líder são constituídos reciprocamente a partir de uma ilusão de interlocução”. A fala de CFK, portanto, traz a potência das vozes da multidão de jovens, comunicando a uma exterioridade enquanto bloco uno de enunciação uma demonstração de força do governo.

2.4 A cenografia

Para melhor caracterizar o que chamamos “os dos níveis de interlocução”, nos apoiaremos no conceito de *cenografia*, de Dominique Maingueneau, que também será fundamental para nossa análise. Segundo o autor (2008, p. 115), dentro do que ele denomina *cena de enunciação*, se articulam três cenas de fala (dentre as quais apenas duas estão necessariamente presentes): a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*.

A *cena englobante* corresponde a uma caracterização mais geral do tipo do discurso (discurso religioso, político, publicitário etc.). A *cena genérica*, por sua vez, é definida por um contexto de enunciação mais específico, que envolve uma divisão de papéis, um modo de inscrição no espaço e no tempo, um suporte material, uma finalidade etc.). Para Maingueneau (ibid., p. 116), essas, englobante e genérica, “definem em conjunto o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido”.

Apesar de, em muitos casos, as duas cenas descritas resumirem a cena de enunciação, em outros, também pode intervir o que o autor chama de *cenografia*. Diferente das cenas englobante e genérica, impostas pelo tipo e gênero do discurso, a cenografia, nos coloca Maingueneau, é “instituída pelo próprio discurso” (ibid.).

O autor, para dar mais materialidade a essa distinção, se apoia nas *Provinciais*, de Pascal³⁸. Vejamos um exemplo mais próximo de nosso leitor: a *Carta ao Povo Brasileiro*, publicada em 2002, assinada pelo então candidato a presidente, Luíz Inácio Lula da Silva no

³⁸ As Provinciais são um conjunto de 18 cartas da autoria de Blaise Pascal, escritas para defender o jansenista Antoine Arnauld, oponente dos jesuítas, que estava em julgamento pelos teólogos de Paris entre 1656 e 1657.

contexto da campanha presidencial no Brasil daquele ano. Na carta, dirigida fundamentalmente à burguesia brasileira, dizia que, nesse próximo governo, não se faria nada contra os interesses desse setor e que, portanto, a responsabilidade fiscal estaria garantida (por exemplo, com o pagamento da dívida). Em ambos os casos, o abordado por Maingueneau e a *Carta* que colocamos como exemplo, podemos dizer que a cena epistolar não é uma cena genérica, mas sim uma *cenografia* construída pelo próprio texto, o contexto de onde esse discurso pretende estar falando. É dizer, em *Carta ao Povo Brasileiro*, Lula não estava enunciando algo necessariamente dentro do gênero carta. Poderíamos caracterizar tal enunciação como um discurso político do gênero “declaração pública”, por exemplo. A construção (a partir da própria enunciação) de uma cenografia de carta constrói efeitos de sentido, como coloca Maingueneau (ibid., p. 117), sobre as *Provinciais*, e que absorvemos também para o nosso caso de análise, a *Carta ao Povo Brasileiro*:

A cenografia epistolar, como qualquer cenografia, tem inevitavelmente por efeito fazer passar a cena englobante e a cena genérica ao segundo plano, de modo que o leitor se encontre preso numa armadilha: se a cenografia é bem explorada, ele recebe esse texto primeiramente como uma carta.

Também na cenografia se fundam as figuras do enunciador e coenunciadores, com identidades delimitadas na própria enunciação. Esta se dá em um espaço e em um tempo significados e delimitados também pela enunciação. CFK, em seus discursos de PsMs, é constituída enquanto sujeito do discurso, uma presidenta com determinadas características, que se dirige à juventude, também significada pelo discurso de uma determinada forma, em um espaço e contexto político também com sentidos construídos em uma determinada linha.

A cenografia, portanto, acrescenta Maingueneau, quando bem desempenha o seu papel, não é mero adereço ou elemento de decoração de uma cena já construída, ela, na mesma medida em que para existir supõe uma certa situação de enunciação, ao se desenrolar também “institui progressivamente seu próprio dispositivo de fala” (ibid., p. 118), ou seja, ela é, ao mesmo tempo “origem e produto do discurso” (ibidem). Esse *entrelaçamento paradoxal*, como chama Maingueneau, entre cenografia e a cena de enunciação se sustenta e legitima a medida em que o discurso avança, persuadindo progressivamente o coenunciador (seja o leitor, o público do discurso político, ou outro) que aquela cenografia construída corresponde ao mundo configurado pelo discurso. Em outras palavras, a carta de Lula deve convencer o leitor de que o que ele tem em mãos é uma carta, e não uma declaração pública. O discurso de CFK nos

PsMs deve construir-se progressivamente de modo a convencer seus interlocutores de que aquilo se trata de um diálogo seu com os jovens, posicionados em um espaço de poder.

Os “dois níveis de interlocução” dos quais falávamos, por tanto, podem ser caracterizados como a cena englobante e genérica por um lado, e a cenografia por outro. Acreditamos ser possível afirmar que há, em PsMs, uma cena genérica de uma declaração pública da presidenta a partir da qual se constrói uma cenografia de um espaço de diálogo de CFK com os jovens. Esta cena genérica de declaração pública tem por interlocutores, de um lado, CFK e a juventude ali presente, enquanto bloco, e de outro uma exterioridade, a população argentina que assiste à transmissão oficial de PsMs em canais de televisão, pelo YouTube ou pelas redes sociais da Presidenta. Uma declaração pública de caráter institucional que, como já dissemos, demonstra força política a essa exterioridade, pois funde a voz de CFK às vozes dos jovens. O enunciador desse discurso não é mais CFK, mas sim os PsMs, liderados pela presidenta, a sua porta-voz, mobilizando sentidos diferentes do que seria apenas um discurso de CFK. Em articulação com a cena genérica, se conforma uma cenografia de “diálogos de Cristina con los jóvenes”, como colocado no subtítulo do compilado de Cirelli (2016), cujos interlocutores são a Presidenta e os jovens de sua base de apoio, desconsiderando-se essa exterioridade que assiste ao momento dos PsMs e imprimindo um caráter mais privado, informal e familiar à enunciação.

Tal cenografia se constitui através de todos os aspectos já abordados neste capítulo: o deslocamento produzido pela configuração espacial dos jovens que ocupam a parte interna da Casa Rosada como uma representação da ocupação do espaço de poder, e a imagem de uma presidenta que, ao mesmo tempo que preserva seu posicionamento de porta-voz e líder, ocupando o espaço do *balcón*, é a líder que recebe seus liderados no interior do espaço de poder antes reservado somente a ela, para ali propor a eles um “espaço de diálogo”, construindo uma cenografia de compartilhamento do poder.

Para observar essa cenografia de “diálogo de Cristina con los jóvenes”, podemos nos apoiar em Maingueneau (2008, p. 118), que coloca:

Uma cenografia só se manifesta plenamente quando pode dominar seu desenvolvimento, manter uma distância em relação ao coenunciador. Em contrapartida, em um debate, por exemplo, é muito difícil que os participantes possam enunciar por intermédio de *suas* cenografias: eles não possuem o domínio da enunciação e devem reagir sem demora a situações imprevisíveis suscitadas pelos interlocutores. Em situação de interação viva, o que passa ao primeiro plano é, na maioria das vezes, a ameaça das faces e o *ethos*.

CFK, portanto, na qualidade de uma locutora porta-voz, se constitui como a enunciadora que domina o desenvolvimento dessa cenografia de diálogo, recorta manifestações do público, interpreta seus movimentos de braços, suas consignas, caracteriza e qualifica, através de seu discurso, quais os sentidos de PsMs. Há, entretanto, nessa articulação enunciativa, a constante ameaça de desestabilização dessa cenografia de diálogo pela cena genérica de uma declaração pública. É dizer, por vezes, ao longo da enunciação, essa cena genérica de “declaração pública” vem à tona, sobrepondo-se à cenografia do diálogo, e é no entrelaçamento paradoxal (Maingueneau, 2008, p. 118) entre ambas que se sustentam os sentidos de PsMs.

Um elemento interessante para observarmos a construção da articulação entre cenografia e cena genérica, é a câmera de filmagem, que faz a transmissão dos PsMs. É justamente a presença da câmera que instaura a duplicidade de interlocutores, fazendo com que CFK se dirija ao mesmo tempo aos jovens e a um público externo. Para melhor observar a câmera como elemento central na instauração da cena genérica e cenografia, vejamos dois vídeos do primeiro PM de 20 de novembro de 2013, o mesmo que já abordamos neste capítulo, que foi o PM inaugural. Um deles³⁹ (a partir de agora V1), é a filmagem feita para transmissão nos canais oficiais da presidenta; o V2⁴⁰, uma filmagem editada para ser um “por trás das câmeras”, simulando algo mais próximo do que “realmente se deu ao vivo”.

Em V1, temos por interlocutor prioritário um público externo, aproximando-se mais, portanto, da cena genérica em questão, uma declaração pública da presidenta. Apesar do tom familiar adotado por CFK, ao iniciar o discurso com “cuanto los extrañé, por Dios!” (0:58 min), ou mesmo a presença de alguns jovens no *balcón* junto com ela, aos quais foi permitida a entrada nesse espaço, é possível observar nesta gravação a presença de dois seguranças, de costas para o vídeo, que tem por função impedir que os jovens no *balcón* se aproximem a uma determinada distância de CFK. Podemos considerar esses seguranças que aparecem no vídeo como um elemento desestabilizador da cenografia do diálogo, delimitando o acesso que tais jovens efetivamente têm a CFK. Em V2, em contrapartida, é constituída uma cenografia de uma maior proximidade e acessibilidade a CFK pelos jovens. Na descrição de V2 na página oficial da Casa Rosada, podemos ler:

³⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9_Q6uqGAYG4> Acesso em 15/06/2023.

⁴⁰ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PPnboKzkgGA&t=119s>> Acesso em 15/06/2023.

20 de noviembre de 2013, Buenos Aires: Todo lo que no viste del regreso a la actividad de la Presidenta de la Nación, Cristina Fernández de Kirchner, en la Casa de Gobierno, donde tomó juramento a los nuevos integrantes del Gabinete de Ministros y dirigió un mensaje a la Juventud que colmó cada rincón de la sede del Gobierno⁴¹.

A descrição deixa clara a intenção do vídeo de mostrar “o que você não viu”, a “realidade oculta por trás das câmeras”. V2 se inicia mostrando CFK descendo do carro, acenando para uma possível aglomeração de pessoas que não é registrada no vídeo e entrando nas dependências da casa de governo. Na sequência, ela posa para fotos, cumprimenta uma longa fila de jovens, no caminho até o *balcón*, onde se posiciona para discursar: sorri, faz gestos com as mãos em interação com a multidão que preenche os pátios. No próximo corte do vídeo, aparece a presidenta sendo fotografada, cumprimentando e trocando algumas palavras com funcionários uniformizados, reforçando a construção dessa cenografia de informalidade e proximidade, a presidenta “como uma de nós”, uma verdadeira anfitriã.

No compilado de discursos de PsMs organizado por Cirelli, a pequena introdução escrita pelo jornalista ao discurso inaugural de 20 de novembro diz (2016, p. 30):

Aquel miércoles 20, luego de la jura de los flamantes ministros, Cristina inauguraría en el Patio de las Palmeras de la Rosada una manera inédita de diálogo con el pueblo, en especial, con los jóvenes [...] En su análisis en *Tiempo Argentino*, la periodista Ana Clara Pérez Cotten subrayó: “Los jóvenes que ayer colmaron el Patio de las Palmeras fueron testigos de cómo la realidad aplasta sin piedad las especulaciones. La Presidenta, conmovida por las circunstancias que tuvo que atravesar pero de buen humor y con fuerzas renovadas, eligió volver al escenario rodeada de los que considera su gran capital político: la militancia.

No excerto, fica explicitada a construção simbólica da cenografia de PsMs enquanto espaço de diálogo, ou seja, escuta e troca com os jovens militantes. Por outro lado, também fica explicitada a relação que se estabelece mais claramente a partir da análise da cena genérica de uma declaração pública: a demonstração de seu capital político, que é a militância, e esse elemento sendo comunicado a uma exterioridade.

A articulação da cenografia e cena genérica, portanto, contribuem na constituição da figura enunciativa desta Locutora-Presidenta CFK, de acordo com a tipologia de Guimarães (2002). Esse contexto enunciativo a tem enquanto líder e porta-voz da massa de jovens militantes, legitimada enquanto tal. Nesse sentido, uma regularidade que contribui na constituição desta L-CFK e que nos parece produtivo explorar, é o recurso ao *testemunho*, em

⁴¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PPnboKzpkGA&t=119s>> Acesso em 15/06/2023

especial no que se trata de relatos em primeira pessoa mobilizados ao longo dos discursos de CFK sobre o período da ditadura militar argentina entre os anos de 1976 e 1983. Os relatos e a rememoração do passado também nos levarão a outra regularidade a ser explorada, a função polêmica através da construção de um *Outro negativo* que, como veremos, funda na enunciação um “nosotros/nós” e um “ellos/eles”. Mediante essa operação, é delimitado um coletivo de identificação em oposição a um Outro negativo, ambos coletivos que, nos discursos de PsMs são representados, dentre outros elementos, a partir de uma filiação temporal e ideológica a um passado histórico e um passado recente. Estas duas regularidades dos discursos de PsMs, o recurso ao testemunho e a construção do Outro negativo, serão trabalhadas em nosso segundo capítulo.

Capítulo 2: A configuração de si e do outro

De acordo com Montero (2012, p. 123), os coletivos de identificação delimitam, na enunciação, um “eu” e um “outro”, podendo ser constituídos através de distintos recursos, dentre eles a representação de uma história comum, uma “linha de filiação ao passado” e a instauração de um “lazo de creencia”. Nesta etapa de nosso trabalho, observaremos o funcionamento da função polêmica em PsMs e a delimitação de um Outro negativo, representado tanto pela oposição ao governo, como também pela construção de uma linha de continuidade entre a ditadura militar e o período neoliberal pré-kirchnerismo. A função polêmica, do nosso ponto de vista, é parte constitutiva do que chamaremos de “Discurso Político”, segundo a tipologia apresentada por Dagatti (2012) e Verón (1987). Nos deteremos neste capítulo, portanto, também na definição desse gênero e suas principais regularidades.

Nesse sentido, Martinez (2013) observa que a constituição do Outro negativo também passa pela delimitação de um coletivo de identificação (um “nós”, em oposição a um “eles”), elemento que podemos identificar nos discursos de CFK em PsMs. Tal coletivo de identificação se constitui pela negação do outro, mas também, como já colocado, pela partilha de uma história comum. Nesses discursos, como veremos, CFK posiciona a si mesma como a representante legítima da “geração de 70” ou “setentista”, de resistência à ditadura militar argentina, traça uma linha de continuidade entre essa geração do passado e a juventude atual, tendo o recurso do testemunho em primeira pessoa como recurso fundamental para a constituição discursiva dessa locutora.

A delimitação desse “nós”, como veremos, também tem como recurso importante a construção de um coletivo de identificação nomeado como “argentinos”, que funciona como uma ampliação do coletivo de identificação “kirchneristas”, representado como se tratasse da totalidade dos argentinos. Como já antecipamos, ao passo em que há a delimitação nesse “nós” enquanto um coletivo de identificação que aglutina CFK e sua base de apoio, simultaneamente se delimita, através do recurso da função polêmica – constitutiva do discurso político segundo Dagatti (2012) e Verón (1987) –, também um “eles”, ou seja, aqueles que não fazem parte desse coletivo, aqueles que se opõe, o “Outro negativo”. Essa construção permitirá a nucleação de dois coletivos, representados como: um “nós”, que são os argentinos, comprometidos com o bem do país; e um “eles”, que se refere a um conjunto não claramente identificado, vinculados a uma linha de continuidade que vai desde a ditadura militar até o período neoliberal e que tem um programa político e econômico anti-Argentina.

Na primeira parte deste capítulo, faremos alguns apontamentos com relação ao discurso político (de agora em diante DP). Para tal, nos basearemos centralmente nos aportes de Dagatti (2012), Verón (1987) e Verón e Sigal (2014). As reflexões de Dagatti nos permitirão ver o modo como essa disciplina, na articulação por ele proposta, guarda um forte vínculo com o papel da Análise do Discurso (daqui em diante AD⁴²), e também abordar as regularidades do DP enquanto campo de estudo. Logo, passaremos a algumas notas com relação ao discurso kirchnerista em particular, sobretudo a partir dos estudos de Balsa (2013) e Raiter (2013), abordando com maior profundidade o aspecto da configuração do “eu” e do “outro” nos discursos de PsMs. Para tanto, as operações discursivas fundamentais para este fim são o recurso ao testemunho, a partir das contribuições de Sarlo (2007), Vezzetti (2012) e Salerno (2021) e a construção do Outro negativo, com base nos estudos de Martinez (2013) e Montero (2012).

1. O Discurso Político

Em seu texto “Aportes para el estudio del discurso político en las sociedades contemporáneas”, Dagatti (2012) reconstitui o processo que alçou os estudos da linguagem, em especial através da AD, como disciplina fundamental para as ciências sociais, e explicita o posicionamento dos estudos acerca do DP para a compreensão das dinâmicas sociais.

Nesse sentido, o autor (2012, p. 55) destaca que, desde a década de 1960, a linguagem, e, portanto, os discursos, têm sido parte fundamental dos estudos sociais, e “as mediações da linguagem para conhecer o mundo social” ganharam importância (ibidem), o que o autor chama de “giro linguístico”, ou seja, a AD é colocada como um dos principais domínios do saber para refletir sobre as sociedades contemporâneas (ibidem). Nesse contexto, o estudo do DP adquire especial relevância, por dialogar com as dinâmicas sociais e “envolver processos de identificação que dão conta das práticas e dos imaginários sociais de uma comunidade determinada” (ibidem). Como coloca Dagatti (ibid., p. 60):

Bajo sistemas de categorías diversos, el análisis del discurso político ha emprendido la tarea de establecer una reflexión crítica en torno a las prácticas políticas, cualquiera fuera el régimen político en cuestión, su origen, su institucionalidad y sus tradiciones. El objetivo de fondo refiere, en líneas generales, a ofrecer pistas para indagar las dinámicas de identificación y antagonismo entre los diferentes sectores y actores políticos.

⁴²Trata-se, em boa parte, da AD de linha materialista com a qual dialogava, em nosso capítulo 1, a Semântica da enunciação de Eduardo Guimarães.

Portanto, como observa o autor (*ibidem*), os discursos políticos podem ecoar as práticas e imaginários sociais de uma determinada comunidade de tal forma a expressar seu sentido histórico, seus valores e identidade como povo, o que inclui também as dinâmicas de disputas, conflitos e antagonismos, expressando a formação de coletivos de identificação e oposição, por exemplo.

Essa relação entre o discurso e as práticas sociais é elemento chave para as reflexões propostas pela disciplina da AD, e também Verón e Sigal (2014, p. 15), ao refletirem sobre o DP, aprofundam neste debate, contribuindo com importantes observações para a compreensão do funcionamento desse tipo de discurso social:

Como todo comportamiento social, la acción política no es comprensible fuera del orden simbólico que la genera y del universo imaginario que ella misma engendra dentro de un campo determinado de relaciones sociales. Ahora bien, el único camino para acceder a los mecanismos imaginarios y simbólicos asociados al sentido de la acción es el análisis de los discursos sociales.

A própria AD enquanto disciplina, segundo Dagatti (2012, p. 57), tem seu caminho pavimentado a partir da centralidade que assume a análise do DP para a compreensão dessas dinâmicas sociais, tendo como premissa para o estudo da palavra a indissociabilidade entre língua e história na ordem do discurso. Ainda segundo o autor (*ibidem*):

Visto desde el presente, el análisis del discurso político fue la llave de acceso para quienes buscaban abrir el camino de una nueva disciplina, en un momento en que las perspectivas analíticas excedían los márgenes de la lingüística y las dificultades para integrarse con las ciencias sociales eran crecientes.

Dessa perspectiva (*ibid.*, p. 58), o discurso passa a ser entendido como uma das formas materiais da memória histórica, e o sujeito, outrora entendido como “a fonte do sentido” é localizado como aquele que enuncia a partir de uma determinação que também é histórica e social. O objetivo principal era “pensar a relação do ideológico e do linguístico evitando igualmente reduzir o discurso à análise da língua e dissolver o discurso no ideológico” (*ibidem*), concepção esta que está em forte diálogo com a Semântica da enunciação, de Guimarães (2002), já exposta em nosso capítulo 1.

Verón e Sigal (2014, p. 22), também nessa mesma linha, nos ajudam a complementar nossa reflexão:

El concepto de dimensión ideológica de un discurso (o de un tipo de discurso) designa la relación entre el discurso y sus condiciones *sociales* de producción: esta relación se concreta en el hecho de que el discurso en cuestión exhibe ciertas propiedades que se explican por las condiciones bajo las cuales ha sido producido.

As autoras (ibidem) levantan a questão de que, se o aspecto ideológico dos discursos está justamente em sua relação com suas condições de produção, seria incorreto afirmar que o DP carregaria uma carga ideológica maior que o discurso científico, por exemplo. Isso porque “os diferentes tipos de discursos se distinguem por uma estruturação diferente de sua dimensão ideológica, ou seja, a relação que guardam com suas condições de produção” (ibidem). O conceito de “dimensão ideológica”, portanto, se aplicaria a qualquer tipo de discurso, sem exceção, e nesse sentido, como colocam Verón e Sigal (ibidem):

Interrogarse por la dimensión ideológica del discurso político no es pues preguntarse por la presencia de tales o cuales contenidos, “opiniones”, o “representaciones” de la sociedad, sino preguntarse por la relación del discurso político con sus condiciones *específicas* de producción.

Partindo desses pressupostos, entendemos que todo discurso, por si, se entrelaça ao político, ao social e ao histórico, por sua própria constituição. Dagatti (2012, p.62), então, indaga: o que define a “politicidade” de um discurso? Ou seja, quais são as regularidades que podemos identificar que caracterizariam um discurso como sendo um DP? Segundo ele (ibid., p.64), pela reflexão até aqui desenvolvida, a “politicidade” é elemento difícil de ser definido. O questionamento levantado por Dagatti retoma a mesma problematização já colocada por Verón em seu clássico texto “La palabra adversativa: observaciones sobre la enunciación política” (1987). O autor levanta as lacunas com relação à elaboração de tipologias para a área de estudo dos discursos sociais e as insuficiências conceituais também neste campo. Diz Verón (1987, p.13):

Está claro que el hablar de discurso *político* supone necesariamente que existen discursos que no son políticos; dicho de otro modo, la noción de discurso político presupone, de manera explícita o implícita, ciertas hipótesis sobre una tipología de discursos sociales. Ahora bien, es igualmente claro que esa tipología no existe todavía.

Do ponto de vista colocado por pelo autor à época (ibidem), os estudos sobre o DP se desenvolveram muito baseados em “certas intuições” e a partir da identificação de sentidos comuns verificáveis pela vivência, como por exemplo a definição de “discursos políticos” como aqueles produzidos por líderes ou partidos políticos, ou a produção discursiva explicitamente articulada às instituições do Estado.

No contexto desse trabalho de conceitualização, Dagatti (2012, p.64) afirma que um discurso é político não por seu conteúdo ou dinâmica de funcionamento, mas sim pela “situação de comunicação em que é enunciado”. Por sua vez, Verón (ibidem) esclarece reiteradas vezes em seu texto a necessidade de avançar na definição do DP, para que as chamadas “condições de produção” não estejam restritas, por definição, aos contextos institucionais de enunciação da palavra política. O autor (1987, p. 14) coloca que “devemos estar em condições de *transformar* a categorização intuitiva inicial e, se for o caso, abandoná-la”. Buscando esse objetivo, Verón (1987, p. 16) elenca uma série de regularidades no funcionamento do DP e que são também abordadas e desenvolvidas por Dagatti (2012, p.64). Os dois autores tratam a questão do enfrentamento ao outro como um aspecto da *dimensão polêmica* do DP, e nesse sentido a necessária *construção de um adversário*. Essa regularidade seria fundamental, segundo eles, pois abre o campo de reflexão para a análise de uma série de operações discursivas que pressupõe no DP, portanto, essa construção da imagem de si e do outro. Nesse sentido, segundo Verón, “todo ato de enunciação política é ao mesmo tempo uma réplica e também supõe (ou antecipa) uma réplica” (ibid., p. 16).

Contribuindo para o desenvolvimento dessa definição, Dagatti (2012, p.64) expõe quatro aspectos:

en primer lugar, la existencia de una economía discursiva trifuncional, que encuentra en la polémica una dimensión constitutiva de la palabra política; en segundo lugar, una progresiva preeminencia de las dimensiones ethica y pathica; en tercer lugar, la posibilidad de concebir el dispositivo enunciativo político como un proceso de escenificación, en el que la construcción de imágenes de sí y de los otros es decisiva en la confección de una identidad política más o menos homogénea que tienda a regular los procesos de adhesión y rechazo: por último, y en estrecha relación con los dos últimos puntos, la dimensión corporal de la enunciación política, entendiendo el discurso político a la vez como

“ente de palabra” (Verón, 1987)⁴³ y como “presencia carnal” (Courtine, 2009)⁴⁴

Em nossa análise, abordaremos com mais profundidade as questões relacionadas à “economia discursiva trifuncional” e a “construção de imagens de si e do outro”. A “economia trifuncional do discurso”, como é chamada pelo autor, se refere ao que é colocado por Verón e Sigal (2014) e Verón (1987) como a “multidestinação” do DP. Isso é, as autoras, como cita o próprio Dagatti (2012, p. 62), afirmam que “enunciar um discurso político consiste em situar a si mesmo como enunciador e dispor de três tipos de destinatários diferentes”. Dagatti (ibidem) também retoma o colocado por Verón e Sigal (2014) quando observam que a enunciação política está sempre relacionada à construção de um adversário, supondo, portanto, a construção de uma imagem de si e do outro, ao mesmo tempo em que supõe destinatários terceiros que podem se colocar “contra”, “a favor” ou “de forma indecisa” em relação a essa enunciação. Como especifica o Dagatti (ibidem):

La economía discursiva de la palabra política estaría, entonces, signada por tres funciones: una función de refuerzo respecto de un prodestinatario (el prosélito), una función de polémica respecto de un contradestinatario (el adversario) y una función de persuasión en lo que concierne el paradestinatario (el indeciso).

O outro importante elemento levantado por Dagatti (ibid., p. 67), e intimamente conectado à multidestinação, é a construção de uma representação de si e do outro na enunciação. Para o DP, assume papel central a delimitação de um coletivo de identificação bem como a delimitação de seu adversário (o Outro negativo). Sobre a construção da imagem de si e sua relação com a configuração dos coletivos de identificação, diz o autor (ibidem):

La pregunta por cómo las imágenes de sí que un presidente despliega en sus discursos públicos ofician como garantes de credibilidad e identificación de un proyecto político adquiere su real dimensión cuando se observa que resulta difícil encontrar un ejercicio de gobernabilidad que no ponga en escena un haz de aspectos comunes entre la figura presidencial y los colectivos sociales a los que interpela. La aprobación social de un dirigente obedece en gran medida a la *mostración* de cierta fisonomía que comparte con aquellos a quienes pretende representar: la construcción de liderazgo pone con frecuencia

⁴³ Verón, E. La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política. In: Verón, E. et. al. *El discurso político. Lenguajes y acontecimientos*. Buenos Aires: Hachette, 1987.

⁴⁴ Courtine, J. J. Prólogo. In: Piovezani, C. *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

de manifiesto armazones ideológicas que subyacen y nutren la dinámica de formación de las identidades colectivas.

Sobre essa mesma discussão, Verón e Sigal (2014, p. 246) acrescentam que, para esse “enunciador-porta-voz de seu coletivo de identificação”, a questão central é desqualificar a palavra do outro, demonstrar suas fragilidades argumentativas, suas incoerências. Deve “mostrar que la posición de enunciación de éstos no es la que proclaman: mienten o se equivocan; se engañan y/o nos engañan.” O DP, portanto, constrói a ideia de que o discurso do outro é apenas uma pretensão da verdade. Com relação a essa questão, nos parece relevante reproduzir um apontamento reiterado por Verón e Sigal (2014, p. 251), que nos alertam que não se trata de contrapor o “fazer” e o “dizer” no caso da enunciação política, como se se tratasse de apontar uma contradição entre essas duas esferas na prática política de um indivíduo ou grupo. De acordo com as autoras, esse tipo de abordagem revela uma concepção simplista segundo a qual o “fazer” estaria no campo do objetivo e o “dizer” no campo da subjetividade de um dado ator social. Como colocam (ibid., p. 251):

Las conductas no son un “dato” puramente objetivo puesto que no podemos saber siquiera en qué consisten esos comportamientos que queremos explicar, si no los identificamos dentro del marco de relaciones significantes que les otorga existencia. Y las palabras, tal como el análisis del discurso las aborda, poco tienen que ver con las “representaciones subjetivas” de los emisores y los receptores.

Desse modo, vale apontar que, quando abordamos a regularidade do DP que visa desqualificar o discurso do outro como uma pretensão de verdade, nos referimos não à relação entre seu discurso e sua prática política, mas nos restringimos à análise da representação de incoerência do discurso do outro construída no discurso analisado.

A partir do exposto até aqui, portanto, podemos identificar como importantes regularidades do DP: a multidestinação; a configuração de um coletivo de identificação e, em contrapartida, de um Outro negativo; e a desqualificação da palavra deste outro, que chamaremos a dimensão polêmica. Javier Balsa (2013) identifica como essas dimensões se apresentam no discurso kirchnerista. O autor (ibid., p.23) aponta que uma característica importante dessa discursividade é o lugar fundamental dado à “dimensão adversativa”, ou dimensão polêmica. Retomando Verón (1987) sobre o elemento adversativo, Balsa observa (ibidem):

Este sería, siguiendo a Eliseo Verón, un elemento característico de todo el campo discursivo de lo político, en el que siempre existe “enfrentamiento, relación con un enemigo, lucha entre enunciadores”. En este sentido es que “la enunciación política parece inseparable de la construcción de un adversario”. Sin embargo, en el kirchnerismo esta dimensión adversativa habría alcanzado niveles superlativos

Balsa (2013, p.24) también retoma a obra de Raiter (2013), que, segundo ele, adota una linha similar à de Verón, colocando que no discurso kirchnerista os relatos do passado cumprem um papel importante na sustentação da dimensão polêmica neste discurso, tendo como um recurso fundamental o da rememoração pessoal, com a aparição da forma “yo/eu” de forma explícita, o que dá mais força e validade ao dito, uma vez que parte de uma recordação de uma experiência pessoal, legítima e não impugnável.

Raiter (2013, p. 136) coloca que, nesse contexto, a memória pessoal de CFK dá lugar à apresentação de sua versão particular de fatos históricos relacionados à Argentina, construindo, nesse caso, a partir da chave da polêmica, uma imagem de si. Nesse sentido, nos parece especialmente relevante nos discursos de CFK a rememoração do período da ditadura militar argentina entre 1976 e 1983, bem como o resgate de um passado recente, anterior à eleição de NK, passado este caracterizado em seus discursos como o período “neoliberal” que desaguou na crise de 2001.

Na interpretação de Raiter (2013, p. 128), dentre outros autores e autoras, portanto, a mobilização do passado cumpre papel central na enunciação de CFK tanto na constituição político-discursiva de seu lugar como enunciativa, como na construção de sua figura política. Neste sentido, o relato histórico se insere na dimensão polêmica do discurso de CFK, tentando produzir novos relatos da história argentina, recurso este muito presente no DP, pois, como coloca Raiter (ibidem) “la historia siempre se escribe desde el presente y para el presente”.

Ainda segundo esse autor (ibid., p. 128), o enunciador político também mobiliza uma “função didática” que consiste em, para além de se posicionar com relação ao agora, fazer o resgate do caminho histórico que levou até então, explicar a seus destinatários como estão, quem são, quem foram antes e como chegaram até onde estão. Essa função didática cumpre um papel na função polêmica do discurso, pois se dirige aos paradestinatários da enunciação (aqueles na posição da indecisão) de modo a mobilizar o passado visando a desqualificação discursiva dos adversários, que serão, em alguma medida, responsáveis ou coniventes com os insucessos e males ocorridos que se expressam no presente (ibid., p. 129).

Nesse sentido, uma regularidade do discurso de CFK que assume papel central na constituição da imagem de si e, por consequência, na imagem de seus adversários, é o recurso

ao testemunho. Essa regularidade consiste na narração de relatos pessoais de experiências vividas por CFK no período da ditadura, posicionando esta locutora como membra da chamada “geração de 70”, composta por jovens que protagonizaram a resistência ao regime. Passaremos agora a alguns apontamentos com relação ao modo de funcionamento do testemunho, que identificamos como sendo uma maneira específica de mobilização do passado presente nos discursos de PsMs.

2. O Testemunho

Como coloca Sarlo (2007, p.24), a narração da experiência “une ao corpo e à voz uma presença real do sujeito na cena do passado”, fazendo com que esse testemunho ganhe status de verdade indiscutível. Ainda segundo a autora (ibid., p. 20), no contexto de regimes militares e da destruição de documentos sobre o terrorismo de estado, o relato em primeira pessoa assume papel ainda mais relevante na reconstituição da memória. Dessa forma, a mobilização desses relatos nos discursos de CFK em PsMs, embora não seja tão regular em frequência, quando emerge é significativa e contribui na construção dessa figura enunciativa e sua forma de acesso à palavra. Em PsMs, o contexto de assunção da palavra posiciona CFK enquanto Locutora em um lugar do dizer de legitimidade, não só enquanto a fonte legitimada desses relatos, mas também a ponte possível entre a juventude da geração de 70, da qual a presidenta fez parte, e a juventude atual, que a escuta.

Esse funcionamento assume tal caráter ao considerarmos a posição central que a ditadura militar tem na memória do povo argentino. Ainda durante o regime militar, a pauta da memória, verdade e justiça emerge no país como elemento central de organização e reivindicação dos movimentos sociais desse período. O próprio caráter do regime e o terrorismo de Estado que dele derivou colocavam essa questão em primeiro plano, convertendo-a no principal sentido da oposição pública dos organismos de direitos humanos, em especial as *Madres de la Plaza de Mayo*⁴⁵. Segundo Vezzetti (2012, p. 21):

la dictadura no sólo desarrollaba un plan sistemático de detenciones ilegales y asesinatos, sino que buscaba (y en gran medida lo conseguía) mantener un control estricto sobre la información pública de esas prácticas.

⁴⁵ Organização política protagonizada por mães de militantes assassinados ou desaparecidos pela ditadura militar argentina. Ficaram conhecidas pelas rondas realizadas na Praça de Maio, em frente à Casa Rosada, usando lenços brancos na cabeça em protesto contra o regime e em busca de informações sobre o paradeiro de seus filhos.

Baseados nessa observação do autor, podemos afirmar que parte da construção identitária e simbólica do povo argentino nos anos que se sucederam é fundada em uma marca profunda deixada pelo período militar. Não só o terrorismo de Estado tem grande importância no imaginário desse povo, mas também essa marca é atravessada pela tentativa de apagamento simbólico e físico dos crimes de Estado, materializada na prática sistemática dos desaparecimentos, que resultou no número icônico de 30.000 mortos e desaparecidos, como registra o próprio Vezzetti (2012, p. 11).

Apesar da ação coordenada dos agentes de Estado de esvaziamento da memória, através da destruição de arquivos e encobrimento de seus crimes de diversas formas, como nos coloca Sarlo (2007, p.10), não se pode apagar o passado pelo exercício da decisão nem da inteligência:

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe da onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa.

Nesse contexto, apesar das tentativas de sua contenção, a memória transborda de dentro dos indivíduos, irrompendo na vida social, e por isso o relato testemunhal é alçado como uma possibilidade de reconstrução de uma memória coletiva apagada. Assim, registra Sarlo (2007, p.45 a 48), na Argentina pós ditatorial, o testemunho enquanto gênero discursivo ganha status de documento historiográfico, cumprindo um papel que as modalidades acadêmicas da historiografia não podiam ocupar: permite a reconstrução de uma memória apagada e passa a ocupar lugar fundamental na discursividade e na construção do imaginário social sobre o período da ditadura. Salerno (2021, p. 28) liga diretamente esse funcionamento a certas ações pós-ditadura: a criação da “Comisión Nacional sobre la Desaparición” (CONADEP) já em dezembro de 1983 e a publicação do relatório “Nunca Más”⁴⁶. Nesse contexto, a autora (ibidem) conclui que:

el testimonio se erigió como discurso crucial en los trabajos de la memoria y como prueba constativa de los crímenes de lesa humanidad perpetrados por el gobierno de facto. La voz de los sobrevivientes se tornó entonces fuente de acceso a los sucesos de la dictadura y, con ello, develadora de la verdad.

⁴⁶“Nunca Más” foi o relatório emitido pela Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas da Argentina, criada pelo presidente Raúl Alfonsín a 15 de dezembro de 1983.

O testemunho, então, como concluem as autoras, se transforma em um recurso fundamental para a reconstrução do passado. Em PsMs, nos deparamos com a ocorrência do gênero testemunhal como elemento disruptivo na enunciação. Em enunciados tematizando a política nacional presente, o gênero se insere na linha argumentativa para que logo se retome o tópico anterior, movimento análogo ao da rememoração, que irrompe nas estruturas do presente. Essa irrupção, como já colocado, aparece na forma de relatos de momentos vividos pela enunciativa entre as décadas de 70 e 80, interpelando a juventude, em especial, de maneira potente, que por não ter vivenciado esse período, encontraria na figura de CFK uma ponte de conexão com essa história. Esses relatos também contribuem para a delimitação de CFK enquanto uma representante e porta-voz da chamada “geração de 70”, de militantes que atuaram em oposição ao regime militar, uma “testemunha e sobrevivente” (Salerno, 2021, p. 25), ou seja, uma fonte legitimada desse dizer para a juventude atual, ativando a memória coletiva entorno do período. A operação discursiva que abordamos posiciona CFK, portanto, enquanto um elo dessa ponte geracional de um passado que transborda no presente. Segundo Sarlo (2007, p. 49), que se apoia nos estudos de Ricoeur⁴⁷, “o presente da enunciação é o ‘tempo de base do discurso’ porque é presente o momento de se começar a narrar e esse momento fica inscrito na narração”. Nesse sentido, a autora (ibidem), diferenciando “história” de “discurso” afirma que os relatos testemunhais são discurso:

porque têm como condição um narrador implicado nos fatos, que não persegue uma realidade externa no momento em que ela é enunciada. É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma “experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação.

Ou seja, esse lugar do dizer, no discurso, de legitimação, é validado não para o tempo do acontecimento do relato (passado), mas para o tempo presente da enunciação, sendo esta, de acordo com Montero (2012, p. 77), uma operação de reativação de uma determinada memória que conduz a uma determinada interpretação do presente. Os relatos de CFK em seu discurso, portanto, contribuem na constituição desta Locutora e nos sentidos de PsMs desde o presente, e ainda, são alçados ao status de verdade inquestionável por serem enunciados como testemunhos, uma forma de acesso à história.

⁴⁷ A obra de Ricoeur, citada por Sarlo, corresponde à publicação, no Brasil, de: Ricoeur, P. Tempo e narrativa. Campinas: Papirus, 1995

Para Salerno (2021, p. 28), a importância histórica do gênero testemunhal é parte fundamental das condições de produção do discurso de CFK, mas vale lembrar que essa enunciação presente se dá em uma conjuntura bastante diferente do período militar. Nesse sentido, a autora (ibidem), analisando a ocorrência do gênero testemunhal em discursos da presidenta sobre a Guerra das Malvinas⁴⁸, aborda como o passado é ressignificado no presente através do relato e da rememoração, e, inclusive, se coloca uma pergunta muito produtiva do ponto de vista da análise:

las narrativas de vida en los enunciados celebratorios sobre Malvinas proferidos por la mandataria exceden el conocido vínculo que el kirchnerismo tendió de manera explícita con los años '70. Si los relatos sobre el pasado responden a necesidades de época y forman parte de la arena política coyuntural, es importante tener en cuenta que el estatus del relato testimonial como documento histórico y político válido y también como herramienta de difusión puede tener una función legitimante más allá del contexto judicial (Carranza 2020⁴⁹; Sarlo 2012⁵⁰). La preponderancia de las narrativas autobiográficas es funcional a la “configuración modélica de identidades y subjetividades” y, al mismo tiempo, a la “construcción de tramas y sentidos de la memoria pública” (Arfuch 2014⁵¹). Si, como insiste Sarlo (2012), el testimonio da voz a los que antes no la tenían, a los marginados, a las víctimas, a los desposeídos, a quienes no son escuchados, ¿qué ocurre, en cambio, cuando un discurso es producido por alguien que sí tiene voz?, ¿cuál es el rol de la narrativa personal sobre un trauma de la historia nacional cuando aquella es enunciada desde una posición de poder?

Apoiados em Salerno, portanto, acreditamos ser pertinente observar quais efeitos de sentido são produzidos por esses relatos sobre o passado no presente da enunciação de CFK, considerando o deslocamento temporal entre o acontecimento relatado e o presente da enunciação. É dizer, que sentidos ressoam quando a Locutora-CFK, presidenta, que ocupa um espaço de poder, posicionada no *balcón* da Casa Rosada e legitimada enquanto porta-voz, relata

⁴⁸ Conflito armado entre Argentina e Reino Unido que se deu em 1982, ainda durante a ditadura militar argentina. Tal Guerra remonta a um conflito centenário entre os dois países pelo domínio do arquipélago denominado “Ilhas Malvinas”, e foi fruto de uma movimentação do regime militar - quando ele já não mais se sustentava - contra a ocupação britânica no território.

⁴⁹ Carranza, I. Narrativas interaccionales. Una mirada sociolingüística a la actividad de narrar en encuentros sociales. Córdoba: Departamento Editorial de la Facultad de Lenguas, 2020

⁵⁰ Sarlo (2007)

⁵¹ Arfuch, L. (Auto)biografía, memoria e historia, In: *Clepsidra*. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria 1. 68-81, 2014

um passado no qual ela era uma jovem que resistia à ditadura militar, ou seja, em um lugar de silenciamento.

Com esse objetivo, vejamos algumas sequências discursivas (SDs) de CFK no PM de 2 de abril de 2014⁵², feriado nacional em comemoração ao “Dia dos Veteranos e dos Caídos na Guerra das Malvinas”. Nessa ocasião, CFK, em meio a seu discurso, faz um relato de uma manifestação ocorrida na Praça de Maio no dia 14 de junho de 1982, dia no qual ocorreu a rendição argentina na Guerra das Malvinas. Vejamos o fragmento:

SD 3 [19:35 min] A las 6h de la tarde la plaza estaba repleta de hombres, mujeres, mujeres con chicos, que los habían ido a buscar al colegio, oficinistas... Yo me encontré con algunos amigos y compañeros allí en la Plaza, y esa vez, fue la última vez que volví a la plaza, el 14 de junio de 1982. Luego, dieron la orden de que la Plaza fuera desalojada, porque las consignas eran cada vez más fuertes, más duras y como la gente cada vez se reunía más, y más, y más... Hubo represión y tuvimos que correr porque empezaban a lanzar gases y demás (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.80)

Pouco depois, esse relato serve de base para significar a experiência na formação de um político e, imediatamente, a narrativa rememorativa volta, de maneira a contribuir na construção dos sentidos que interpelam a juventude, tal como aparece na SD 4:

SD 4 [20:28 min] No hay mejor aprendizaje, no hay mejor formación para un político que haber vivido o haber sido parte de la historia. Hay cosas que no se aprenden en los libros, no te las enseña ni te las replica nadie, las vivís de la experiencia personal, **y la verdad que recuerdo ese día que, bueno, después terminamos en la 9 de julio, llorando, con pañuelos en la boca, porque hay que ponerse en seguida pañuelos en la boca** (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.80, grifos nossos)

Após a reflexão sobre os valores com os quais deve contar um político, portanto, volta a narrativa de testemunho, trazendo o desenlace daquele 14 de junho de 1982. Esse relato do passado é colocado como fundante de quem é CFK hoje, fazendo referência a seu caráter e seus valores.

Em seguida, a enunciação da mandatária, relacionada novamente à formação de um político, é atravessada por uma consigna que seus interlocutores começam a entoar, no sentido de reafirmação do dizer da presidenta e de filiação dos jovens ao “projeto de libertação”

⁵² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aqaiiS8Rgng&t=3s>> Acesso em 15/06/2023

comando por CFK. Colocamos na próxima sequência o fragmento recortado do discurso de CFK e, imediatamente, a consigna enunciada por esses jovens:

SD 5 [23:11 min]

CFK: En épocas de encuestas, donde vos no sabés lo que opina un político, porque seguramente se reunió antes con su asesor de imagen para que le diga que era lo que tenía que decir... Bueno, yo no soy de esa generación, yo soy de la generación y de la escuela de los que dicen lo que piensan, lo que creen y lo que creen que les va a hacer bien a la Patria y el país. Por eso, también te da mucha tranquilidad de conciencia, de poder mirar a los ojos de todos los argentinos y decirles que nunca les prometimos nada, y más: no prometimos nada y dimos cosas que nunca nadie se imaginó que iban a pasar en la República Argentina (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.81 e 82)

Jovens: Cristina, Cristina, Cristina, corazón,
¡Acá tenés los pibes para la liberación!
(transcrição nossa)

Podemos observar que o relato contido em SD 3 ativa uma memória que vai para além do acontecimento relatado em si. A narrativa desse episódio, que teve lugar no início da década de 80, acopla a esse resgate também outros acontecimentos inscritos na memória coletiva: os sequestros, assassinatos, prisões ilegais, torturas, e todos os crimes de Estado do período. O relato pontual desta manifestação de 14 de junho de 82 traz para o primeiro plano o cenário completo deste contexto, a falta de liberdade, as violações. Este recurso estabelece uma conexão direta entre tal contexto repressivo e CFK, apesar desta locutora, enquanto ser empírico, não ter pessoalmente vivenciado todas essas experiências que a memória da ditadura ativa. Utilizando as categorias de Guimarães (2002), poderíamos dizer que, no campo da enunciação, essa locutora se constrói como a representante de uma geração “dizimada”, como também aparece no PM de 22 de janeiro de 2014⁵³, após a juventude entoar um canto contra a violência policial nos dias atuais:

SD 6 [8:20 min]

Jovens: No queremos mano dura, no queremos represión.
Queremos para los pibes, trabajo y educación.

CFK: Qué consigna maravillosa, sobre todo para un miembro de mi generación –a que él calificó, en aquel histórico discurso, del 25 de

⁵³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nMjTjO-vw>> acesso em 15/06/2023

mayo del 2003⁵⁴– como parte de la generación diezmada (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p. 45)

Independente das vivências específicas de CFK, portanto, esta locutora é constituída enquanto uma membra dessa geração, uma locutora que viveu isso, e que sabe a partir da experiência o que é passar por uma situação desse tipo.

Um aspecto a ser observado na SD 4 é que, ao afirmar que há coisas que só são apreensíveis através da experiência pessoal, a enunciação constrói um duplo mecanismo de legitimação: por um lado, posiciona a Locutora-CFK em um lugar da testemunha e, por outro, seus interlocutores (os jovens) no lugar dos que não vivenciaram essa experiência. Através dessa diferenciação entre os que presenciaram o acontecimento e os que não, CFK ocupa o lugar daquela que é a única que pode lhes transmitir os ensinamentos obtidos através da vivência, posicionando esses jovens, em contrapartida, no lugar de quem deve ouvir e aprender com o relato. Dessa forma, CFK, em um duplo efeito de sentido se aproxima dos jovens, por ser a portadora dos ensinamentos de épocas passadas, e ao mesmo tempo estabelece uma separação em relação a eles que, por não terem vivido essa experiência, não estão aptos a absorver plenamente seus ensinamentos, como é trazido na SD 4: “Tem coisas que não se aprendem nos livros, que ninguém as ensina ou as replica, você as vive da experiência pessoal”.

Posicionando CFK, portanto, enquanto membra dessa geração, que foi duramente reprimida por “dizer o que pensa”, o discurso chega aos dias atuais, como podemos observar na SD 5, em que ela afirma: “sou da geração e da escola dos que dizem o que pensam, o que acreditam, e o que acreditam que vá fazer bem à Pátria e ao país. Por isso, também te dá muita tranquilidade na consciência, de poder olhar nos olhos de todos os argentinos e dizer que não prometemos nada, e mais: não prometemos nada e demos coisas que nunca ninguém imaginou que iam acontecer na República Argentina”. Baseados em Sarlo, podemos observar a significação do passado a partir de elementos do presente, inscrevendo esta locutora em uma “retórica da persuasão” (2007, p. 49).

Nesse sentido, Salerno (2021, p. 24) retoma o colocado por Raiter⁵⁵ sobre a relação entre as dimensões da memória e da polêmica no discurso kirchnerista. Segundo ela, o autor:

señala que el pasado ocupa un lugar preponderante en la función polémica de los discursos de CFK y repara en los relatos de vivencias personales donde predominan las formas enunciativas del yo. El autor

⁵⁴ Referência a Néstor Kirchner

⁵⁵ Raiter (2013, p. 134)

sostiene que el recuerdo personal es incuestionable, “nadie puede impugnar recuerdos o experiencias personales” (2013:134), lo cual le permite a CFK presentar una versión propia de la historia nacional y, con ello, legitimar su posición en distintas polémicas del discurso político.

Ainda baseados nos apontamentos de Salerno (ibid., p.25) sobre o testemunho de CFK a respeito da Guerra das Malvinas, podemos dizer que, também em PsMs se constitui uma locutora que se apresenta como testemunha das violações do regime militar, construindo uma correlação entre sua recordação pessoal e a memória coletiva do passado, legitimando sua posição sobre esse passado e construindo essa posição discursiva na cena enunciativa.

Tendo mais bem localizado o recurso ao testemunho nos discursos de CFK em PsMs e sua função na construção de uma imagem de si dessa locutora, seguiremos com algumas considerações com relação à função polêmica nesses discursos no que diz respeito à construção da imagem do outro, o adversário, o qual chamaremos “o Outro negativo”.

3. O Outro negativo

Nos discursos de CFK em questão, uma outra regularidade associada à dimensão polêmica, para além do procedimento do testemunho, que contribui na configuração de alguns aspectos da construção da imagem de si, é a construção do “Outro negativo”, é dizer, a configuração discursiva de seus adversários. Nos discursos de CFK, essa delimitação passa pela construção de uma linha de continuidade que conecta a ditadura militar e o período neoliberal como um desdobramento um do outro, como veremos.

Como já havíamos abordado anteriormente, a dimensão adversativa/polêmica se coloca como uma regularidade fundamental do DP. Retomando, então, essa dimensão, julgamos relevante trazer uma citação de Martínez (2013, p. 49) que, retomando os estudos de Verón, afirma:

Eliseo Verón ha sido uno de los primeros en marcar la relevancia de la dimensión adversativa en el discurso político, contra la tendencia generalizada de considerar sus propiedades de persuasión y seducción. En efecto, este aparece como un tipo de discurso que permanentemente exhibe su condición de competencia respecto a otros existentes en el mismo campo político, con los que mantiene una relación de inversión de la creencia y a los que tiene que evidenciar como “radicalmente falsos”⁵⁶. En mayor o menor medida, se trata de un género en cuyo

⁵⁶ Reproduzimos aqui nota de rodapé da autora: “Verón, Eliseo. El discurso político, Buenos Aires: Hachette, 1987”

dispositivo de enunciación adquiere jerarquía la figura del Otro negativo, de un adversario que se configura como huella de un campo en el cual se establecen complejas relaciones de enfrentamientos interdiscursivos.

Como coloca a autora, uma das funções predominantes do DP se trata, portanto, da aniquilação do discurso do outro. Além disso, como ela mesma observa (ibid., p.50), a delimitação deste Outro negativo contribui na configuração da própria identidade, traçando o limite entre o “eu” e o “outro” discursivos.

Observando essa dimensão no discurso kirchnerista em particular, Raiter (2013) caracteriza-o como um discurso de ruptura com o passado, do ponto de vista de um governo que propõe uma mudança tida como necessária nos rumos políticos da Argentina, e também de uma forte polarização no formato de críticas e acusações contra “personagens, condutas e sucessos do passado, sobretudo nos campos semânticos da política, da economia e dos direitos humanos” (ibid., p. 108). O kirchnerismo, portanto, segundo o autor, em especial nos discursos de NK, se coloca como um governo refundacional de uma Argentina que, até então, havia passado por uma série de insucessos decorrentes de políticas equivocadas, fossem elas fruto da incompetência de seus gestores ou de sua falta de vontade política. Se esse elemento já estava presente desde os discursos do mandato presidencial de Néstor Kirchner (NK), quando assumiu CFK como presidenta, o aspecto da confrontação com um outro em seus discursos é intensificado (ibid., p.113).

Segundo Martínez (2013, p. 50), a construção do Outro negativo no discurso kirchnerista passa por um lado por um adversário militar, sustentando uma política de memória que cria um campo de efeitos de sentido, entre eles, fazendo com que o kirchnerismo se apresente como a única força política capaz de finalmente encarnar a luta por direitos humanos na Argentina democrática, vinculando-se à reivindicação por memória, verdade e justiça no pós-ditadura. Por outro lado, esse discurso também configura um adversário neoliberal que, de acordo com a representação kirchnerista do passado recente, sustentou uma política de destruição anti-pátria. A autora conclui, então (ibidem), que esse passado recente é representado como uma linha de continuidade que envolve a ditadura e seus desdobramentos para uma política neoliberal, sendo rompido este ciclo apenas com a chegada do kirchnerismo ao poder, após a crise de 2001. Como nos explicita Montero (2012, p. 81):

Una primera representación sobre el pasado cercano, que se muestra como “objetiva” y como no mediada por el posicionamiento subjetivo del locutor, consiste en identificar una continuidad y una identidad

política, económica, ideológica y simbólica entre la última dictadura militar y la instauración y desarrollo de un régimen económico - el neoliberalismo - cuyo corolario y máxima expresión se habrían manifestado en la década del noventa y en el estallido del año 2001. De este modo, el discurso kirchnerista reconstruye las últimas tres décadas como un bloque temporal que va desde el año 1976 hasta el 2001.

Segundo coloca a autora (ibidem), este bloco temporal que classifica os dois períodos históricos - a ditadura e o neoliberalismo - como parte de um mesmo processo, aproxima as práticas ditatoriais ao neoliberalismo, classificando este último como se fosse uma ditadura moderna, ou uma nova roupagem para práticas antidemocráticas e violentas.

No item 2 deste mesmo capítulo, expusemos alguns elementos sobre a ditadura argentina de 1976 a 1983. Para melhor compreendermos a linha de continuidade construída pelo discurso kirchnerista entre este processo e o neoliberalismo, julgamos relevante contextualizar brevemente em quais marcos políticos, econômicos e históricos se deu este último.

Podemos considerar um marco fundamental para a cristalização do neoliberalismo o Consenso de Washington, documento elaborado em 1989 com recomendações internacionais que visava a propagação da conduta econômica neoliberal com a intenção de combater as crises e miséria dos países subdesenvolvidos, sobretudo os da América Latina.

De acordo com Batista, (1994, p. 5), economista brasileiro, “Consenso de Washington” foi uma denominação informal concedida às conclusões de uma reunião ocorrida na capital estadunidense entre funcionários do governo norte-americano e dos órgãos financeiros internacionais: FMI⁵⁷, Banco Mundial e BID⁵⁸. A reunião se deu nos marcos de uma série de reformas econômicas empreendidas nos países latino-americanos, e seu objetivo era fazer uma avaliação da aplicação dessas novas medidas (ibidem).

Nessa reunião, aponta o autor (1994, p. 6), são ratificados o modelo neoliberal e suas recomendações econômicas, antes dispersas em formulações oriundas de diversas fontes. Mais do que isso, registra-se o consenso na aplicação dessas medidas (ibidem):

Ratificou-se, portanto, a proposta neoliberal que o governo norte-americano vinha insistentemente recomendando, por meio das referidas entidades, como condição para conceder cooperação financeira externa, bilateral ou multilateral

⁵⁷ Fundo Monetário Internacional

⁵⁸ Banco Interamericano de Desenvolvimento

A partir dessas recomendações internacionais, observa o próprio autor (ibidem), o modelo neoliberal se consolida enquanto um modelo de desenvolvimento a ser seguido em nome da modernização dos Estados latino-americanos, e quaisquer medidas econômicas que divergissem delas eram consideradas retrógradas e causadoras do subdesenvolvimento local. Com relação à disputa ideológica em torno desse modelo, coloca Batista (ibidem):

Passou-se a admitir abertamente e sem nuances a tese da falência do Estado, visto como incapaz de formular política macroeconômica, e a conveniência de se transferir essa grave responsabilidade a organismos internacionais, tidos por definição como agentes independentes e desinteressados aos quais tínhamos o direito de recorrer como sócios. Não se discutia mais apenas, por conseguinte, se o Estado devia ou podia ser empresário. Se podia, ou devia, monopolizar atividades estratégicas. Passou-se simplesmente a admitir como premissa que o Estado não estaria mais em condições de exercer um atributo essencial da soberania, o de fazer política monetária e fiscal

Nesta passagem, o estudioso deixa claro como esse período foi fundamental para a fixação do modelo neoliberal enquanto pressuposto da condução econômica dos Estados nacionais, o que o leva a concluir: “Sob a invocação de slogans charmosos - globalização, transnacionalização - assume-se na América Latina, no discurso e na ação, a postura da dependência externa virtualmente total” (ibidem).

Com base nessa série de apontamentos, podemos afirmar que o neoliberalismo se coloca como modelo econômico, mas também é construído como doutrina política e ideológica. Dessa forma, se impõe no imaginário coletivo e mobiliza sentidos que se tornam pré-construídos, passando por um processo que faz com que esse se apresente como o único modelo de desenvolvimento possível. Um modelo muito marcado pelo esvaziamento dos Estados Nacionais enquanto condutores econômicos, uma forte dependência externa, no caso dos países do terceiro mundo e em especial a América Latina, e uma submissão destes à interesses dos países centrais, fragilizando sua soberania.

Segundo Montero (2012, p. 189), considerando esse imaginário construído em torno ao programa neoliberal, é possível identificar no discurso kirchnerista a mobilização de algumas “ideias-força” que representam um ideário de tom anticapitalista, antiliberal e anti-imperialista que guiam o posicionamento programático do governo. Essas ideias-força expressam princípios recorrentes no discurso kirchnerista, como a vinculação entre a “soberania política” e a “independência econômica” e a luta contra os organismos multinacionais e contra as “receitas” do neoliberalismo, considerados impedimentos para a emancipação político-

econômica de países do terceiro mundo. Montero (ibidem) pontua que o imaginário resgatado por esse discurso também remonta ao ideário setentista, que defendia tais ideias-força, ainda que com formulações distintas. Nas palavras da autora (ibid., p. 187 e 188):

Es en continuidad con esos preceptos que se puede interpretar entonces la persistente prédica kirchnerista contra la “ortodoxia neoliberal”, la economía de mercado, la “teoría del derrame⁵⁹” y el “pensamiento único” propios del Consenso de Washington impulsado durante los años noventa, vinculados a su vez con las oligarquías, los monopolios, o los “nostálgicos” que añoran modelos económicos pasados.

Com relação, então, à discussão sobre a disputa da memória histórica, podemos dizer que o discurso kirchnerista entra em confronto com esses pré-construídos a respeito do neoliberalismo. Segundo Montero (2012, p. 82):

Este modo de representar el pasado reciente constituye, desde nuestro punto de vista, una de las apuestas discursivas más eficaces que el kirchnerismo llevó adelante durante los primeros años de gobierno, puesto que logró un alto grado de aceptación y circulación social. En efecto, en diversos ámbitos - tanto académicos como en la opinión pública - se ha expandido la idea de que uno de los principales objetivos perseguidos por la dictadura militar iniciada en 1976 fue imponer un plan económico cuya apoteosis y cara más extrema se vivió durante el menemismo y que derivó en la crisis del año 2001. Sin embargo, esa no era una visión corriente, ni mucho menos hegemónica, antes de la emergencia del kirchnerismo.

De fato, a estudiosa (ibid., p. 82) também reconhece que tal leitura do passado recente não pode ser considerada completamente arbitrária, estando baseada em uma determinada linha do pensamento científico-acadêmico. Novaro e Palermo (2003, p. 49 a 52) também apontam o programa econômico da ditadura militar como o gérmen para a consolidação, anos depois, do programa neoliberal no país, principalmente por conta da interrupção do modelo de industrialização por substituição de importações e a implantação de um novo padrão de acumulação centrado principalmente no modelo do capital financeiro. Dizem os autores (ibid., p. 49):

o componente central da política econômica que desenvolverá a ditadura instalada em 1976 será a destruição das premissas básicas que

⁵⁹ A "teoria do derrame" ou "efeito derrame" foi uma política de desoneração fiscal de empresas sob a justificativa de estimular a o investimento destas e aquecer a economia a curto prazo.

havia se mantido inalteráveis de 1943 em diante, independente das mudanças de governo e de regime: a utilização do crescimento industrial como eixo dinâmico da economia

Antes do kirchnerismo, portanto, como coloca Montero (ibid., p.83), nunca se havia reconhecido, do ponto de vista do discurso oficial, a convivência e o vínculo existente entre a repressão militar e a implantação do neoliberalismo na Argentina. A instauração dessa interpretação do passado constitui, segundo a autora (ibidem), um importante êxito do kirchnerismo na batalha ideológico-discursiva por hegemonizar e fixar sentidos sobre o passado recente. Montero (ibidem), baseada em Novaro⁶⁰, reafirma tal ideia, dizendo que a partir dessa nova interpretação do passado “se homologan los ‘delitos penales’ (torturas, secuestros, desapariciones) perpetrados por el régimen militar con los ‘delitos económicos’ que el modelo avalado por la dictadura impuso”.

Baseados em Martínez (2013, p. 53) e Montero (2012, p. 81), portanto, podemos dizer que o discurso kirchnerista em seu conjunto, pelas regularidades apontadas, foi fator de consolidação de novos sentidos com relação ao passado e para a ressignificação também do presente, na construção de uma nova narrativa hegemônica. Segundo Aboy Carlés (2001, p. 129), o papel dessas intervenções hegemônicas na produção de relações sociais tem particular importância para os processos de constituição e transformação de identidades políticas. Essas identidades se constituem a partir da homogeneização interna bem como da diferenciação com respeito a um exterior. O autor também aponta, como um procedimento da delimitação de uma identidade política, a construção de genealogias que expressam um passado compartilhado e um futuro comum projetado para um coletivo de identificação, ideia importante que será aprofundada em nosso terceiro capítulo com relação ao que chamaremos de “genealogia da juventude”.

Com base nos elementos expostos, e agora partindo de algumas sequências discursivas recortadas dos discursos proferidos por CFK nos PsMs, tentaremos identificar como as representações do período da ditadura militar em linha de continuidade com o período neoliberal operam na construção de um coletivo de identificação em torno do kirchnerismo e, em contraposição a este, delimitam a construção do Outro negativo. Esse movimento implicará abordarmos também a presença da função polêmica nesses discursos.

⁶⁰ Novaro, M. Derechos humanos y política democrática. Las tareas de la historia y de la justicia entre populismo y liberalismo. In: Eiroa, P. y J. Otero (comps.), *Memoria y derecho penal*, Fabián Di Plácido Editor: Buenos Aires, 2008

Abaixo, transcrevemos algumas sequências discursivas selecionadas de um PM realizado em 20 de novembro de 2013⁶¹, no Pátio das Palmeiras, o PM inaugural, já abordado em nosso primeiro capítulo:

SD 7 [7:24 min] **cómo no sentirme orgullosa de lo que hemos hecho** por la educación en la República Argentina: 9 universidades nuevas; 6,47 por ciento del PBI, en fin, y todo lo que todavía falta hacer porque hay que seguir profundizando el modelo para que cada vez más haya más argentinos incluidos y para que nunca más **nadie pueda volver a arrebatarnos lo que nos corresponde por derecho a todos los argentinos** (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.33, grifos nossos)

Na SD 7, no meio da produção de um balanço sobre as realizações do governo, vemos a passagem de uma forma que refere ao “yo/eu” como Presidenta da República a uma forma da primeira pessoa do plural “hemos hecho”, seguida da enumeração de feitos na área da educação. Há, portanto, um “nosotros/nós” que investiu na educação e que quer seguir aprofundando esse modelo, o modelo caracterizado como aquele capaz de incluir cada vez mais argentinos. Se nessa primeira aparição de “nós” observamos um nós exclusivo, que se refere ao governo e suas ações no campo da educação, na última oração da SD podemos observar uma referência diferente do constructo nós: “para que nunca mais ninguém possa voltar a nos tirar o que nos corresponde por direito a todos os argentinos”. Aqui, vemos um nós inclusivo, que se refere já não mais apenas a CFK ou ao seu governo, mas a todos os argentinos incluindo CFK e seu governo. Aí vemos claramente a representação desse coletivo de identificação que inclui CFK, seu governo, e todos os ali presentes sob a denominação de “argentinos”.

Baseados em Indursky (1997, p. 66) e mobilizando as categorias de Guimarães (1987), podemos dizer que o referente da primeira ocorrência de “nós” é a própria locutora, que fala com base em sua posição de Locutora-presidenta. Já a segunda ocorrência possibilita a inclusão de toda a coletividade de argentinos que vem a ela associar-se. Segundo a autora (ibid., p. 66), o constructo “nós” permite ao locutor que se associe a referentes variados sem especificá-los linguisticamente, criando um efeito de ambiguidade ou de indeterminação no seu dizer. Também segundo Indursky (ibid., p. 75): “A coexistência, na mesma sequência discursiva, de um ‘nós’ inclusivo e um ‘nós’ exclusivo cria um efeito de neutralização dos diferentes referentes discursivos que as *não-pessoas discursivas* mobilizam.” É dizer, quando a mesma

⁶¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MIT8naNklsc&feature=emb_logo> Acesso em 15/06/2023

forma “nós” ocorre em uma mesma sequência com referentes diversos, é gerado um efeito de “embaçamento” do sujeito de uma enunciação “indeterminada e ambígua” (ibid., p. 76), ou seja, a delimitação entre governo e os “argentinos” ali presentes é embaçada, criando um efeito de sentido de não separação entre esses dois coletivos. Ainda segundo Indursky (ibidem), o “nós”, ao associar ao “eu” diferentes referentes, produz um efeito de “afirmar uma palavra comum”. Isso nos permite dizer que, na SD em questão, se constitui um coletivo de identificação que no passado teve seus direitos retirados por um outro não identificado, mas que no presente operou grandes mudanças na área da educação na Argentina. Em oposição a esse coletivo, se constitui o Outro negativo, representado como uma contradestinação que interpretamos, como veremos imediatamente, como não-direta. Em contraposição a esse “nós”, portanto, se constrói, ainda que de forma um pouco difusa, um outro ente, pressuposto no fragmento “para que nunca mais ninguém possa voltar a tirar o que é nosso” que aparece de forma indeterminada, mas que indiretamente rememora um “alguém” que tirou dos argentinos, no passado, aquilo que era deles por direito.

Montero (2012, p.201) nos ajuda a aprofundar esta questão ao retomar García Negroni⁶², que avança nas contribuições de Verón (1987) com relação à multidestinação ao propor a figura do contradestinatário *encoberto* e do contradestinatário *indireto*. Não julgamos relevante para nossa abordagem adentrarmos com maiores detalhes na diferenciação entre os dois tipos de destinatários caracterizados por Negroni. Por hora nos limitamos, portanto, a definir em linhas gerais esse tipo de destinação que se caracteriza por uma contradestinação “não-direta”, o que Indursky (1997, p. 120) caracteriza como “a indefinição do contrário”, que se manifesta fazendo com que “o contrário seja mencionado, mas não identificado, inscrevendo-o, dessa forma, na modalidade da indeterminação referencial”. Segundo os aportes de Montero (2012, p. 204), a contradestinação não-direta se define como um recurso linguístico bastante regular no DP que, por se representar através do recurso ao “Terceiro Discursivo”, possibilita uma estratégia de apagamento do destinatário. Esta forma de representação do adversário, segundo Montero (ibid., p. 202), assume um marcado tom de confrontação, com a especificidade de que o adversário, por estar nomeado em terceira pessoa, fica excluído do diálogo ou direito de réplica. Segundo a autora (ibid., p. 204):

ni explícita ni oficialmente designados por el locutor, estos dos tipos de destinatario quedan, en virtud de su estatus de Terceros Discursivos,

⁶² García Negroni, M. M. La destinación em el discurso político: una categoría múltiple. In: *Lenguaje em Contexto I*, 1988, p. 88

excluidos del colectivo de identificación del locutor y por eso carecen, en el discurso, de toda posibilidad de respuesta. En efecto, bajo estas dos modalidades, los destinatarios negativos “no entran en el circuito comunicativo, no se les da voz, ni derecho a réplica pues, en la superficie del enunciado, no se les está hablando: nunca hay interpelación en segunda persona ni inclusión en el colectivo de identificación”⁶³. Sin embargo, aunque el destinatario es solapado y velado, al mismo tiempo es indirectamente convocado e identificado como un “blanco” con el cual se polemiza.

Na SD7, portanto, vemos esse contradestinatário não-direto e não explicitado que é alvo da função polêmica que atravessa esse discurso. Trata-se de um Outro negativo excluído do coletivo de identificação “argentinos”, que no passado, reiteramos, retirou direitos do conjunto delimitado por esse coletivo. Sua função discursiva, portanto, não é a delimitação de um outro especificado, a crítica à uma linha política divergente, mas sim o reforço do coletivo de identificação “argentinos” ou “aqueles que tiveram seus direitos retirados”. Pode-se dizer também que a dispersão e indeterminação desse outro contribuem na consolidação desse coletivo de identificação “argentinos” como uma ampliação do coletivo dos apoiadores do kirchnerismo, colocando o Outro negativo em uma posição anti-pátria. Ao não apontar claramente quem são esses agentes do neoliberalismo, é mais fácil colocá-los fora do coletivo “argentinos”.

Verón (1987, p. 5) nos ajuda na caracterização dos coletivos de identificação ao dizer que, no plano enunciativo, o discurso político está habitado por “entidades do imaginário político”. Os coletivos de identificação, como coloca o autor (ibidem), podem aparecer no plano do enunciado de maneira explícita, “nós, os kirchneristas”, “nós, os peronistas”, etc. E esta designação, quando se trata do coletivo de identificação de um contradestinatário, tem sentido negativo, “eles, os militares”, “eles, a grande imprensa” etc. Vale ressaltar, como coloca o autor, que há entidades que referem coletivos que não funcionam como operadores de identificação dos atores em questão, mas que funcionam como entidades mais amplas, geralmente trabalhadas pelo enunciador com relação ao paradestinário, aquele passível de convencimento, é o caso, segundo ele mesmo, de “os argentinos”, “os cidadãos”, “os trabalhadores”.

No discurso de CFK nos PsMs, como já vimos, essas entidades mais amplas operam no sentido do alargamento do coletivo de identificação, indo daqueles que apoiam o governo a

⁶³ García Negroni, M. M. e Zoppi Fontana, M. Análisis lingüístico y discurso político: el poder de enunciar, Buenos Aires: Hachette, 1992, p. 36

todos os argentinos em seu conjunto. Podemos ver na SD 8, retirada do mesmo PM inaugural, esse funcionamento:

SD 8 [8:27 min] Y **yo quiero**, en este momento tan especial de nuestra Patria, de un mundo tan complejo, tan diverso, tan conflictivo, **que los argentinos unamos esfuerzos, que los trabajadores, que los empresarios que han logrado mejores rentabilidades, que también aprendamos** el ejemplo de YPF recuperada para recuperar la soberanía energética también, que es soberanía nacional. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.33, grifos nossos)

Aqui, “os argentinos” são convocados a unirem esforços para “recuperar a soberania nacional”, uma política que pode ser identificada com o projeto econômico kirchnerista de fortalecimento da economia e indústria nacionais, como por exemplo a YPF, empresa petrolífera argentina referida. Esse exemplo entra em contraposição ao modelo econômico que se representa no discurso kirchnerista como uma continuidade da ditadura até a crise de 2001, que implicou a interrupção do aprofundamento do parque industrial do país e uma maior abertura ao capital estrangeiro.

A convocatória para a construção desse projeto de “recuperação da soberania energética”, portanto, parte de um “yo/eu” que se dirige àqueles que concordam com o kirchnerismo, sua base de apoio, mas esse coletivo de identificação é alargado através do uso da entidade “los argentinos” enquanto um coletivo de identificação representado através de um “nosotros/nós” inclusivo: “que los argentinos unamos esfuerzos”. E ainda soma, nesse alargamento: “os trabalhadores, os empresários”, que poderiam ser identificados com interesses econômicos divergentes, porém, na enunciação de CFK, aparecem sob a mesma identidade de “argentinos”, como tendo os mesmos interesses e como alvos diretos dos benefícios da recuperação da soberania nacional. O modelo kirchnerista de economia, portanto, aqui não é representado simplesmente como o modelo kirchnerista, é um modelo para todos os argentinos, e deve ser defendido por todos. Esse nós inclusivo que vimos mobilizado na SD 7 e SD 8 tem como referente esse coletivo de identificação “argentinos”, que funciona como uma ampliação do coletivo “kirchneristas”. Segundo Indursky (1997, p. 76) o constructo nós, pelas características aqui já mencionadas, assume a posição de “uma não-pessoa discursiva em nome da qual o discurso é produzido”. Esse dizer compartilhado posiciona a locutora, como vimos, na qualidade de porta-voz deste coletivo de identificação, que pode referir aos kirchneristas, ou ser alargado à coletividade dos argentinos em seu conjunto.

Mais adiante, no mesmo discurso de 20 de novembro de 2013, observamos a continuidade da construção de coletivos de identificação e de oposição com base no modelo econômico. Vejamos a SD 9, no qual se dá continuidade à questão da soberania energética:

SD 9 [10:08 min] Yo no tengo anteojeras y sabemos que esto demanda capitales intensivos que o no están en Argentina, o los que tienen los tienen en algún otro lugar y no los quieren poner acá. Así que... no, no, no, yo tengo mucha confianza en que muchos van a entender la necesidad que tenemos de tener esta soberanía energética, esta soberanía alimentaria, esta soberanía industrial que tenemos que mejorar para que no nos pase, como ha pasado en otros momentos históricos de reindustrialización o de industrialización del país, que luego teníamos estrangulamientos en el sector externo, porque no teníamos un desarrollo industrial de suficiente entramado que nos obligaba a seguir importando y nos acogotaba por el sector externo. Hemos terminado con aquello que fue el peso histórico de la deuda. Ahora tenemos que superar esa barrera que muchas veces tenemos de que no podemos desarrollar una industria nacional competitiva en calidad y en precio como lo han hecho otros países. Para ello tenemos recursos humanos, educación, capacidad, voluntad, y, sobre todo, decisión política. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.33 e 34)

A SD 9 se inicia com outra delimitação de um Outro negativo pouco especificado: para o fortalecimento da soberania nacional é necessário investimento e capitais que não estão na Argentina, ou “os que têm esses capitais os deixam em outro lugar”. Ou seja, há esses agentes que teriam os capitais necessários para a consolidação desse projeto “de todos os argentinos”, mas que deliberadamente não os querem investir no país. Um Outro negativo anti-Argentina. Nessa passagem, apesar de sintaticamente não se expressar o que Indursky chama de “indeterminação do contrário” (1997, p. 120), discursivamente podemos identificar a mobilização de um contradestinatório não-direto, que, apesar de não identificado, é colocado como um agente contrário ao desenvolvimento da Argentina.

Na sequência, CFK rememora outros momentos do passado, também sem delimitar claramente quando, “outros momentos históricos de reindustrialização ou industrialização do país que depois tivemos gargalos no setor externo, porque não tínhamos um desenvolvimento industrial suficientemente interligado que nos obrigou a continuar importando, e fomos estrangulados pelo setor externo”. O modelo econômico descrito, ainda que não coloque de forma explícita seus agentes, remonta ao modelo econômico desse Outro negativo que vem sendo construído, no qual o processo de industrialização por substituição de importações foi interrompido, aumentando a dependência econômica da Argentina com relação a outros países. A situação gerada por essa maneira de construção da política econômica, segundo colocado,

fez com que a Argentina “fosse estrangulada pelo setor externo”, em referência à crise de 2001, situação construída, seguindo essa linha argumentativa, a partir da condução econômica iniciada na ditadura militar, reforçando a ideia de uma linha de continuidade, ou de dois momentos de um mesmo processo. A menção ao “peso histórico da dívida”, em referência a dívida externa argentina, também cumpre este papel.

Na sequência, é delimitado um coletivo de identificação positivo, em oposição a este Outro negativo, seguindo a construção da enunciação com base na função polêmica: “agora temos que superar essa barreira que muitas vezes temos de que não podemos desenvolver uma indústria nacional competitiva em qualidade e em preço como fizeram outros países. Para isso temos recursos humanos, educação, capacidade, vontade e, sobretudo, decisão política”. Este outro modelo econômico, portanto, enunciado fundamentalmente como o modelo da soberania nacional e da industrialização, é construído como um projeto de país que aglutina os que concordam com ele em um coletivo de identificação: aqueles que estão com CFK e com o kirchnerismo, aqueles que defendem uma Argentina soberana, e que têm “vontade política para isso” em oposição àqueles que não têm. Podemos dizer, portanto, que nessa SD opera um apagamento deste destinatário negativo, e os insucessos do passado são descritos sem um agente delimitado, apelando, porém, a memória histórica coletiva do que foi a crise de 2001, cujo mote, como já vimos, foi o “que se vayan todos”. Dessa forma, é possível nuclear todos os políticos - à exceção do kirchnerismo - nesse coletivo negativo dos “responsáveis pela crise”. Os sucessos do tempo presente, em contrapartida, são representados com um agente bem definido: CFK e seu governo, responsáveis pela reestruturação econômica que ninguém antes havia sido capaz de realizar.

Em outro momento de demarcação com relação a esse Outro negativo, temos a SD 10, componente do mesmo discurso fundacional já citado, onde há novamente uma convocatória dirigida ao que Verón chamaria de a entidade “los argentinos”, como um coletivo de identificação amplo que nucleia a totalidade do povo do país para a construção do projeto kirchnerista. Também observamos a demarcação contrária a um período anterior, caracterizado como “o inferno” em oposição à Argentina de agora, caracterizada como “sólida economicamente”, em referência à crise de 2001 e à desestabilização econômica que marcou aquele período.

SD 10 [14:30] Por eso tenemos que contribuir, y la contribución que tenemos que hacer todos los argentinos para esta Argentina mejor, que tiene grandes posibilidades, porque tenemos una Argentina que salió del infierno y hoy está sólida económicamente, por eso la mejor

posibilidad que tenemos, precisamente, es la de convocar a todos los argentinos (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.35)

Para esse sujeito do discurso, “a melhor possibilidade que temos é, precisamente, a de convocar todos os argentinos”, reafirmando, uma vez mais, o modelo kirchnerista como o modelo nacional, que melhor representa os interesses dos argentinos, em um movimento de “desideologização”⁶⁴ do que são os projetos políticos representados pelo neoliberalismo por um lado, e pelo kirchnerismo por outro. Ou seja, esse modelo que beneficia todos os argentinos, independentemente de suas convicções ideológicas, é representado como uma realidade objetiva, um dado material isento de interpretações ou posições que possam ser conflitantes. Aqueles argentinos que não defendem esse modelo, e que não respondem a essa convocatória, portanto, não se opõem simplesmente a um governo, mas a todo um país.

Nesse ponto, achamos produtivo aprofundar em alguns fragmentos nos quais aparece, em especial, a questão da dívida externa, colocada nesses discursos como um signo associado ao neoliberalismo, mas que também remonta ao período da ditadura. Vejamos as SsDs de um PM realizado na Galeria dos Patriotas Latino-americanos em 31 de julho de 2014⁶⁵.

Na SD 11 CFK, referindo-se à dívida externa, coloca que essa dívida está sendo quitada em seu governo, e que naquele momento a Argentina era um dos países com a menor proporção de dívida externa em relação ao PIB, e acrescenta:

SD 11 [6:53 min] Ustedes, los argentinos, fueron los que pagaron, cuando nos decían que era imposible hacerlo, cuando **nos decían** que era imposible que en el monitoreo del Fondo Monetario iba a ser algo. **Y les demostramos nosotros y otros países de la región** que es posible crecer e incluir. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.113, grifos nossos)

Na SD 11 há um primeiro movimento, com o uso da segunda pessoa do plural, “ustedes/vocês”, de implicar e atribuir aos argentinos, àqueles que a escutam, a façanha de ter quitado a dívida externa. Há aqui uma transferência da responsabilidade dessa ação, que se poderia esperar que tivesse sido atribuída ao governo, mas é colocada sob a responsabilidade de todos os argentinos. Em um segundo movimento, aparece uma primeira pessoa do plural “nosotros/nós”, implicando a totalidade dos argentinos, mais o governo, e outros países da

⁶⁴ Colocamos as aspas esclarecendo que não estamos usando tal sintagma partindo da apresentação de um conceito da análise do discurso, o que nos exigiria um maior rigor teórico.

⁶⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NRy1qWpbBBs>> Acesso em 16/06/23

região, que “demonstraram que é possível crescer e incluir”. O esforço do povo argentino, portanto, sob a condução deste governo, quitou a dívida e demonstrou que isso era possível, em uma construção que coloca “os argentinos” em primeiro plano, como agentes protagonistas desta ação.

Na SD 12, CFK segue mobilizando a entidade “os argentinos”. Em uma passagem anterior do discurso, ela reforça que seu projeto econômico se vincula à máxima do crescimento econômico com inclusão social, e segue:

SD 12 [7:34 min] Es lo que hacemos todos los días, defendiendo el interés de los argentinos, de todos los argentinos. **Porque la deuda no tiene colores ni lleva un signo partidario, al contrario, es de los 40, o la tienen que pagar los 40 millones de argentinos por más que la hayan contraído 4 vivos.**

Porque ninguno de ustedes se endeudó, **a ninguno de ustedes les consultaron para endeudarse.** Y, sin embargo, se tienen que hacer cargo de las consecuencias.

A mí tampoco me consultaron, al Congreso tampoco lo consultaron cuando hicieron el megacanje o el blindaje. **Ni que hablar de la deuda de la dictadura cuando, además de dinero, había sangre.** (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.113)

Em um movimento que anteriormente chamamos de “desideologização”, se reafirma a temática da dívida externa não como uma posição político-ideológica no campo da condução econômica, mas como um compromisso assumido por poucos e pelo qual a totalidade dos argentinos tiveram que se responsabilizar. Na passagem “a dívida não tem cores e nem leva um signo partidário, ao contrário, é dos 40, ou têm de pagá-la os 40 milhões de argentinos por mais que a tenham contraído 4 vivos” vemos um funcionamento da negação que reforça a função polêmica no discurso.

De acordo com Indursky (1997, p. 213), “a negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos”, ou seja, “essa construção evidencia a presença do *discurso-outro*, no interior do discurso presidencial”. Podemos dizer que tal excerto tem um funcionamento, segundo a categorização de Indursky (ibid., p. 223), de “negação do pré-construído do outro”, é dizer, por mais que não esteja presente na materialidade do discurso o discurso-outro no formato de enunciados, se apresenta “o que lhe subjaz, o que lhe dá sustentação” (ibidem). É dizer, o implícito do enunciado de CFK é uma negação do pré-construído do discurso neoliberal de uma política econômica de endividamento. Em seu discurso, ela nega, portanto, o endividamento enquanto uma política econômica legítima dos setores que acreditam nessa bandeira, pois a dívida não se vincula ao

partido ou ideologia que a contraiu, mas sim à totalidade dos argentinos. Poderíamos supor a afirmação do discurso neoliberal de que a dívida externa foi contraída pelo governo e, portanto, sua quitação é responsabilidade do governo; com base nesse implícito, o discurso de CFK afirma: foi contraída por 4 vivos, e mesmo assim devem se responsabilizar por ela os 40 milhões de argentinos. Dessa forma, a SD em questão apresenta-se constituída por dois enunciados heterogêneos um em relação ao outro: o enunciado pré-construído, proveniente do discurso-outro, oculto, porém presente – a negação de que a dívida tenha cores ou signo partidário, pressupõe, no interdiscurso, a afirmação de que ela tem – funciona sob a forma de refutação, e articula-se ao enunciado da locutora, justamente através da negação. Vale ressaltar que essa articulação produz um efeito de verdade nesse discurso. Se este discurso é dado como verdadeiro, por consequência, resulta a falsidade do discurso-outro, colocado como ilegítimo, inverdadeiro. (ibid., p. 220). A negação nesse caso, portanto, contribui na delimitação do eu e do outro.

Para além do funcionamento da negação, nos parece relevante observar a ocorrência da contradestinação não-direta em “por mais que a tenham contraído 4 picaretas”, na qual não se explicita quem são esses “4 picaretas/4 vivos”. Ou seja, novamente a delimitação do outro funciona como um recurso de reforço do coletivo de identificação “argentinos”, que não foi consultado por esses “4 picaretas” para a contração da dívida externa: “Porque ninguém de vocês se endividou, nenhum de vocês foi consultado para se endividar. E, apesar disso, têm que arcar com as consequências. Também não me consultaram, também não consultaram o Congresso quando fizeram 'el megacanje' ou 'el blindaje’”.⁶⁶ A negação aí presente pressupõe a necessidade de uma consulta para a contração da dívida em nome dos argentinos, aqueles que devem arcar com suas consequências. Note-se também que o agente ou agentes dessa não-consulta não são identificados, uma vez mais evidenciando a ocorrência da contradestinação não-direta.

Por fim, CFK traz o tema da ditadura militar, associando a contração de dívidas externas na ditadura e no período neoliberal como partes de um mesmo plano econômico executado nos dois períodos, a diferença de que no período da ditadura, além da contração inadequada da dívida, que lastimava a todos os argentinos, estes também eram lastimados pela violência do estado, pois “além de dinheiro, havia sangue”. Dessa maneira, se associa a ação ditatorial à

⁶⁶ “El megacanje” e “el blindaje”, bem como “el corralito” foram medidas executadas pelo governo de la Rúa logo antes de sua renúncia que consistiram em operações financeiras como a contração de dívidas externas, a postergação do vencimento de dívidas por três anos e a retenção de depósitos. Tais medidas visavam conter a crise financeira que desembocaria nas mobilizações de 2001, porém, terminaram por acelerá-la.

ação neoliberal do passado recente, implicitamente colocando que a diferença presente nessas duas ações é o uso exacerbado da violência por parte do Estado, mas que o projeto seguia sendo o mesmo.

No mesmo discurso de 31 de julho de 2014, é retomado o que antes chamamos de processo de “desideologização” em favor de uma “unidade nacional” que estaria para além dos partidos ou grupos políticos:

SD 13 [9:30 min] quiero que quede claro también, que cuando hablo de la unidad, no hablo de una unidad partidaria, no hablo de una unidad de partido ni de sectores ni de facciones, hablo de la unidad nacional, hablo de la unidad de los argentinos. Tenemos miles de cosas para diferenciarnos, discutir y debatir. Pero para defender el futuro, para defender lo que hemos hecho, para enfrentar a los que pretenden hacernos firmar cualquier cosa, amenazándonos con que se viene el mundo abajo, que no cuenten conmigo para eso (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.113)

Aqui vemos expressa a ideia de uma unidade nacional “para defender o futuro” e “contra os que pretendem nos fazer assinar qualquer coisa”. Novamente colocando tanto este modelo de futuro quanto a oposição aos setores “anti-Argentina” como um pressuposto incontestável que está para além de posições políticas, e que faz parte da defesa da Argentina. No excerto “não falo de uma unidade partidária, não falo de uma unidade de partido nem de setores nem de facções, falo da unidade nacional, falo da unidade dos argentinos” podemos observar a construção de uma negação que pressupõe um discurso-outro que priorizaria a identificação partidária e/ou ideológica em relação à unidade nacional. A negação aqui, então, contribui no fortalecimento desse coletivo de identificação “argentinos”, que priorizaria o bem comum da pátria em relação às identidades políticas e ideológicas específicas que cada argentino pode vir a ter. Tal coletivo de identificação, portanto, é representado como algo acima de opiniões ou posições políticas, representado apenas como “os que querem o bem da Argentina”. Em contrapartida, o Outro negativo aparece representado como os que sobrepõem suas posições políticas e interesses econômicos ao bem geral da pátria. Dessa forma, tal discurso nucleia de um lado, os que “querem o bem da Argentina” e, de outro, aqueles que “colocam seus interesses político-partidários acima do bem geral da nação”.

No fragmento “temos mil coisas para nos diferenciar, discutir e debater. Mas para defender o futuro, para defender o que fizemos, para enfrentar os que pretendem nos fazer assinar qualquer coisa, ameaçando-nos que o mundo vem abaixo, não contem comigo para isso”, a primeira ocorrência do “nosotros/nós” no verbo “tenemos/temos” amplia ainda mais

esse coletivo “argentinos”, que a princípio teria como referente esse coletivo de identificação que nucleia os kirchneristas. Agora, a referenciação é ampliada para a coletividade dos argentinos, incluindo aqueles que não concordam com o kirchnerismo. Esse nós ampliado cumpre a função de diferenciar, dentre todos os argentinos, aqueles que querem o bem da argentina e aqueles que não, aqueles que colocam seus interesses ideológicos e partidários antes dos interesses da nação. Ou seja, se constitui, na ordem do discurso, esse Outro negativo que são argentinos, mas que não estão em favor dos interesses da pátria, são aqueles que estão de acordo com “os que querem nos fazer assinar qualquer coisa”.

Passemos agora aos seguintes fragmentos do PM de 12 de fevereiro de 2014⁶⁷, no Pátio Malvinas Argentinas. Neles, podemos dizer que é estabelecido um paralelo mais direto entre a violência do período da ditadura, mesmo que colocada de maneira não explícita, e a violência do neoliberalismo, protagonizada pelos veículos da grande mídia oposicionista e pelos agentes do mercado financeiro:

SD 14 [3:05 min] es una presión fea, nosotros la hemos vivido - Néstor y yo, fundamentalmente, y también otros compañeros, que nos han acompañado en la función pública, pero fundamentalmente Néstor y yo - desnotados, difamados, calumniados, inclusive no ya desde el aspecto político, sino en el caso de quien habla, desde su condición de mujer, de una manera terrible y atroz, que yo no sé cuánta gente puede soportar esa presión. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.60)

Na SD 14, CFK se refere à pressão exercida pela mídia oposicionista, mas chama atenção o uso de palavras para descrever essa relação violenta estabelecida pelos veículos de imprensa contra os Kirchner, e que igualmente poderiam ser usadas na descrição de tipos de violência física. O uso do termo “bancarse la presión/bancar a pressão”, em especial, nos transporta às sessões de tortura pelas quais muitos opositores ao regime militar foram submetidos, ao serem pressionados a revelarem informações de suas organizações políticas ou mesmo delatarem seus companheiros e companheiras de militância. Quando se diz “é uma pressão feia, nós a vivemos - Nestor e eu, principalmente, e também outros companheiros [...]”, pode-se dizer que é construída uma ambiguidade que sobrepõe os dois momentos históricos em questão, com destaque para o uso no passado de “la hemos vivido/nós a vivemos”, é dizer, a qual momento vivido se refere CFK: ao passado da ditadura militar ou ao presente da perseguição sofrida pelos agentes neoliberais, materializados pela imprensa oposicionista?

⁶⁷ Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?time_continue=147&v=atrCc03dZNM&feature=emb_logo> Acesso em 16/06/23

Também a caracterização dessa pressão com o uso das palavras “terrible y atroz/terrível e atroz,” além do verbo “soportar/suportar”, aludem a um universo violento, e a enumeração “desnotados, difamados, caluniados”, mais uma vez, insinua não apenas uma pressão pontual exercida sobre eles, mas uma verdadeira perseguição política, propiciando que em nossa interpretação tracemos, portanto, um paralelo não explícito entre a violência praticada nos dois períodos (militar e neoliberal).

A figura dos Kirchner (Néstor e Cristina) aparece aí como alvo dessa violência, que explicitamente é atribuída aos meios de comunicação da atualidade (tidos como um dos braços de ação neoliberal e que se posicionam em oposição ao governo kirchnerista). Em nossa interpretação, ainda que não expressamente dito, o casal Kirchner é representado como tendo sido alvo da violência ditatorial e novamente alvo da violência nos tempos atuais. Porém, na atualidade, o caminho de onde provém a violência é invertido: se no período da ditadura os opositores ao governo eram perseguidos, agora o legado dessa geração de 70 chegou ao governo, e essa permanece sendo perseguida pelos setores que hoje representam a continuidade de um programa autoritário, mas que foram derrotados sob as regras do jogo democrático.

Na continuidade do fragmento anterior, é traçada uma projeção de futuro diante do cenário presente:

SD 15 [3:47 min] Por eso pienso que va a haber un momento maravilloso en la historia de la Argentina en que ya nadie va a tener miedo de que le saquen un titular o que lo difamen por un canal de televisión, o que lo persigan con una cámara, a él o a su familia, como hacen conmigo, porque va a ver que finalmente, aunque hagan esas cosas, cuando los pueblos han decidido empoderarse y hacerse dueños de sus conquistas y sus derechos nada ni nadie los detiene. Por eso digo que ese día maravilloso va a llegar y va a haber gente en la Argentina que no tenga miedo. Y también quiero seguir convocándolos, a los 40 millones de argentinos, a esta tarea que tenemos que hacer contra los especuladores, contra los malos empresarios, contra los malos comerciantes. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.60)

Na SD 15, a projeção de futuro que é feita se vincula diretamente ao apoio que os jovens devem dar a seu governo, que se expressa na convocatória para que se coloquem contra os agentes do neoliberalismo (especuladores, maus empresários etc.), para que o governo kirchnerista possa seguir implementando sua política. O desejo expresso pela locutora de “um momento maravilhoso na história Argentina em que ninguém mais vá ter medo” reforça a representação de uma Argentina que passou parte de sua história convivendo com o medo. A alusão ao medo de “que o persigan com uma câmera, a ele ou a sua família” deixa clara,

novamente, a ambiguidade do tempo histórico que está sendo referido pelo discurso, e o “momento maravilhoso” de superação dessas relações de medo e violência em um futuro próximo demarcam a continuidade de aspectos da ditadura militar no momento presente da enunciação. A menção à mobilização e empoderamento popular retoma uma memória das grandes manifestações contra a ditadura e projeta a necessidade de que o povo defenda o governo que hoje resiste aos velhos agentes da ditadura, que se materializam na mídia e nos especuladores e são aqueles que, diante de que “os povos decidiram se empoderar e se tornar donos de suas conquistas e de seus direitos”, os querem deter.

Destacamos, também, um outro fragmento, a SD 16, do mesmo discurso já citado, de 12 de fevereiro de 2014, que chega a mencionar mais explicitamente o período ditatorial, deixando mais claras as alusões que apontamos nas SsDs anteriores e que traziam de forma menos direta esse imaginário:

SD 16 [6:00 min] Yo quiero que cada uno piense un cachito y si conoces alguno que lo quiere estafar, si conoce alguno que lo quiere saquear que no lo permita, que hay instrumentos que da el Gobierno, pero hay instrumentos que tienen ustedes como sociedad para no dejarse estafar más. Hoy estamos en una sociedad libre, hagamos uso de esa libertad maravillosa que hemos conquistado, después de 30 años de democracia. Mis queridos chicos, y, por último, ustedes que fueron jóvenes y que son jóvenes y que tuvieron la inmensa dicha de no tener miedo que alguien viniera a buscarlos de madrugada, para no aparecer nunca más, para vaya a saber qué cosas hacerle a ustedes o a su familia, si ustedes tuvieron la dicha y tienen la dicha de vivir en un país donde nadie te va a llevar preso porque pensás diferente o te va a hacer desaparecer, no le tengan miedo a nada, y ejerzan esa libertad. No negocien su libertad. No negocien su libertad con nadie por nada, porque cada vez que uno renuncia a su libertad ha enajenado definitivamente su futuro. Gracias y fuerza para todos, muchas gracias. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.61)

Aqui, são mobilizadas as mesmas palavras e construções usadas anteriormente para fazer referência aos meios de comunicação, mas vinculadas explicitamente à ditadura: “miedo/medo”, “fazer coisas a vocês ou a sua família”. A “liberdade maravilhosa”, aqui, já não é mais um sonho almejado para o futuro, mas um presente conquistado e possibilitado pelo governo, simbolizando o rompimento deste bloco histórico que se inicia em 76 e se encerra em 2001, com a eleição de NK após a crise neoliberal, e, portanto, tal liberdade maravilhosa foi conquistada “depois de 30 anos de democracia” e não com o fim da ditadura.

Os interlocutores são convocados a se defender e, nesse sentido, se afirma que há instrumentos que o governo oferece, mas também há outros que a própria sociedade pode implementar para resistir. Esse chamado está diretamente ligado a uma contraposição entre a atualidade e o período ditatorial, pois hoje em dia a população tem um governo que a defende, que acolhe suas demandas, funcionando como um mecanismo de legitimação desse governo. A afirmação contundente de que temos hoje uma liberdade maravilhosa depois de 30 anos de democracia, já mencionada, reafirma a relação de contraposição ao neoliberalismo dos anos 90, ou seja, apenas depois de 30 anos da redemocratização há um governo que está combatendo os valores negativos antes citados.

Por fim, voltando ao discurso inaugural de PsMs, de 20 de novembro de 2013, na SD 17, observamos a correlação traçada entre o kirchnerismo e a bandeira da “memória, verdade e justiça”, de modo a suscitar, através da construção desse coletivo de identificação que se identifica com a pauta, a correlação entre o neoliberalismo e a ditadura, o Outro negativo que vem sendo construído por esses discursos:

SD 17 [17:22 min] Nuestros hijos van a vivir aquí, mis hijos, mi nieto, ustedes, que son muy jóvenes y me acuerdo de este lugar cuando con Néstor vinimos... Debe haber alguna imagen por ahí, creo que cuando fue la familia de Cámpora que nos dio el bastón presidencial de mando, yo creo que lo exhibí acá en uno de los balcones.

Y quiero, finalmente, para... ¿Qué me dijeron por ahí? A los 30.000. ¡Cómo olvidar lo que es una bandera hoy, no ya de un grupo político, sino de todos los argentinos!

Yo creo que, miren, es uno de los mayores orgullos, uno de los pilares de esta nueva Argentina, de esta nueva Argentina. En el mundo nos miran como ejemplo en el mundo por nuestra política de derechos humanos (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.35 e 36)

Na SD 17, CFK rememora uma cerimônia pública, ocorrida no dia 28 de dezembro de 2006, quando a família de Héctor Cámpora presenteou o então presidente Néstor Kirchner com alguns atributos presidenciais usados por Cámpora, quando assumiu a presidência em 1973, entre eles um bastão presidencial. Nessa passagem do discurso, vale observar como a rememoração desta cena da família de Cámpora passando o bastão à família Kirchner coloca luz à essa imagem simbólica de uma linha sucessória que conecta Cámpora e o peronismo ao kirchnerismo, como parte de um mesmo processo. Vale lembrar, como já colocado em nosso prefácio, que Héctor Cámpora assumiu a presidência da Argentina em 1973, permitindo assim o retorno de Perón do exílio, para dessa forma renunciar ao cargo para que Perón pudesse assumi-lo. Em 1974, porém, Perón morre e é substituído no poder por sua então esposa,

conhecida como Isabelita Perón que, em 1976, tem seu governo interrompido pelo golpe militar. A linha temporal que é construída, portanto, apresenta os governos kirchneristas como uma retomada do projeto peronista, interrompido em 1976, que se manteve enquanto linha sucessória pelo período neoliberal até 2001, como já mencionamos, caracterizando, assim, dois blocos históricos em oposição.

Ao rememorar esse período histórico que coloca o golpe militar de 76 em primeiro plano, CFK também reage a uma provável manifestação do público, a qual não temos acesso: “O que disseram aí? Aos 30.000. Como esquecer esta que hoje é uma bandeira já não de um grupo político, mas de todos os argentinos!”. É dizer, ao conectar-se ao projeto peronista interrompido pelo golpe militar, também o kirchnerismo se coloca como o guardião desta bandeira que diz respeito não a um coletivo de identificação específico, ou a “um grupo político”, mas sim a essa entidade ampliada que são “todos os argentinos”. E ainda, afirma esse trabalho com a memória da ditadura como “um dos maiores orgulhos, um dos pilares desta nova Argentina”, isto é, a argentina kirchnerista.

Considerando as análises esboçadas em nossos capítulos primeiro e segundo, bem como os apontamentos de Montero (2012), podemos dizer que no discurso kirchnerista, e para o nosso caso de análise, nos discursos de PsMs, se constroem dois coletivos de identificação: um que representa o campo de apoio ao governo kirchnerista, e um Outro negativo, em oposição ao governo. Esses dois coletivos de identificação que se manifestam no presente, têm com atores do passado, segundo o discurso kirchnerista, uma relação de continuidade. Se por um lado é construída uma linha que conecta os agentes do neoliberalismo (com especial destaque para os grandes meios de comunicação, oposição ao governo) e os agentes da ditadura militar; por outro, o governo e seus apoiadores são representados como sendo uma continuidade do processo de resistência à ditadura militar. Como coloca Montero (2012, p. 90):

A esa entidad discursiva que es el bloque dictadura-neoliberalismo - en tanto unidad temporal con una clara identidad político-ideológica, que tiene inicio y fin y es imputable a ciertos actores responsables - se opone otra representación del pasado, radicalmente distinta, que remite al pasado de la militancia y el activismo político, encarnado paradigmáticamente en la figura de los jóvenes militantes setentistas.

A construção dessa linha temporal-ideológica, que conecta a geração de setenta e o kirchnerismo, se materializa em um recurso da discursividade de CFK que chamaremos de “genealogia da juventude”. A partir dela, CFK nucleia em um mesmo coletivo de identificação a juventude do presente e do passado, apontando também uma futuridade a ser construída, e a

partir disso, mobilizando sua base de apoio - e mais especificamente os jovens que a escutam nos pátios internos da Casa Rosada - à ação política em defesa de seu governo.

Capítulo 3: A Genealogia da Juventude

Os apontamentos desenvolvidos nos capítulos anteriores nos permitiram observar aspectos de como se dá a construção de uma imagem de si e do outro nos discursos de PsMs. Em tais discursos, se constitui, por um lado, um Outro negativo do qual o coletivo de identificação construído ao redor do kirchnerismo se diferencia. Este coletivo de identificação é configurado a partir de uma série de operações, dentre elas apontamos em especial o testemunho e a própria delimitação com relação ao Outro negativo. Dessa forma, identificamos que se apresenta um coletivo de identificação que podemos nomear “argentinos” em oposição a um Outro negativo “anti-pátria”.

Como veremos neste capítulo, essa nucleação dos kirchneristas enquanto “argentinos” permite, em um segundo movimento discursivo de CFK, a delimitação de um coletivo de identificação no interior do coletivo “argentinos”, que seria a já mencionada “juventude militante”, com a qual a locutora-CFK constrói uma relação de proximidade que aqui será abordada. O entrelaçamento do relato particular com a história argentina, como vimos em nosso capítulo 2, permite a constituição desse coletivo de identificação que vai para além da identidade com o projeto kirchnerista, mas constrói uma história comum e valores compartilhados pelos indivíduos ali presentes, em um movimento, como já vimos, de ampliação do coletivo que nucleia os kirchneristas, ou a base de apoio do governo, de modo a designá-los por sintagmas mais amplos, funcionamento que se dá para o sintagma “argentinos” no lugar de “kirchneristas” e “juventude militante” no lugar de “juventude militante kirchnerista”.

Identificamos, portanto, a construção discursiva de um coletivo de identificação específico, que podemos nomear a “juventude militante”. Nos discursos de CFK, esse coletivo é representado em uma linha de filiação, que chamaremos de “genealogia da juventude”, e que aglutina a juventude do passado (geração de 70 da ditadura militar), a juventude atual, e uma projeção da juventude do futuro.

1. Uma história comum: o coletivo de identificação

Como já apontamos em nosso prefácio, passada a grande crise e a onda de mobilizações na Argentina no ano de 2001, Néstor Kirchner (NK) é eleito em um contexto de grave crise de representatividade e necessitava abrir campos de diálogo com amplos setores da sociedade para constituir uma base de apoio em torno do governo. Nesse cenário, se iniciam gestos de aproximação com a juventude que irão se desenvolver e atravessar também os mandatos de

CFK alguns anos depois (Di Marco, 2012). Nesse contexto, os PsMs se tornaram um espaço privilegiado para a consolidação da identidade política da juventude kirchnerista e de apoio ao governo. No discurso de CFK, como já acontecia no de NK, se por um lado se construía a figura do Outro negativo, por outro também se delimitava um coletivo de identificação que se constituía através de um vínculo identitário e uma linha de filiação com a memória da militância setentista.

Retomando o conceito de multidestinação (Verón, 1987), podemos afirmar que o DP costuma se dirigir ao mesmo tempo a três destinatários, sendo o coletivo de identificação a representação do prodestinatário, tal como vimos em nosso segundo capítulo. Segundo Montero (2012, p. 124), esta relação entre o coletivo de identificação e o prodestinatário se dá na medida em que esse é:

el partidario o adherente que conforma, junto con el enunciador, un “colectivo de identificación” con creencias compartidas, hacia quien se dirigen los discursos con función de refuerzo de la creencia. Es mediante la operación de interpelación que el locutor político “ nombra” y a la vez “reconoce” a sus *prodestinatarios* - seguidores, adherentes y/o “compañeros” -, procurando así dar forma a ese colectivo de identificación, el cual se funda, en gran medida, en un “pacto de creencia” (de Ipola, 1997)⁶⁸ (itálicas da autora)

Montero destaca que a interpelação do prodestinatário passa pela função de reforço em relação a esse coletivo de identificação. Essa relação entre o prodestinatário e a configuração do coletivo de identificação também é abordada por Verón (1987, p. 4), do qual tomamos uma citação:

Al construir su destinatario positivo y su destinatario negativo, el enunciador político *entra en relación* con ambos. El lazo con el primero reposa en lo que podemos llamar la *creencia presupuesta*. El destinatario positivo es esa posición que corresponde a un receptor que participa de las mismas ideas, que adhiere a los mismos valores y persigue los mismos objetivos que el enunciador: el destinatario positivo, es, antes de nada, el partidario. Hablaremos, en su caso, de *prodestinatario*. La relación entre el enunciador y el destinatario cobra, en el discurso político, la forma característica de una entidad que llamaremos *colectivo de identificación*. El colectivo de identificación se expresa en el ‘nosotros’ inclusivo. (itálicas do autor)

⁶⁸ de Ipola, E. Las cosas del creer. Creencia, lazo social y comunidad política, Buenos Aires: Ariel, 1997

O prodestinatário, portanto, é aquele que não precisa ser persuadido: no discurso, sua adesão precisa ser reafirmada reforçando a sua pertença a um universo de crenças compartilhadas e uma identidade política comum, o que, segundo Montero (ibid., p. 126) - como acabamos de antecipar - é chamado por de Ipola de “pacto de creencia”. A própria autora se debruça sobre esse conceito, retomando as formulações do estudioso:

En su estudio sobre los diversos modos de funcionamiento del creer, de Ipola (1997; 2004a)⁶⁹ distingue dos tipos de creencia: por un lado, el autor reconoce la existencia de un tipo de creencia definida como la adhesión a una ideología, “a un enunciado o sistema de enunciados” “que se expone como un discurso coherente y argumentado y que se reconoce como verdadero”. En otras palabras, esta modalidad de la creencia se rige por una *lógica objetiva de las ideas* y, según entendemos, puede pensarse que se funda en un conjunto de *topoi* argumentativos. Por otro lado, de Ipola identifica la creencia como “confianza acordada con algo o alguien”, regida por una *lógica de la pertenencia*, de la fe, de la convicción, en suma, por una lógica de la fidelidad. (itálicas da autora)

Nesse sentido, a esfera da *lógica de la pertenencia*, está indissociada da auto inclusão do enunciador como membro do coletivo com quem compartilha tal crença. Ou seja, o “acreditar” está diretamente conectado ao “ser membro de”.

A partir de um outro lugar teórico, nos parece relevante trazer aqui as observações de Pêcheux (2014, p. 198) sobre os processos de identificação. Para o autor “os ‘indivíduos’ são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos do *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” e ainda “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”. Essa interpelação supõe o que Pêcheux chama de “desdobramento constitutivo do sujeito do discurso”, que seria, por um lado, o “sujeito na enunciação”, ou seja, o locutor, aquele que se responsabiliza pelo seu dizer, e o “sujeito universal”, que é o sujeito do pré-construído, da interpelação ideológica que impõe o que pode/deve ser dito.

A relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, por sua vez, pode assumir duas modalidades: a adesão, que caracteriza o discurso do “bom sujeito”, ou seja, aquele em que “a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘livremente

⁶⁹ de Ipola, E. Las cosas del creer. Creencia, lazo social y comunidad política, Buenos Aires: Ariel, 1997; e de Ipola, E. El peronismo en sus orígenes: buscando la palabra ausente, Jornadas de Historia ‘El primer peronismo’, Buenos Aires, UTDT, 2004.

consentido’; e o rechaço, que caracteriza o discurso do “mau sujeito”, isto é “discurso no qual o sujeito da enunciação ‘se volta’ contra o sujeito universal” esse mau sujeito “se contraidentifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso” (ibid., p. 199).

O coletivo de identificação do qual falávamos, portanto, pode ser concebido como o bom sujeito de Pêcheux. Ele é interpelado em sujeito na cena de PsMs e estabelece uma interlocução de adesão à formação discursiva colocada.

Uma outra categoria mobilizada por Montero (2012, p. 69) para referir-se a esse conjunto de representações, símbolos, imagens e crenças coletivas a partir dos quais um determinado grupo social se reconhece como tal, é a do “imaginário”. Segundo a autora, faz parte dos mecanismos do discurso kirchnerista para a constituição desse coletivo a construção de um vínculo de identificação com a memória da militância setentista (ibid., p. 123). Nas suas palavras (ibidem), vistos como “substrato simbólico de uma comunidade”, os imaginários:

legitiman las relaciones de poder, y proveen a las sociedades y comunidades de una identidad colectiva. Ellos tienen una historia, un pasado y una tradición que nutren, y abren al mismo tiempo una puerta hacia el futuro. En suma, los imaginarios configuran un vasto campo donde se articulan ideas, imágenes, pero también ritos, formas de actuar, y, agregamos, modos de decir y de hablar.

Tal identificação construída com o imaginário setentista é apreensível a partir dos vestígios que tomam corpo na figura do locutor político, e assim traçam “uma linha de filiação ao passado” (ibid., p.123). Podemos dizer, portanto, apoiados em Montero, que a relação que o discurso kirchnerista estabelece com a memória setentista é uma inscrição nesse imaginário, que é resgatado a partir da enunciação de CFK. Segundo Montero (ibid., p. 69) os imaginários, e no caso, o imaginário setentista resgatado nos discursos de PsMs, dão ao coletivo de identificação referências sobre a delimitação do grupo e distribuem posições sociais, como coloca a autora (ibid., p. 74):

Aunque, como señalamos, la memoria setentista no puede conceptualizarse como un bloque cerrado y homogéneo, es posible hablar de un espíritu de época o de un imaginario setentista, esto es, una “unidad de hecho” que comprende discursos y acciones convergentes, cierto ideario, ciertos modos de concebir la política, un “lenguaje común” y un “común estilo político”, al decir de Pucciarelli⁷⁰. Desde nuestro punto de vista, la “memoria militante

⁷⁰ Pucciarelli, A. La primacía de la política. Lanusse, Perón y la Nueva Izquierda en tiempos del GAN, Buenos Aires: Eudeba, 1999

setentista” no es un objeto preexistente e independiente de su reinterpretación contemporánea, sino que resulta de una “elaboración” discursiva que retoma pero también olvida aspectos de ese pasado reciente

O discurso kirchnerista, portanto, resgata essa memória militante setentista enquanto um imaginário no qual se inscreve e reelabora. Esse “discurso militante” como sustenta Montero (ibid., p. 67) se assenta em “comunidades de creyentes” que proporcionam ao sujeito justificativas e motivações político-ideológicas para a ação política e a luta, uma luta representada enquanto luta heroica e fatal, que compromete a vida inteira, e se experimenta como um “mandato histórico”.

2. Um compromisso comum: a genealogia da juventude

Como antecipamos, aqui nos debruçaremos sobre o funcionamento da operação discursiva que detectamos no discurso de CFK: o traçado de uma linha condutora que, por um lado, filia a juventude contemporânea à juventude da década de 70 (da qual CFK faz parte), apresentada nesse discurso como responsável da organização da resistência no período da ditadura militar, e por outro lado, coloca como “juventude do futuro” a juventude contemporânea, em uma projeção de futuridade que conecta essas distintas gerações. Esse fio condutor, que alinha várias gerações, as posiciona em um mesmo coletivo de identificação: a “juventude militante”. Este, atravessaria distintos momentos da história da Argentina, sendo sua ação política um elo entre essas três temporalidades: passado, presente e futuro. Tal coletivo de identificação, portanto, tem a peculiaridade de ser construído de maneira a aglutinar temporalidades, ou seja, para além dos aspectos já levantados que conformam um coletivo de identificação, veremos como a enunciação de CFK expande essa caracterização.

Vale ressaltar que a juventude para a qual os discursos de PsMs se dirigem, apesar de não corresponder à totalidade da juventude contemporânea, como já vimos em nosso primeiro capítulo, é representada como se assim fosse, em um procedimento de ampliação do coletivo de interlocutores de CFK, que são, de fato, os jovens da base de apoio do governo. Essa ampliação funciona da mesma maneira na construção da genealogia da juventude. Nos discursos de PsMs, é construído o sentido de que a juventude contemporânea como um todo se conecta à essa linha de filiação ao kirchnerismo/peronismo, não sendo observadas menções explícitas a “outras juventudes” que não estejam contempladas nesse coletivo de identificação.

Um elemento que contribui para essa construção, e que já visitamos em nosso segundo capítulo, é o relato testemunhal. Nos PsMs, como já vimos, podemos observar que a enunciadora estabelece um procedimento de relato testemunhal que não só dá bases para sua construção argumentativa sobre o tempo presente, mas também projeta uma latência de futuro. Como vimos em Sarlo (2005), o relato inscreve a experiência não no tempo de seu acontecer, mas no tempo presente da enunciação, colocando-a no campo da lembrança. Nesse sentido, a rememoração é sempre um processo de sobreposição de tempos, apresentando uma leitura do passado a partir do presente.

No caso analisado, o já mencionado resgate da juventude da geração de '70 funciona como a base para a caracterização da juventude atual, considerada herdeira desse tempo passado. A significação dada a essa juventude do passado também não escapa aos valores e interpretações fundados na enunciação que se dá no presente. Além disso, a relação de complementaridade que se constrói entre os jovens do passado e do presente projeta um futuro que se antecipa nessa linha temporal como aquele que será fruto desse processo contínuo. Por fim, vale notar que essa relação temporal entre as juventudes se realiza a partir da ação política e, portanto, não é qualquer juventude e sim a “juventude militante” - como expressado no nome dado pelos jovens a esses momentos: “Pátios Militantes” -, ainda que não enunciado dessa forma, o que constrói também um vínculo não apenas entre essas juventudes mas também entre essas gerações e a história da Argentina. Sendo assim, esse discurso posiciona os jovens da atualidade e sua militância como uma continuidade das lutas que se iniciaram no passado. A juventude do presente é interpelada a absorver a acumulação do que veio antes e a construir as bases para o que virá no futuro.

A operação discursiva que traça esse elo entre as gerações de jovens, numa representação que o significa atemporalmente, é dizer, em um modo de enunciação que suspende a temporalidade ao representar “as juventudes de todos os tempos” como esse coletivo uno, culmina no construto da responsabilidade conjunta e intergeracional pela construção de um “projeto de país”, sintagma que colocamos entre aspas, embora nem sempre se materialize discursivamente dessa forma. Como veremos ao abordar a série de sequências discursivas recortadas, ao mesmo tempo que o relato testemunhal de CFK se mistura ao relato histórico argentino, esse coletivo de identificação que transcende temporalidades é nucleado a partir de um projeto de país carregado por esses jovens ao longo de distintas gerações.

Vejamos agora a SD 18, do PM de 4 de maio de 2015, no Pátio das Palmeiras⁷¹. Nesse

⁷¹ Vídeo não localizado em nossas fontes

discurso, CFK, ao falar sobre a UNASUR⁷², aborda os desafios da política nos países dessa região e menciona antigos governantes e figuras políticas desses países dos quais ela mesma se vê como uma continuidade. Logo, dirigindo-se a juventude que a escuta, ela coloca:

SD 18 Yo quiero decirles fundamentalmente **a las jóvenes generaciones, a las que tenemos que pasarles la posta más temprano que tarde**, que lo peor que puede pasarle a un país es no tener preparadas las nuevas generaciones para **los desafíos que vienen y que van a ser graves, profundos y múltiples**.

[...]

Necesitamos una Argentina unida para enfrentar **un presente y un futuro difícil en un mundo complejo**, que demanda nuevas capacidades, que demanda nuevas solidaridades, que demanda nuevas formas de participación. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.159, grifos nossos)

Parece-nos produtivo já colocar em relação essa sequência com outra formulada no PM de 4 de junho de 2014, no Pátio Malvinas Argentinas⁷³:

SD 19 Todos necesitamos cambiar, porque **lo que no cambia, el agua que no corre, el río que se estanca, se pudre y se convierte en algo inerte**. Es necesario que el río corra, que cambie, pero no para los objetivos, sino para lograr de llegar de mejor manera a esos objetivos. Eso era lo que yo quería decir el otro día y **esa creo que es la obligación que tenemos todos**. Y también lo tendrán las otras fuerzas políticas del país.

Yo creo profundamente en el movimiento, sobre todo en países como el nuestro en la construcción del **gran movimiento nacional y popular**.

Nuestra propia historia teje un hilo invisible entre lo que fue ese 25 de mayo de 1810 hasta ese 17 de octubre de 1945, hasta ese 2003, donde Néstor llegó también a un país devastado y el país al que él llegó, hoy tampoco gracias a Dios existe. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.104 e 105, grifos nossos)

Na SD 18, a necessária transição entre gerações, colocada por CFK, tem como elo a tarefa de construção de um país, uma responsabilidade compartilhada por todos os argentinos, independentemente da idade, responsabilidade esta que interpretamos que contribui para a construção de uma identidade comum. Há o sentido de uma “obrigação que temos todos”, fragmento destacado na SD 19, e em ambas observamos um “nosotros/nós” inclusivo que abarca essa coletividade intergeracional. A necessidade de preparação desses jovens para o

⁷² Unión de Naciones Suramericanas/União de Nações Sul-americanas

⁷³ Vídeo não localizado em nossas fontes

futuro, para assumirem essa responsabilidade com seu país, portanto, é também um imperativo compartilhado por esse nós-militantes, uma necessária construção conjunta de uma transição de gerações.

Cabe observar que a responsabilidade comum com o país contribui na construção de uma representação de CFK e esses jovens como iguais. Nos parece que, sobre tal tema, podemos absorver as reflexões de Zoppi-Fontana (1997, p.89), que ao analisar o discurso de Alfonsín, ex-presidente argentino, levanta considerações sobre o reconhecimento partilhado entre povo e o presidente da necessidade de consolidação dos direitos democráticos no país:

Esse conhecimento partilhado e comum se funda no fato de que tanto o “povo” quanto seu presidente são representados no DAL⁷⁴ como *iguais*: a única diferença entre eles consiste no mandato delegado pelo primeiro ao segundo; em outras palavras, é a escolha livre e soberana do povo o que provoca a única diferença entre este e seu porta-voz. (itálica da autora)

A construção da figura do porta-voz, como já vimos no capítulo 1, representa a relação do locutor e alocutários como um diálogo simétrico, constituindo assim os alocutários como um todo uniforme (Zoppi-Fontana, *ibid.*, p. 87). Para o nosso caso de análise, podemos dizer que a representação de CFK e os jovens como iguais e dos próprios jovens como um todo uniforme, contribui na construção do coletivo de identificação “juventude militante”, do qual locutora e alocutários participam, sendo a única diferença entre eles, nesse caso, sua idade, ou seja, a geração de jovens militantes a qual pertencem. A necessária transição, presente no modo de dizer “pasarles la posta/passar o bastão”, na SD 18, para que os jovens sigam a construção já iniciada, explicita a expectativa de que, no futuro, quem estará ocupando o papel hoje ocupado por essa locutora, serão os jovens aí presentes.

Para que tal transição se efetive, é necessária a homogeneização dessa coletividade sob o signo de um objetivo comum, um projeto comum. O modo de apresentar esse futuro – “os desafios que vêm e que vão ser graves, profundos e múltiplos”, o fato de terem que “enfrentar um presente e um futuro difícil em um mundo complexo”, demandas exigidas desse conjunto – contribuem a produzir um apagamento, portanto, de quaisquer divergências ou diferenças de opinião: a voz de CFK é a voz de todos e é essa identificação que dá um lugar aos jovens no futuro, um vir a ser que dá sentido à sua posição de alocutários no presente.

Se hoje é CFK quem fala por esta coletividade, quem a conduz, a projeção de futuridade

⁷⁴ Sigla utilizada pela autora para referir-se ao discurso alfonsinista

posiciona os jovens nessa condição. Tal projeção, na SD 19, é reafirmada mediante o reconhecimento da necessidade da mudança: “o que não muda, a água que não corre, o rio que se estanca, apodrece e se transforma em algo inerte. É necessário que o rio corra”. No entanto, o elemento nucleador desse coletivo se mantém inalterado: “que mude, mas não para os objetivos, mas para conseguir chegar de uma maneira melhor a esses objetivos.” Esse sentido comum de uma responsabilidade partilhada e intergeracional, na SD 19, é sintetizada no modo de dizer: “gran movimiento nacional y popular”, que entendemos, aqui, como uma outra designação que tem o mesmo funcionamento de “projeto de país” ou de “construção do país”.

Ao mesmo tempo que, nesse trabalho de interpelação, se constrói tal homogeneização, vemos em algumas passagens a marcação de um “yo/eu” que delinea uma diferenciação entre CFK e as novas gerações, como em “eu quero dizer fundamentalmente às novas gerações, para as quais temos que passar o bastão mais cedo que tarde”, na SD 18. Também vemos nesse mesmo excerto um “yo/eu” que se dirige ao coletivo de jovens que tomam o pátio de dentro da Casa Rosada, mas que também transcende esse coletivo, dirigindo-se a um grupo mais amplo que abarca a totalidade dos jovens argentinos, “as jovens gerações”, designação que produz uma ampliação referencial desse grupo de interlocutores.

Em desacordo com os momentos do discurso que vemos um “nosotros/nós” inclusivo, aqui vemos uma marcada diferenciação entre CFK de um lado e as novas gerações de outro, reforçado por um “nosotros/nós” exclusivo, que endereça ao coletivo dos “mais velhos” a “passagem do bastão” a essas novas gerações. Observamos, portanto, uma interpelação da juventude que transita entre a diferenciação entre CFK e seus interlocutores, em alguns momentos, e a nucleação de todas essas gerações em um mesmo coletivo em outros. Tal movimento se assemelha ao funcionamento do papel do porta-voz, que ao mesmo tempo coloca um sentido de diferenciação e de homogeneização entre locutor e alocutários.

A ideia de uma genealogia, ou como já dissemos em vários momentos, uma linha condutora que conecta passado, presente e futuro como partes de um mesmo processo que culminam em um objetivo comum, é desdobrada no fragmento final da SD 19: “Nossa própria história tece um fio invisível entre o que foi esse 25 de maio de 1810 até esse 17 de outubro de 1945, até esse 2003”. Nessa formulação, identificam-se como etapas da construção do movimento nacional e popular três processos históricos: a independência, as mobilizações pela liberação de Perón da prisão⁷⁵ e a eleição de Néstor Kirchner à presidência da Argentina.

⁷⁵ O General Juan Domingo Perón, após o golpe militar de 1943, tornou-se ministro do Trabalho e aproveitou o espaço para adotar políticas de expansão dos direitos trabalhistas e de aproximação com sindicatos. Tais ações incomodaram as elites argentinas e Perón acabou preso em 8 de outubro de 1945. O movimento operário

Traçando essa linha de continuidade, portanto, o discurso de CFK se apropria do processo da independência e a liberação de Perón como partes predecessoras do kirchnerismo, desembocando na eleição de NK. Ao dizer “nossa própria história tece um fio invisível”, se constrói um efeito de evidência, como se as três datas mencionadas não fossem um recorte do sujeito do discurso. O sujeito gramatical “nossa própria história”, em tal oração, contribui na construção de uma determinada interpretação dos acontecimentos como sendo um movimento da própria história, apagando-se aí o sujeito da interpretação.

No recorte que trazemos na SD 20, novamente do PM de 31 de julho de 2014, no Pátio das Palmeiras⁷⁶, a designação “compañera” contribui na consolidação desses sentidos, vejamos:

SD 20 Por eso, quiero decirles que se queden tranquilos, que esta compañera, que no es la Presidenta la que está hablando, sino la compañera Cristina, siempre va a estar desde cualquier lugar, porque **nunca voy a dejar de querer a mi Patria, nunca voy a dejar de jugarme por mi Patria** y por sobre todas las cosas nunca voy a dejar la responsabilidad que tengo como militante, **no ya como dirigente, como militante, como una de ustedes y junto a ustedes y siempre junto a ustedes** (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.121, grifos nossos)

Nesse fragmento, CFK se retira da posição de L-presidenta, para colocar-se no lugar da “companheira”, da “militante”, reafirmando esse compromisso coletivo e intergeracional independentemente de sua condição de presidenta, mas como uma argentina que “nunca vai deixar de amar sua Pátria”. A essa negação de que seu lugar de dizer seja o de presidenta e sim o da “companheira Cristina” segue outra: “nunca vou deixar a responsabilidade que tenho como militante, já não como dirigente, como militante, como uma de vocês e junto a vocês e sempre junto a vocês”. Assim, seu vínculo com esse projeto patriótico é colocado no mesmo lugar do de seus alocutários. Nesse sentido, cabe trazer a afirmação de Zoppi-Fontana (ibid., p. 92):

o funcionamento da figura do porta-voz e dos processos de identificação pelos quais o povo e mandatário são representados como o mesmo, permite que a função de locutor não seja preenchida pelo sujeito do discurso e a palavra política apareça enunciada diretamente pelo “povo” constituído em enunciador desta SD.

desencadeou manifestações massivas, que culminaram na liberação de Perón nove dias depois, dia 17 de outubro de 1945. Desde então, nessa data é celebrado o “Día de la Lealtad”, uma importante data comemorativa do peronismo, que rememora tais manifestações.

⁷⁶ Vídeo não localizado em nossas fontes

Esses modos de dizer que implicam um forte processo de interpelação, e portanto, fazem com que as palavras da mandatária sejam tomadas pelos jovens como se partissem deles mesmos. A voz de todos representada na voz dessa locutora porta-voz. Apesar de, no caso da SD 20, o “nosotros/nós” inclusivo, que já observamos em outros fragmentos, ser substituído por um “yo/eu” em contraposição a um “ustedes/vocês”, tal diferenciação explicita o papel de Presidenta cumprido pela locutora ao posiciona-la de forma distinta dos demais, mas ao mesmo tempo reafirmar a “pessoa comum” por trás desse papel de presidenta e porta-voz que lhe foi delegado, a Cristina companheira, a Cristina militante, a Cristina que, em sua juventude, antes de estar na posição de Presidenta, ocupava o espaço da Praça de Maio nas manifestações contra a ditadura, “uma de vocês”. É dizer, a diferenciação aqui construída é localizada novamente no elemento geracional. CFK passou por uma transição para se tornar presidenta, para “assumir o bastão”, o que deve também acontecer a essa juventude que a acompanha, “as novas gerações”.

Na SD 21, tomamos um fragmento do PM de 31 de julho de 2014, no Pátio Malvinas Argentinas⁷⁷. De novo, vemos a representação do movimento da história como análogo ao movimento das gerações. Neste caso, o fragmento se inicia quando o sujeito reflete sobre a exterminação do outro (o que, do ponto de vista aqui adotado, seria o Outro negativo), própria da ditadura:

SD 21 siempre hubo esas fantasías macabras de exterminar al otro, la dictadura tuvo la fantasía macabra de que iba a exterminar diezmando a una generación o a varias generaciones enteras, iba a enterrar los sueños de un país mejor, de un país más justo, de un país con fábricas, con científicos, con trabajadores, con maestros, con educación. No se puede exterminar el futuro, porque el futuro siempre te alcanza tarde o temprano.

Y acá está la JP, vieron, tampoco pudieron y uno de ellos, que el 25 de mayo del '73, estaba en la Plaza, terminó 30 años después sentado en el sillón de Presidente. Vieron que con la historia no se puede. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.118)

Aqui, a ditadura é colocada como uma tentativa do Outro negativo, não participante do coletivo de identificação, de interromper o movimento das gerações que conformam essa coletividade. A tentativa de “dizimar uma ou várias gerações inteiras” é trabalhada como um paralelo de “enterrar os sonhos” de um determinado projeto de país, os sonhos carregados pelas gerações que se reciclam nessa construção e que aglutinam tal coletivo. Na sequência, aparece

⁷⁷ Vídeo não localizado em nossas fontes

a figura de NK como “um deles” que foi membro da JP (Juventude Peronista), “que naquele 25 de maio de 73 estava na Praça, e terminou 30 anos depois sentando na cadeira de Presidente”. Reforçando a ideia de proximidade entre o casal presidencial e os jovens que ocupam o pátio através do deslocamento não apenas nas funções cumpridas pelas gerações no movimento de transição geracional, mas também um deslocamento corpóreo do espaço da Praça (que como vimos, em PsMs é transferida para dentro dos pátios da Casa Rosada) para o espaço da cadeira de presidente, o espaço de poder a ser ocupado por esses jovens no futuro. Os dizeres “e aqui está a JP” também reforça a ideia de uma continuidade. A Juventude Peronista do passado que segue presente, ideia expressa pelo dêitico “aqui”.

Para seguirmos analisando a dimensão temporal em conexão com a identificação criada pela ideia de um projeto compartilhado, vejamos mais um fragmento, de um PM ocorrido em 31 de julho de 2014, na Galeria dos Patriotas Latino-americanos⁷⁸:

SD 22 [10:37 min] Para mí la historia no es la próxima elección, para mí la historia no es el calendario electoral, **para mí la política es, precisamente, la historia, la historia de generaciones y generaciones que lucharon por un país mejor**. Yo me siento comprometida con esas generaciones, con las que pasaron, con las que están y con las que vienen. Ese es mi verdadero calendario electoral. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.114)

Neste excerto, o sujeito do discurso nega um conceito de “história” para colocá-lo em relação com a “política”: “para mim, a política é, precisamente, a história”. Assim, a política e sua execução no presente é um acúmulo de tempos. Ao expressar essa nova concepção da história, ela também se contrapõe àqueles que concebem a política como “a próxima eleição”, “o calendário eleitoral”, ou seja, uma noção que não prevê a acumulação histórica, que vê presente, passado e futuro como entes independentes.

Podemos dizer, então, que o procedimento da genealogia da juventude constrói um coletivo de identificação que não só nucleia sujeitos de distintas gerações, mas também produz um sentido de acúmulo de tempos que se condensam: rememoração do passado, afirmação do presente, e projeção de futuro se interconectam e se apresentam como um processo único: a construção de um “projeto de país”, de um “gran movimiento nacional y popular”, como havíamos visto anteriormente.

Do ponto de vista da temporalidade da enunciação, como já abordamos, Guimarães

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NRy1qWpbBBs&t=624s>> Acesso em 01/04/2023

(2002) nos coloca que o ato mesmo de enunciar localiza o enunciado na história, o temporaliza ao retomar um memorável constituído por enunciações passadas, instaurar um presente e projetar uma latência de futuro. Essa nova instauração de uma temporalidade faz com que o enunciado signifique pelo que traz de memória e o que projeta de expectativa. Para o autor, portanto, todos esses tempos coexistem na enunciação e significam em seu conjunto.

Esse conceito de temporalidade apresentado por Guimarães retoma o que Pêcheux (2014) havia caracterizado como o efeito de esquecimento do sujeito do discurso. Ou seja, apesar de em sua materialidade o discurso se apresentar enquanto um acontecimento do presente, em sua constituição ele instala essa nova temporalidade através da memória que necessariamente evoca. Nos discursos que estamos analisando, observamos um funcionamento de que o próprio enunciado posiciona a si mesmo na história, enuncia a sua historicidade.

Com base nesses apontamentos de Guimarães, vemos reforçada a já mencionada relação entre essas juventudes e os conceitos de política/história, e vemos como essa “juventude militante”, que incorpora diversas gerações, se apresenta como parte da história política nacional argentina e mais que isso, como ator protagonista em sua construção. A genealogia da juventude, portanto, é o que conforma a história e a política, que se constituem na transição de uma geração à outra desse compromisso de construção da política nacional e do país.

Podemos observar os aspectos mencionados também no seguinte fragmento de um PM em 2 de abril de 2014, na Galeria dos Patriotas Latino-americanos⁷⁹:

SD 23 [28:08 min] Por eso, hoy somos algo más de lo que éramos.
Fuimos sumando.
Y eso es, de eso se trata la política, de ir sumando todo lo positivo y lo que equivocamos rectificarlo.
[...]
En realidad, yo les agradezco infinitamente el amor, el amor de todos estos años y estoy absolutamente convencida de que **hemos sembrado en tierra fértil.** (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.83, grifos nossos)

A imagem da soma retoma a ideia da acumulação de tempos, de uma construção que se iniciou no passado e a qual a juventude do presente dá continuidade. Também nesse sentido, aparece a imagem da “siembra/semeadura” que coloca a ação política do passado e do presente como um mesmo processo, algo que foi semeado no passado e que está germinando. O

⁷⁹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aqaiiS8Rgng&embeds_euri=https%3A%2F%2Fwww.cfkargentina.com%2F&feature=emb_logo> Acesso em 13/03/23.

“nosotros/nós” inclusivo que aparece no primeiro fragmento em “hoje somos algo mais do que éramos, fomos somando” nucleia essas distintas gerações, tendo como referente este coletivo de identificação mais amplo intergeracional. Em fragmento seguinte, esse “nosotros/nós” inclusivo é substituído por um “yo/eu” que se dirige à juventude: “eu lhes agradeço infinitamente o amor, o amor de todos esses anos e estou absolutamente convencida de que semeamos em terra fértil”. Aqui, o fragmento se inicia dando lugar a este “yo/eu” que se dirige a um “ustedes/vocês”, marcando uma delimitação, mas na sequência, ela dá lugar novamente a um “nosotros/nós” em “semeamos em terra fértil” que apresenta uma indefinição em relação a qual dos dois coletivos faz referência.

Abaixo vemos um excerto de 22 de janeiro de 2014, em PM realizado no Pátio Malvinas Argentinas⁸⁰:

SD 24 [15:23 min] Yo nunca vi en una movilización pese a que muchos de los que **marchábamos** lo **hacíamos** con nuestras parejas, besarse en una movilización. Y, sin embargo, en las movilizaciones de **ustedes** veo a los chicos que están de novios besarse en medio de una movilización, alegres, felices con sus compañeras, con amor, con esperanza. Y entonces digo, **hemos construido** una juventud sin odios, **hemos construido** una juventud con amor, con amor por la política, con amor por la paz, con amor por la Patria, sí, por la Patria, los jóvenes, jóvenes que aman a la Patria

[...]

Todo esto revela que estamos en otra época, en otra etapa de la verdad, que el sacrificio valió la pena, valió la pena porque hoy hay un montón de jóvenes. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.47, grifos nossos)

No fragmento acima podemos ver como se materializam, no próprio discurso, os efeitos dessa operação discursiva que denominamos “construção de uma genealogia da juventude”. Fica explícita a genealogia pois CFK começa referindo-se à juventude da sua geração, que se apresenta com o uso de um “nosotros/nós” exclusivo em “marchábamos/marchávamos” e “hacíamos/facíamos”. Logo, é construída uma contraposição entre a geração anterior e a presente, marcada pelo uso de “ustedes/vocês” na descrição das manifestações da geração atual. Na sequência, porém, a dicotomia “nosotros-ustedes” é desmontada, dando lugar a um “nosotros/nós” inclusivo: “hemos construido/construímos”, que envolve locutora e interlocutores. Mais adiante a dicotomização é novamente deslocada, pois a caracterização da juventude do presente como sendo uma juventude sem ódios, com amor à política, à paz e à

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nMjpiTjO-vw>> Acesso em 13/03/23

Pátria dá lugar à um outro conjunto que representa a negação desses valores, ou seja, a contraposição implícita não é mais em relação à juventude do passado, mas sim a um novo coletivo que não é identificado: “aqueles que não amam a pátria”. A menção a uma “nova etapa da verdade” também contribui na composição desse outro, construído como o antagonismo da “juventude militante” enquanto coletivo, mas que não é nomeado.

Para seguirmos avançando da análise do ponto de vista da interlocução entres CFK e os jovens de PsMs, achamos relevante trazer uma sequência discursiva de 1 de julho de 2015, no Pátio das Palmeiras⁸¹. Nela, no meio do discurso da presidenta, os jovens cantam uma canção em coro e na sequência CFK retoma a palavra:

SD 25 [18:35 min]

Jovens: Somos la gloriosa Juventud Peronista, somos los herederos de Perón y de Evita,
a pesar de las bombas, de los fusilamientos, los compañeros muertos,
los desaparecidos
¡No nos han vencido! (transcrição nossa)

CFK: Cuando ustedes cantan esa consigna, que es **una suerte de consigna puente, como que une y salda historias**. Historias que nos tocaron vivir a nosotros cuando teníamos la edad de ustedes y que no fueron tan buenas. Y yo siento, tal vez sea demasiado pretencioso lo que digo, pero siento que estoy saldando o siento el puente de lo que no se pudo hacer por errores, por dogmatismos, por cuestiones históricas también de contextualización, no se puede nunca analizar hoy sin tener en cuenta lo que era el mundo hace 30 o 40 años atrás.

Pero siento que estamos construyendo un puente para lo que viene, para que **ustedes, que son las nuevas generaciones**, que deben formarse, que deben educarse porque les estamos dando los instrumentos para que lo hagan, no desaprovechen la oportunidad de estudiar, de prepararse, de capacitarse, por favor. (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.188, grifos nossos)

Observamos nos discursos de PsMs muito frequentemente, como mencionamos em nosso primeiro capítulo, interações do público das mais diversas formas, seja através de gestos e manifestações corporais, o uso de bandeiras e cartazes, ou as consignas e canções, entoadas em coro pelos jovens em diversos momentos ao início dos discursos ou mesmo atravessando a enunciação de CFK, o que provoca interrupções, para que logo o discurso seja retomado. De certa forma, podemos dizer que as interações dos jovens por via das consignas podem ser consideradas uma desestabilização do esquema do porta-voz, pois os alocutários do discurso

⁸¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XecCJs--gaE&t=30s>> Acesso em 17/04/2023.

se convertem em locutores. Assumem a palavra para tomar lugar na interlocução e de alguma forma conseguem pautar aquilo que a porta-voz, CFK, abordará na sequência, em resposta ao canto. A voz dos interlocutores, portanto, neste momento específico, se coloca na enunciação e é absorvida por CFK. O processo de homogeneização das vozes permanece, mas dessa vez quem pauta o dito são os jovens, e suas vozes se convertem na voz de uma coletividade da qual CFK faz parte.

Na canção em questão, na SD 25, o uso da primeira pessoa do plural expõe um “nosotros/nós” que, em um primeiro momento, se delimita como “a gloriosa juventude peronista” e que se enunciam enquanto herdeiros de uma anterioridade. Em uma terceira ocorrência da segunda pessoa do plural: “No nos han vencido/não nos venceram”, a referenciação desse “nosotros/nós” muda, e temos um nós inclusivo que envolve os enunciadores mas também Perón, Evita, a tradição de militantes argentinos, e a própria CFK. Essa inclusão de Perón e Evita na referenciação da primeira pessoa do plural fica clara por conta dos versos anteriores: “apesar das bombas, dos fuzilamentos”, que retoma acontecimentos históricos dos quais fisicamente os Locutores não fizeram parte, portanto, quando há a afirmação de que não foram vencidos, o lugar desse locutor é ampliado para um *L-juventude de todas as gerações*.

Os sentidos que aí se constroem envolvem uma compreensão da ação militante como algo inscrito na história, marcado principalmente pelo uso da primeira pessoa do plural inclusiva. Ao dizerem “nosotros/nós” se referem a nós-juventude de todas as gerações, identificam essa temporalidade de acúmulo de tempos, uma vez que faz parte desse memorável militante a construção do sentido de coletividade e retomada das raízes, a construção de um projeto coletivo que se dá ao longo do tempo, e por esse motivo é possível nuclear a juventude atual no coletivo de militantes que passaram “pelas bombas e fuzilamentos”. É também por isso que nesse espaço de enunciação se constitui um locutor necessariamente coletivo, materializado em um coro de vozes sobrepostas, e já não mais apenas na enunciação de CFK na qualidade de porta-voz.

A temporalidade que se instaura nessa representação é um presente com o acúmulo do passado e a projeção de um futuro, ou seja, o projeto de país do qual vínhamos falando, mas que também podemos colocar no campo da *utopia*. E observamos nas consignas uma função de ânimo da militância, de resgatar o importante passado histórico, o memorável das lutas que vieram antes, e também a presentificação de uma utopia do futuro almejado a ser construído. Podemos dizer, portanto, que o discurso dos jovens militantes, ao representar sua temporalidade de forma histórica e acumulativa, tenta subverter o esquecimento incontornável

da língua, está na sua essência tentar fazer isso, tentar contornar o incontornável, construir o impossível, a utopia. Isso passa pela tarefa histórica dos militantes de fazer a disputa ideológica e a disputa da memória, lutar contra o esquecimento. Nessa disputa dos sentidos, nenhum militante começa do zero, o canto de hoje só foi possível por conta do canto dos que vieram antes, e por isso um “nós”: “Nós não fomos vencidos”. É como se todos os lutadores de todas as gerações fossem o mesmo, uma mesma luta que se edifica, se inscreve na história e se enuncia enquanto tal, condicionando esse local coletivo do dizer e disputando sentidos.

A resposta dada por CFK (SD 25) ao canto dos jovens reforça essa ideia. O fragmento se inicia com um “ustedes/vocês” em referência aos jovens: “quando vocês cantam essa consigna, que é uma espécie de consigna ponte, como que une e salda histórias. Histórias que tivemos que viver quando tínhamos a idade de vocês e que não foram tão boas”. Se contrapõe aí um “nosotros/nós”, que viveram esses acontecimentos históricos e um “ustedes/vocês”, os jovens, que não viveram, mas que são posicionados como os sujeitos protagonistas que cantam essa consigna ponte que une essas histórias, que tece essa genealogia entre as duas gerações de jovens. A imagem do “saldo” de uma dívida histórica, que é colocada como uma atribuição dos jovens, também reforça a ideia de um mesmo projeto que aglutina as gerações. A dívida de CFK e sua geração é saldada pelos jovens, que farão o que não se pôde fazer no passado.

A aglutinação dessas gerações em um mesmo coletivo fica explícita em nossa SD 26, de 2 de abril de 2014, na Galeria dos Patriotas Latino-americanos, discurso já mencionado em nosso segundo capítulo⁸²:

SD 26 [10:56 min] Recién cuando venía, bajaba del estrado, porque tengo que hablar sentada por la pata⁸³, me paró Hebe y me dijo: “No, no te equivoques - me dice - nuestros hijos están ahí con todos tus pibes”. Ustedes son. Gracias, muchas gracias (transcrição retirada de CIRELLI, 2016, p.78)

Neste fragmento, é evocada a memória da ditadura militar através do relato de um diálogo entre CFK e Hebe Bonafini⁸⁴ durante um PM no qual Hebe afirma que “nossos filhos”, ou seja, os militantes mortos e desaparecidos pela ditadura estavam ali presentes “com todos os seus meninos”, referindo-se à juventude atual que assiste ao discurso de CFK. A imagem da

⁸² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aqaiiS8Rgng&t=3s>>. Acesso em 14/06/23

⁸³ No dia 17 de março de 2014, em viagem a Roma, CFK havia sofrido uma torção no tornozelo pelo qual estava, no momento do referido discurso, com a perna imobilizada por uma tala.

⁸⁴ Hebe Bonafini é uma das fundadoras das *Mães da Praça de Maio*, organização composta por mães de assassinados e desaparecidos pela ditadura militar argentina.

presença dos jovens mortos e desaparecidos nos pátios, junto à juventude dos PsMs, não só contribui para a nucleação de todos esses em um mesmo coletivo de identificação, mas também constrói a representação de uma continuidade no trabalho dessas gerações. Se no período da resistência à ditadura essa juventude tomava a Praça de Maio, na área externa da Casa Rosada, e muitos foram mortos e desaparecidos, representando um não-lugar para esses jovens na política nacional, na atualidade de PsMs a representação construída é a de que as novas gerações saldaram essa história, uma membra dessa mesma geração ocupa o *balcón*, e os jovens, nos pátios internos da casa de governo, ocupam o espaço de poder, mas não o fazem sozinhos, já que essa anterioridade está ali presente. Aqueles jovens do período da ditadura estão lá, encarnados nessa juventude atual.

CFK, na sequência, reforça essa ideia de fusão entre essas gerações dizendo, agora dirigindo-se à juventude: “vocês são”, fortalecendo a representação da juventude atual como uma encarnação daquela juventude da ditadura: vocês são. Vocês são esses jovens, vocês são essa história, vocês são essa acumulação do que veio antes. Vocês são.

O sintagma “ustedes/vocês”, em lugar do que poderia ser um “nosotros/nós” inclusivo, nesse contexto, traça novamente uma delimitação entre a posição ocupada por CFK e os jovens que a escutam, reforçando a representação da juventude atual enquanto projeção de futuro: Vocês são essa futuridade, vocês saldarão essa história. Ou seja, apesar de haver uma nucleação de todas as gerações de jovens em um mesmo coletivo de identificação que carrega esse projeto, a imagem das juventudes anteriores que já não estão mais fisicamente, mas estão entre as novas gerações enquanto acumulação histórica, enquanto projeto compartilhado, traz ao primeiro plano a imagem da ausência-presente. Um acúmulo que se carrega, mas ao mesmo tempo a “passagem do bastão”, uma ausência que responsabiliza esses novos jovens a seguirem carregando esses objetivos compartilhados: Vocês são. A genealogia construída, portanto, contribui na identificação entre todas as gerações, mas ao mesmo tempo na diferenciação de suas responsabilidades, construindo uma projeção de futuro no qual as velhas gerações já não estarão mais da mesma maneira, ou seja, fisicamente.

A construção de uma genealogia da juventude, portanto, representa esta enquanto sujeito político através da construção que conecta diversas juventudes intergeracionalmente: a dos anos 70, a contemporânea e a projeção de juventude do futuro, em uma representação da temporalidade que funde o acúmulo da militância desses distintos períodos e representa esses coletivos como parte de um único processo. Dessa forma, é possível observar como a operação de construção de uma genealogia da juventude, em conjunto com as outras duas operações apontadas por este trabalho: o testemunho e a construção do Outro negativo, contribuem na

construção de um coletivo de identificação que aglutina CFK e seus interlocutores, e representa esse coletivo como partilhadores de uma histórica e um compromisso futuro comuns.

Considerações Finais

Iniciamos este trabalho, em nosso prefácio, delimitando nosso objetivo como sendo: abordar como os Patios Militantes (PsMs) interpelam a juventude e compõem o processo de construção de uma relação entre o kirchnerismo e esse setor social.

Compreendemos, a partir de uma breve contextualização histórica, que a partir do ano de 2013, na Argentina, começam a ter lugar os chamados *Patios Militantes* (PsMs), momentos em que a então presidenta Cristina Fernández de Kirchner recebia as juventudes de organizações de sua base de apoio nos pátios da Casa Rosada, proferindo discursos que sucediam suas cadeias nacionais. Os PsMs se tornaram recorrentes, sendo momentos de interlocução direta com a militância política jovem ao longo de todo o seu segundo mandato. Em nosso primeiro capítulo, trabalhamos na caracterização desses momentos enquanto *cenar enunciativas* (Guimarães, 2017) que compunham uma determinada *cenografia* (Maingueneau, 2008) e para as quais tinha grande relevância o espaço do *balcón* e a figura do *porta-voz* justamente na construção dessa cena no imaginário do povo argentino. Apontamos, a partir desses elementos, como a cena prototípica (Lagazzi, 2015) do *balcón* no espaço da Praça de Maio - que remonta tanto à independência argentina quanto ao peronismo -, é deslocada em PsMs para os pátios internos da Casa Rosada, posicionando CFK enquanto porta-voz dos jovens que simbolicamente ocupam o espaço de poder, a casa de governo.

A partir do contexto histórico e da caracterização dos PsMs, feitas em nosso prefácio e capítulo 1, identificamos, em nosso segundo capítulo, que a montagem de tal cena enunciativa, que posicionava CFK no papel de líder e porta-voz, passa por um importante recurso, o *testemunho*, relatos em primeira pessoa nos quais CFK rememorava a ditadura militar argentina, entre os anos de 1976 e 1983, vivenciada por ela, mas não pelos jovens que a escutam. Dessa forma, em PsMs, o contexto de assunção da palavra posiciona CFK enquanto locutora em um lugar do dizer de legitimidade. Nessa cena enunciativa (Guimarães, 2002), como já dito, aquela que fala não é a pessoa no mundo, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. Isso posiciona CFK não só enquanto a fonte legitimada desse dizer, mas também a ponte possível entre a juventude da geração de 70 e a juventude atual. Nesse sentido, outro elemento levantado por nós com base em Sarlo (2007), Salerno (2022) e Raiter (2013) é que a rememoração do passado contribui na construção de sua significação no presente, e, portanto, se insere em uma “retórica da persuasão” (Sarlo, 2007, p. 49). Como uma segunda regularidade presente nesses discursos, apontamos a *construção de um Outro negativo*, a partir da função

polêmica, delimitando um adversário. Esse Outro negativo, segundo vimos com base em Martinez (2013) e Montero (2012), é configurado a partir de uma linha de continuidade que conecta os agentes da ditadura militar, nas décadas de 70 e 80, e do neoliberalismo, nos anos 90, colocando um processo como a continuidade do outro, e nucleando esses sujeitos todos em um mesmo coletivo que é o Outro negativo. Dessa forma, em nosso capítulo 2, observamos a construção discursiva de um “nós” e um “eles”, apontada por Dagatti (2012), Verón (1987) e Verón e Sigal (2014) como uma regularidade presente no discurso político.

Em nosso terceiro capítulo, a partir das conclusões levantadas, pudemos identificar que a construção do coletivo de identificação kirchnerista aliada ao recurso a rememoração do período da ditadura através dos testemunhos, bem como a delimitação desse coletivo com relação a um Outro negativo, são elementos que nos permitem observar a construção discursiva de um coletivo de identificação específico, que podemos nomear *a juventude militante*. Esse coletivo é representado aglutinando a juventude do passado, a juventude atual e a projeção de juventude do futuro. Essa construção identitária, como vimos, será usada como forma de interpelar a juventude do presente de modo a construir um espaço de legitimação dos governos de CFK.

No terceiro capítulo observamos, portanto, uma operação discursiva de construção de uma “genealogia da juventude militante”. Nela se conectam a juventude da geração de 1970 (da qual a mandatária faz parte) e a juventude militante da atualidade, em uma construção da temporalidade que funde o acúmulo da juventude do passado, do presente e a projeção de futuro. Mediante esse procedimento discursivo, localiza-se a ação militante dos jovens da atualidade em uma linha sucessória de uma construção da política nacional que se inicia antes deles e que continuará no futuro. O trabalho com a memória com relação ao que foi o período da ditadura militar nesse país garante uma forte potência ao imaginário retomado no discurso de CFK através do gênero testemunhal, imprimindo também um senso de responsabilidade à juventude atual na continuidade dessa construção histórica. Por outro lado, também se configura um inimigo comum, um Outro negativo que não faz parte desse coletivo e dessa genealogia, mas que também contribui para a configuração deste grupo de identificação. Dessa forma, a juventude é interpelada à ação política e colocada nesse lugar de responsabilidade pela continuidade da ação, em contraposição aos opositores, o que se materializa no apoio ao governo e posiciona a própria CFK como a encarregada de conduzir o processo e estabelecer essa conexão intergeracional.

Ao final deste trabalho, cabe destacar que essas operações discursivas presentes nos discursos de CFK em PsMs não se apresentam de forma separada, pelo contrário, mantêm

relações de mútua complementação, sendo possível apontar a configuração de um coletivo de identificação como um eixo central ao redor do qual elas se articulam. Após todos os elementos levantados por este trabalho, é possível observar que tal coletivo de identificação é fortemente marcado pela figura de uma porta-voz, CFK, líder desse grupo de jovens que se articulam ao seu redor inclusive na configuração espacial de PsMs.

Retomando uma reflexão proposta em nossa introdução, nos parece especialmente relevante observar a contradição estabelecida em PsMs, que funcionam como espaço de participação, no qual os jovens são representados como ocupando o espaço de poder dos pátios internos da Casa Rosada, mas ao mesmo tempo tem em CFK uma intermediadora dessa participação, uma porta-voz que enuncia suas palavras em nome de todos. Os deslocamentos produzidos em relação à cena prototípica de Perón discursando do *balcón* contribuem na construção de uma cenografia, como o próprio Cirelli define no subtítulo de seu livro, de “diálogo de Cristina com os jovens”. Ao mesmo tempo, a configuração da figura do porta-voz cumpre um papel de desestabilização dessa cenografia de diálogo. Podemos dizer, portanto, que a interpelação desses jovens na composição do processo de construção de uma relação entre o kirchnerismo e a juventude carrega essa marca fundamental.

Referências Bibliográficas

ABOY CARLÉS, Gerardo. Populismo y Democracia en la Argentina Contemporánea. Entre el Hegemonismo y la Refundación. Estudios Sociales, 2005

BALSA, Javier. Apresentação. Sobre lógicas y discursividades. In: Javier Balsa (comp.), *Discurso, política y acumulación en el kirchnerismo*. Buenos Aires: CCC-UNQUI, 2013. Disponível em: [<https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.921/pm.921.pdf>]. Acesso em 23/11/2022.

BATISTA, Paulo Nogueira. O consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. São Paulo: Pedex, 1994. Disponível em: [<http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Consenso%20de%20Washington.pdf>]. Acesso em 31/11/2022

BRAGA, Lisandro Rodrigues. Crise de acumulação e contestação social generalizada na Argentina contemporânea (2001). In: *Lutas Sociais Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP*, 2016. Disponível em: [<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/33110/pdf>]. Acesso em 6/12/2022

CARRERA, Iñigo Nicolás; COTARELO, Maria Celia. La insurrección espontánea. Argentina. Diciembre de 2001. Programa de Investigación sobre el Movimiento de la Sociedad Argentina (PIMSA), 2003. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v8_nicolas_celia.pdf]. Acesso em 6/12/2022

_____. Génesis y desarrollo de la insurrección espontánea de diciembre de 2001 en Argentina. In: *Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina*. Buenos Aires, CLACSO, 2006.

CIRELLI, Gustavo. Patios Militantes: Diálogos de Cristina con los jóvenes. La construcción de una nueva mayoría. Buenos Aires: Gráfica Patricios, 2016.

DAGATTI, M. Aportes para el estudio del discurso político en las sociedades contemporáneas. El caso del Kirchnerismo. *De Signos y Sentidos*, v. 1, n. 13, p. 52-82, 2012. Disponível em: [<https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/DeSignosySentidos/article/view/4090>]. Acesso em 8/11/2022

DI MARCO, Laura. La Cámpora Historia Secreta de los herederos de Néstor y Cristina Kirchner. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012

ESCODÉ, Carlos. Festival de licuaciones Causas y consecuencias de la pobreza en Argentina, 1975-2005. Buenos Aires: 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/6307473/Festival_de_licuaciones_causas_y_consecuencias_de_la_pobreza_en_la_Argentina]. Acesso em 6/12/2022

FLAX, Rocío. La caracterización de la juventud peronista en el discurso de Cristina Fernández de Kirchner. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 16 (1). Buenos Aires, 2015

FRIDERICHS, Lidiane. Transição democrática na Argentina e no Brasil. *Desigualdades e rupturas*. Aedos, v 9, n 20, p. 439-455, 2017

GUIMARÃES, Eduardo. (1987). *Texto e Argumentação*. 2a. ed.; Campinas: Pontes, 2001

_____. Enunciação e acontecimento. In: *Semântica do acontecimento um estudo enunciativo da designação*. 4a ed; Campinas: Ed. Pontes, 2017

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

LAGAZZI, Suzy. Paráfrase da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória do equívoco. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nádia; GALLO, Solange. *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2015.

LARA PIMENTEL, Renata Marcelle. Porta-Voz. In: *Glossário de termos do discurso - edição ampliada*, org: Maria Cristina Leandro-Ferreira, 1ed, Campinas: Pontes, 2020

LUCIANI, Laura. Juventud en dictadura: representaciones, políticas y experiencias juveniles en Rosario (1976-1983). Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Universidad Nacional de Misiones; Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. org: Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2008

MARTÍNEZ, Fabiana. Aproximación a algunos tópicos del “discurso kirchnerista”. In: Javier Balsa (comp.), *Discurso, política y acumulación en el kirchnerismo*. Buenos Aires CCC-

- UNQUI, 2013. Disponível em:
[<https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.921/pm.921.pdf>]. Acesso em 02/05/2023
- MONTERO, Ana Soledad. Y al final un día volvimos: usos de la memoria en el discurso kirchnerista (2003-2007). Buenos Aires, Prometeo libros, 2012
- NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. La dictadura argentina (1976-1983): del golpe de Estado a la restauración democrática. Buenos Aires: Paidós, 2003
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (1942). O que é linguística. 2a. ed.; São Paulo: Brasiliense, 2009 (Coleção Primeiros Passos; 184)
- _____. (1999). Análise do discurso: princípios e procedimentos. 12a. ed.; Campinas: Pontes, 2015
- PÊCHEUX, Michel. Memória e produção discursiva do sentido. In: *Papel da Memória* trad: José Horta Nunes. Editora Pontes, 1999.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamento. In: *Cadernos de estudos Linguísticos*. Campinas, SP. Disponível em:
[<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>]. Acesso em: 28/04/2023.
- _____. A forma-sujeito do discurso na apropriação subjetiva dos conhecimentos científicos e da política do proletariado. In: *Semântica e Discurso*. Editora Unicamp, 2014
- PUJOL, A. Sérgio. Rebeldes y modernos. Una cultura de los jóvenes. In: JAMES, Daniel. *Violencia, proscripción y autoritarismo: 1955-1976 - 3ª ed - Buenos Aires: Sudamericana, 2007*
- RAITER, Alejandro. ¿Existe una lógica discursiva kirchnerista? Constancias y alternancias. In: Javier Balsa (comp.), *Discurso, política y acumulación en el kirchnerismo*. Buenos Aires CCC-UNQUI, 2013. Disponível em:
[<https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.921/pm.921.pdf>]. Acesso em 02/05/2023
- RINESI, Eduardo. Ciudades, teatros y balcones. Buenos Aires: Paradiso, 1994
- SALERNO, P. “Vivíamos bajo la amenaza constante”. Las secuencias testimoniales en los discursos de CFK sobre Malvinas. *RASAL Lingüística*, Buenos Aires, Argentina, n. 2, p. 23–

47, 2021. Disponível em: [<https://rasal.sael.org.ar/index.php/rasal/article/view/130>]. Acesso em: 02/05/2023

SANTARCÁNGELO, Juan E, PINAZO, Germán. La industria argentina en el largo plazo. 1976-2007. Asociación argentina de historia económica. Universidad de Tres de Febrero. Caseros: 2008. Disponível em: [<http://xxijhe.fahce.unlp.edu.ar/programa/descargables/SantarcangeloPinazo.pdf>]. Acesso em 02/05/2023

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

_____. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SVAMPA, Maristela. Argentina, una década después. Nueva Sociedad, n 235, p. 17-34, 2011.

TRIBEN, Mariana Gómez. Patios Militantes: ritual y mediatización. Los discursos de Cristina Fernández de Kirchner a la juventud. Universidad de Buenos Aires Facultad de Ciencias Sociales e Ciencias de la Comunicación, Febrero 2018

VERÓN, Eliseo. La palabra adversativa. In: *El discurso político lenguajes y acontecimientos*. Hachete: 1987. Disponível em: [<http://semiotica2a.sociales.uba.ar/wp-content/uploads/sites/79/2015/03/Veron-Adversativa.pdf>]. Acesso em 8/11/2022

VERÓN e SIGAL. Perón o Muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Eudeba, 2014

VEZZETTI, Hugo. Pasado y Presente: Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Cidadãos Modernos: Discurso e Representação Política. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

Bibliografia Consultada

ARNOUX, Elvira Narvaja de e DI STEFANO, Mariana. Discursividades Políticas: en torno de los peronismos (org). Colección Elementos. 1a ed. Buenos Aires: Cabiria, 2017

BERMÚDEZ, Nicolás. La construcción kirchnerista de la memoria. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, 2015

CARELLA, Camila Daniela. Cristina Fernández y el Patio Militante: La construcción del puente generacional entre CFK y la juventud kirchnerista. Universidad de Quilmes, 2017

DAGATTI, Mariano. La vida por las ideas. Los discursos públicos de Néstor Kirchner (2006-2009). Villa María: Eduvim, 2019.

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002). Editora 34. 1a ed. 2004

FONSECA, Carlos Augusto dos Santos. Recuperação do passado no discurso de Hugo Chávez: Um recorte de Aló, presidente (2006-2012) São Paulo, 2019. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

HAGMAN, Itai. La argentina kirchnerista en tres etapas: Una mirada crítica desde la izquierda popular. Cuadernos de Cambio 1. 1aed. Buenos Aires: 2014

HOROWICZ, Alejandro. Peron llega al poder. In: *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1986

ORLANDI, Eni P. Autoria e Interpretação. In: *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PELLEGRINI, Santiago Javier. Cristina Fernández de Kirchner y los patios militantes: estrategias discursivas en torno a la salida institucional de una líder popular. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Sociales, 2018

PEÑA, Milcíades. História del pueblo argentino - 2a ed. Buenos Aires: Emercé, 2012

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Ponto de vista: o ponto cego das teorias da polifonia. Universidade Estadual de Campinas, 2015.